

Adriana Varani  
Bruna Brito da Silva  
Carollina Martins de Paiva Ribeiro  
Guilherme do Val Toledo Prado  
Inês Ferreira de Souza Bragança  
Juliana Rink  
Mateus Henrique do Amaral  
*(Orgs.)*

# NARRATIVAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

COTIDIANOS ESCOLARES,  
UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO

**Narrativas pedagógicas em  
tempos de pandemia:  
cotidianos escolares, universidade e formação**





**Adriana Varani**  
**Bruna Brito da Silva**  
**Carollina Martins de Paiva Ribeiro**  
**Guilherme do Val Toledo Prado**  
**Inês Ferreira de Souza Bragança**  
**Juliana Rink**  
**Mateus Henrique do Amaral**  
(Organização)

**Narrativas pedagógicas em  
tempos de pandemia:**  
**cotidianos escolares, universidade e formação**



**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Adriana Varani; Bruna Brito da Silva; Carollina Martins de Paiva Ribeiro; Guilherme do Val Toledo Prado; Inês Ferreira de Souza Bragança; Juliana Rink; Mateus Henrique do Amaral [Orgs.]**

**Narrativas pedagógicas em tempos de pandemia: cotidianos escolares, universidade e formação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 204p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-2177-9 [Impresso]**

**978-65-265-2178-6 [Digital]**

1. Narrativas pedagógicas. 2. Pandemia. 3. Cotidiano escolar. 4. Formação docente. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Marcos Della Porta

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2025

## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Prefácio</b>   | <b>9</b>  |
| Corinta Maria Grisolia Geraldi  |           |
| <b>Prefácio</b>   | <b>13</b> |
| Leila Munhoz Silva e Viviani Domingos Castro                                |           |
| <b>Apresentação</b>   | <b>17</b> |
| <b>Lista de siglas</b>  | <b>21</b> |
| <b>Parte I: Narrativas em tempos de isolamento social</b>                   |           |
| <b>Sentimentos dentro da pandemia</b>                                       | <b>25</b> |
| Arieta Marafon Fabrício   |           |
| <b>Freinet, em tempos de pandemia: das rodas de texto livre aos ateliês</b> | <b>27</b> |
| Barbara Renata Pereira Cruz   |           |
| <b>A Mágica da Residência Pedagógica e do Freinet</b>                       | <b>33</b> |
| Barbara Renata Pereira Cruz   |           |
| <b>É possível, mas não sozinho, e dá trabalho!</b>                          | <b>47</b> |
| Barbara Renata Pereira Cruz   |           |
| <b>Encontros afortunados em tempos de pandemia</b>                          | <b>57</b> |
| Estefani Aparecida Ferreira de Araújo                                       |           |
| <b>Um ambiente acolhedor</b>  | <b>61</b> |
| Gabriela Araujo Silva Carneiro  |           |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Por uma didática crítica e reflexiva: uma breve tessitura acerca das discussões produzidas ao longo da disciplina</b><br>Guilherme Gonçalves Costa | 63  |
| <b>Tudo acontece quando nada acontece</b><br>Laura Argento  | 69  |
| <b>Decifrando o indescritível</b><br>Maria Beatriz Pugiali Leme   | 73  |
| <b>A vida de estudante e estagiária durante a Covid-19</b><br>Marina Meyer Aguirre de Andrade   | 75  |
| <b>Fora do Sistema</b><br>Mayara de Oliveira Peres  | 83  |
| <b>Um ateliê de sentidos e significados</b><br>Priscila Cristiane Valerio Freitas   | 85  |
| <b>Memórias do último estágio da graduação no fim do isolamento</b><br>Priscila Cristiane Valerio Freitas   | 89  |
| <b>Parte II: Narrativas após o período de isolamento social</b>   |     |
| <b>A primeira despedida</b><br>Camilla dos Santos Pierani   | 99  |
| <b>Abacateiro</b><br>Eduarda de Oliveira Verissimo da Silva   | 105 |
| <b>A bolinha e a flor</b><br>Estéfani Alexandrina Venâncio de Moraes  | 109 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>As experiências do tornar-se professor, a partir das vivências do projeto de ensino das disciplinas de estágio</b><br>Giulia Martins Amarante | 115 |
| <b>Quando eu voltei a ser criança: experiências de estágio nos anos iniciais do ensino fundamental</b><br>Joví da Costa Viana                    | 125 |
| <b>Entre rascunhos e papéis: (re)desenhando uma escola outra</b><br>Júlia da Silva Oliveira  | 135 |
| <b>Aprendizados coletivos</b><br>Juliana Parizoto de Lucio   | 141 |
| <b>Vida de estagiária, como caixinha de surpresas</b><br>Letícia de Lima Santos  | 147 |
| <b>Patrimônio</b><br>Livia Naomi Chiba   | 153 |
| <b>O toque</b><br>Livia Naomi Chiba  | 155 |
| <b>Em busca do “Outro”: sensibilidades, afetos e criações cotidianas</b><br>Luísa Magro Kruger   | 157 |
| <b>Parece que meu coração está dançando</b><br>Luiza Munirih Humphreys Gardinali   | 163 |
| <b>Lentes e espelhos</b><br>Maria Eduarda Lima de Souza  | 167 |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Conversa sincera sobre o medo</b>   | <b>169</b> |
| Maria Júlia Romeiro Jardim   |            |
| <b>O esperar e o construir, o esperar e o não desistir:<br/>reflexões de uma futura professora</b> | <b>173</b> |
| Nayra Ferreira de Almeida  |            |
| <b>Adulto também chora ou sobre experiências de estágio<br/>na EJA</b>                             | <b>179</b> |
| Sabrina Pedroso Brochine   |            |
| <b>As surpresas do reencontro</b>  | <b>183</b> |
| Stéfanie Anastácia de Sousa  |            |
| <b>Primeira Narrativa</b>  | <b>187</b> |
| Weid Rafaela de Lima   |            |
| <b>Segunda Narrativa</b>   | <b>191</b> |
| Weid Rafaela de Lima   |            |
| <b>Sobre as/os/ês autoras/es/ies</b>   | <b>197</b> |
| <b>Sobre as/os organizadoras/es</b>  | <b>203</b> |

## Prefácio

Este livro foi tecido por muitas mãos, com investigações, ações e reflexões de um grupo de estudantes e professores da Faculdade de Educação da UNICAMP, junto com professoras e estudantes das escolas públicas de Campinas.

Trata-se da concretização de sonhos e projetos antigos (considerados impossíveis em momentos anteriores) que se viabilizaram (inédito viável do nosso Paulo Freire<sup>1</sup>) com uma composição de atores, cenários em tempos/espacos da Pandemia e pós-pandemia da Covid-19.

No campo da Educação, o referido período, difícil por si só, apresentou desafios, especialmente, complexos e novos, sem aviso prévio: de repente, entramos em uma pandemia e pouco se sabia da doença e como conviver com ela nesse mundo contemporâneo, cujo valor máximo é a velocidade. Havia que parar... E as ações eram feitas aos tateios, aos poucos, acumulando o conhecimento científico que se fazia no próprio enfrentamento da doença.

Para além do que outros povos viveram durante a Pandemia, nós (con)vivemos com um governo federal negacionista da própria pandemia, em que os encaminhamentos dados, seja na saúde, seja noutras políticas públicas, foram mais próximas da magia do que da ciência. Custou a nós muito mais vidas do que aquelas que foram perdidas nos demais países. Por isso, vários estudiosos do tema identificaram tais políticas públicas como necropolíticas. E, nesse contexto, foi preciso realizar, sem mais, a educação escolar possível, à distância, e em condição de epidemia e necropolítica.

Este livro trata de como um grupo de estudantes e professores, diverso na composição, enfrentou e respondeu às questões que se fizeram naquele novo contexto vivido para viabilizar docência e estágio e o trabalho pedagógico nas escolas

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: São Paulo, 1997.

da educação básica, incluindo a Educação de Jovens e Adultos. Esse desafio enorme foi assumido por esses sujeitos, agora, autores que, aqui, narram fragmentos do trabalho realizado.

Trata-se de uma investigação-ação, no melhor sentido do conceito, em que os cotidianos são revelados nas suas complexas relações e compreendidos por vozes singulares e coletivas. Aí, a formação inicial e continuada, de estudantes e professores, se faz.

O leitor não encontrará, aqui, um manual, ou um relatório minucioso e burocrático daquele trabalho mas, acima de tudo, narrativas que expressam os caminhos buscados, entre saltos e sobressaltos, as dúvidas, as quedas, os novos encaminhamentos, o entusiasmo, os conhecimentos produzidos e que emergiram, coletivamente, e, em diferentes formatos, no contexto do vivido, junto aos estudantes e professoras da escola básica, muitas vezes, acompanhados por novas presenças civis (mães, filhos e irmãos, especialmente) que, também, compuseram aquele novo cenário com espaço-tempo doméstico travestido em espaço escolar e acadêmico.

Deixou-me, particularmente, entusiasmada ler textos produzidos pelas estagiárias - de licenciaturas e Pedagogia - que concluem, dentre outras produções, que...

“Possível é, mas não é fácil, e dá trabalho!” Lendo o conjunto dos textos eu complementaria: É possível, é gratificante, mas não é simples, e dá trabalho.

Diria que essa foi uma das reflexões que acompanhou o grupo durante a sua realização. Li-a em mais de um dos textos, sempre lembrando essa fala do Prof. Guilherme (do Val Toledo Prado).

As teorias pedagógicas disponíveis não explicam o ocorrido. E, muito menos, teriam condições de prever o que ocorreria na Pandemia. Seus textos revelam a nulidade das respostas prontas e fáceis que são, muitas vezes, oferecidas pelos manuais didáticos baseados no (neo)tecnicismo, ou currículos produzidos em série e transformados em material didático de massa!

Narrar essas histórias significa vivê-las de novo, refletindo sobre o vivido e produzindo conhecimentos novos e complexos do campo da educação.

Com isso, também nós, leitores, aprenderemos mais a respeito do intrincado, múltiplo e complexo campo da Educação Escolar.

*Corinta Maria Grisolia Geraldi*



## Prefácio

Foi com grande honra e entusiasmo que aceitamos prefaciá-lo livro “Narrativas pedagógicas em tempos de pandemia: cotidianos escolares, universidade e formação”. Como professoras alfabetizadoras na escola pública, temos estabelecido uma relação de parceria com as professoras e os professores da Faculdade de Educação da Unicamp em inúmeros projetos desenvolvidos conjuntamente, mas, principalmente, recebendo estudantes dos cursos de Pedagogia e das licenciaturas para estagiar em nossas salas de aula, e pelo trabalho, por nós, desenvolvido, no projeto Residência Pedagógica Alfabetização, que aconteceu, justamente, durante a pandemia da Covid-19, em que nós duas a vivenciamos, como professoras preceptoras. Nossa relação com essa faculdade vai muito além das duas atividades citadas, mas entendemos que ambas evidenciam nossa implicação com a temática apresentada nas narrativas deste livro, afinal, somos professoras e estamos na escola recebendo estudantes em formação docente, e vivenciamos, de um lugar outro, experiências semelhantes às narrativas que compõem este livro.

Durante a leitura, experimentamos um exercício empático de olhar para o que acontece na escola com a lente dos estudantes em formação. A leitura nos emocionou e nos fez refletir sobre como esses sujeitos elaboram o que vivenciam na escola e como estabelecem relações com o que estudam na Universidade. As narrativas revelaram os bastidores das experiências vividas nas escolas, e isso muito nos interessa, pois foi possível apreciar diferentes movimentos das estudantes em seus processos formativos, além de nos possibilitar avaliar nossa pequena contribuição nesse processo.

A primeira parte do livro, intitulada “Narrativas em Tempos de Isolamento Social”, nos levou a recordar nossas experiências do período de pandemia, o medo que sentimos no contexto do fechamento das escolas, a angústia causada pelo desafio na retomada das atividades em ambiente virtual, as dificuldades

enfrentadas para sustentar o trabalho escolar *on-line* por tanto tempo e, depois de um longo período, isoladas, em casa, a alegria e, ao mesmo tempo, a insegurança e o receio com o retorno presencial das aulas. E, então, nos perguntamos: como os estudantes em formação inicial para docência significaram tais experiências?

Vale dizer que não temos dúvidas sobre a importância de pisar no chão da escola, antes de finalizar a licenciatura, para tatear sua complexidade e experimentar *as dores e as delícias* da futura profissão, parafraseando Caetano Veloso (Veloso, 1986)<sup>2</sup>. Mas, será que, no ambiente virtual, foi possível “sentir a escola”? Ou melhor, que escola foi possível sentir? Que experiências e aprendizados, os futuros professores puderam vivenciar em seus estágios durante a pandemia? O que estava por vir? À medida que avançamos na leitura das narrativas, vimos que, de maneira ética, sincera e sensível, os alunos em formação inicial para docência mostraram aquilo que foi possível sentir em suas horas de estágio; mostraram nuances desse vivido que só pudemos compreender ao ler as narrativas; conseguiram fazer relações com autores estudados e com suas experiências da vida pessoal; aprenderam com as professoras parceiras e, principalmente, com os alunos das suas turmas; se sentiram acolhidos, buscaram o apoio dos colegas nas horas mais difíceis, criaram caminhos para enfrentar os desafios apresentados; revisitaram seus propósitos e objetivos, na profissão docente; experimentaram a potência do trabalho coletivo etc. A cada narrativa foi possível ver o misto de medo e ansiedade se transformar em aprendizado, esperança e alegria.

A segunda parte do livro “Narrativas após o período de isolamento social” teve, como centralidade, as experiências que os estagiários viveram já na escola presencial, em uma fase marcada pelo desejo do encontro e, também, por inseguranças, pois a

---

<sup>2</sup> Parafraseando Caetano, com verso da sua canção. DOM de Iludir. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: “*Totalmente Demais (Ao Vivo)*”. Intérprete: Caetano Veloso. – projeto “A Luz do Solo”. Rio de Janeiro: PHILIPS/PolyGram do Brasil, Vinil, Lado B, Faixa 3. 1986 (2:24min.).

pandemia ainda não havia acabado. Vimos, nessas narrativas, os estudantes se colocando na posição de desbravar um lugar desconhecido, sedentos por conhecer todos os sujeitos que fazem a escola. Um toque, um olhar, um segredo, um bilhete, um desenho, um abraço, um choro, uma dúvida... Nesses pequenos detalhes, vimos a experiência do estágio potencializar a formação docente e, muitas vezes, chegamos a pensar que alguns estudantes pareciam arrebatados pelas experiências narradas, que pareciam, totalmente, capturados pela escola, e que há grandes chances de nunca mais conseguirem escapar, como aconteceu conosco.

Nas narrativas do pós-pandemia, também, lemos sobre sofrimentos, por exemplo, quando o estudante entende de forma dura, que a escola não é uma ilha, que ela está inserida em uma sociedade imersa em relações de poder, desigualdades e violências, e que tais relações são reproduzidas na escola, inclusive, nas relações entre os estudantes. Essa constatação causa sofrimento. Nessa parte do livro, compreendemos que as fragilidades e incoerências da escola sempre aparecem; não se pode escondê-las, elas não se intimidam com a presença do estagiário em sala de aula e isso, também, faz parte do aprendizado.

Enfim, vimos a realidade da escola se impondo e, em alguns casos, o conto de fadas que costuma acompanhar o estudante em formação inicial para a docência foi ganhando um toque de realidade, foi se resignificando e alcançando certa lucidez, ainda que continuasse existindo. As narrativas revelaram algo importante: em tempos pandêmicos, ou em qualquer outro tempo, é com o outro e somente com e para o outro que uma educação de qualidade acontece. É preciso reconhecer nossas próprias fragilidades para compreender que é, no coletivo, que as nossas potencialidades afloram. É com pensamento crítico e amor pela humanidade que os estágios vão se afirmando como momentos reais de formação docente.

*Leila Munhoz Silva e Viviani Domingos Castro*



## Apresentação

Esta obra tem como proposta compartilhar narrativas pedagógicas produzidas por estudantes em formação inicial para docência, entre os anos de 2020 a 2022, período marcado pela pandemia da Covid-19; em disciplinas ministradas pelo coletivo de docentes das áreas de Educação Escolar e Teoria Pedagógica do Departamento de Ensino e Práticas Culturais da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (DEPRAC/FE/UNICAMP)<sup>1</sup>. Essas narrativas foram produzidas no contexto das disciplinas *EP376: Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, *EP911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental* e *EP152: Didática - Teoria Pedagógica*. Alguns relatos também foram produzidos nas escolas em que as estudantes participavam, concomitantemente, do estágio e do Subprojeto do Programa de Residência Pedagógica Alfabetização (RP) da CAPES, que tinha como objetivo contribuir para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica no campo da alfabetização<sup>2</sup>.

Parte das produções foi elaborada em momentos de ensino remoto emergencial, e outras, logo após o retorno presencial das atividades acadêmicas. Dessa forma, o livro está organizado em duas partes, com narrativas dos dois referidos momentos, a saber: Narrativas em tempos de isolamento social e narrativas após o período de isolamento social.

---

<sup>1</sup> Os textos foram submetidos à revisão profissional de língua portuguesa. Considerando, entretanto, a escrita narrativa, foram respeitados os modos outros de registro coloquial.

<sup>2</sup> O Programa de Residência Pedagógica foi um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que tinha como objetivo amplo contribuir para a melhoria da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. O curso de Pedagogia da Unicamp aderiu ao projeto, entre os anos de 2020 e 2022, com o subprojeto Residência Pedagógica Alfabetização. Foi realizado em parceria com duas escolas municipais de Campinas.

Tal período foi o mais desafiador das nossas trajetórias, como professores formadores à frente de disciplinas do eixo teórico-prático da Pedagogia, implicando a reafirmação de alguns princípios, como a defesa da vida, da formação e da pesquisa, bem como a mobilização dos mais diversos dispositivos por escolas e universidades em uma realidade marcada por forte polarização política e negacionismo. Um momento de intensificação das desigualdades sociais, reconhecidas, também, nas práticas de condução de um trabalho pedagógico remoto. Isso, porque crianças, jovens e adultos tiveram seu direito à educação escolar desqualificado, em razão das condições concretas que se desenhavam, ao mesmo tempo, que, tanto professores e alunos, no contexto da universidade, quanto professores e alunos, da educação básica, formaram redes de apoio à distância.

Vivemos a experiência de, com todas as dificuldades e precariedades, ter, nos encontros remotos, *espaçotempos* de fortalecimento coletivo e ações de formação possíveis. A partilha oral e a escrita de narrativas pedagógicas foi potencializada, abrindo *brechas instituintes*, as quais, nas palavras da professora Célia Linhares, (re)criam-se

[...] sempre em “devir”, pisando em um terreno movediço, sem certezas e comprovações da história, mas enfrentando e infiltrando-se nas tramas instituídas, aproveitando frestas e contradições é assim que afirmam a outridade, o lugar da experiência, como criação interminável da própria vida, da sociedade e da existência e, portanto, com um potencial de surpreender-nos de modos infinitos (Linhares, 2007, p. 158).

Os textos narrativos escritos pelos estudantes do curso de Pedagogia e diversas licenciaturas deram a *ver/sentir* conhecimentos pedagógicos que circularam e fertilizaram as suas ações cotidianas.

O trabalho docente realizado pelas professoras da universidade, alunos de pós-graduação vinculados ao Programa de Estágio Docente (PED) e estudantes da graduação ligados ao Programa de Apoio Didático (PAD), os quais atuaram nas disciplinas em cujas narrativas foram produzidas, pelos organizadores da presente obra, toma, como princípio, que os percursos formativos no curso de licenciatura transbordam singularidades e que as professoras se formam, inclusive, na das suas histórias, a qual ocorre em um movimento de reflexão *prático-teórico-prático*. O ato de problematizar-se traz, à tona, a defesa de que nos formamos pela pesquisa, em um percurso, também, de *pesquisaformação*, integrando o conjunto de *saberesfazer*es das disciplinas acompanhadas.

Esta publicação nasce do nosso desejo de deixar, para a memória, registrada e socializada, as vicissitudes vividas no momento da pandemia da Covid-19, sob o olhar de professores e professoras em formação inicial. Socializar nossos *modos de viver, fazer e conduzir* práticas de *re-existência* em contextos adversos, como o da pandemia, vincula-se à nossa busca de vislumbrar, nas leituras dessas *situações-limites* (Freire, 1997), possibilidades de atuação e luta em uma realidade (pós-)pandêmica. Em outras palavras, configuram-se modos de pensar *inéditos-viáveis*, dos quais nos fala Paulo Freire, em *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (*Ibid.*).

Sendo assim, o convite da presente obra é compartilhar um conjunto de narrativas produzidas por professores em formação na Pedagogia e da Licenciatura em Química, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), considerando o quanto nos desloca e ensina sobre *modos outros* de habitar a universidade e as escolas, a partir de olhares singulares para os efeitos e os desdobramentos da pandemia nas realidades particulares de cada território e escola.

## Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: São Paulo, 1997.
- LINHARES, C. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 139–160, 2007. DOI: 10.29286/rep.v16i31.5192. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192>. Acesso em: 18 jul. 2024.

## Lista de siglas

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| <b>CAPES</b>                  | Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior                                      |
| <b>COVID-19</b>               | <i>Corona Virus Disease 2019</i> (sigla em inglês)  |
| <b>DEPRAC/FE/<br/>UNICAMP</b> | Departamento de Ensino e Práticas Culturais da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas |
| <b>EaD</b>                    | Ensino à Distância  |
| <b>EJA</b>                    | Educação de Jovens e Adultos  |
| <b>EMEB</b>                   | Escola Municipal de Educação Básica   |
| <b>EMEF</b>                   | Escola Municipal de Ensino Fundamental  |
| <b>FFLCH/USP</b>              | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo                            |
| <b>IFSP</b>                   | Instituto Federal de São Paulo  |
| <b>PAD</b>                    | Programa de Apoio Didático  |
| <b>PED</b>                    | Programa de Estágio Docente   |
| <b>PIBID</b>                  | Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência   |
| <b>RP</b>                     | Programa de Residência Pedagógica<br>Alfabetização  |
| <b>TCC</b>                    | Trabalho de Conclusão de Curso  |
| <b>TDAH</b>                   | Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade   |
| <b>TDC</b>                    | Trabalho Docente Coletivo   |
| <b>TGI</b>                    | Trabalho de Graduação Individual  |
| <b>UFSCar</b>                 | Universidade Federal de São Carlos  |
| <b>UNESP</b>                  | Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  |
| <b>UNICAMP</b>                | Universidade Estadual de Campinas   |
| <b>USP</b>                    | Universidade de São Paulo   |



# **Parte I**

## **Narrativas em tempos de isolamento social**



## Sentimentos dentro da pandemia<sup>1</sup>

Arieta Marafon Fabrício

Esta é a última narrativa para ser entregue na EP376, no primeiro semestre de 2021; mas foram tantas emoções que eu vivenciei neste semestre. Mesmo sendo à distância e remoto. Mesmo sem minhas amigas por perto para chorar na hora do desespero, sem, ao menos, fazer matérias com elas, porque tudo isso foi perdido no meio do caos que virou a vida dentro da pandemia.

Tive que me reinventar, achar colegas que me acolhessem e pudessem compartilhar suas criações comigo. Que, assim como eu, estavam perdidos e precisavam de grupos. e de entregássemos os trabalhos nos momentos corretos.

E, na EP376, não foi diferente. Tive que me aproximar de quem não conhecia, aprender como essas pessoas pensavam e quais eram suas melhores propostas de trabalho. E isso me evidenciou mais ainda como é a prática pedagógica.

Não esquecendo que, além das aulas e trabalhos que entregaríamos, ainda tivemos nossos estágios realizados de forma remota. E precisamos aprender a conversar e falar sobre o que precisávamos, porque não tinha outra maneira a não ser nos expressarmos. E, talvez, esse seja o único ponto positivo desse caos todo.

O precisar se expressar, claramente, para que tudo pudesse acontecer como esperado.

E foi assim que eu pude me envolver com as crianças, com as professoras, com a coordenadora, colegas da turma e meus professores. Utilizando o diálogo da maneira mais clara possível.

Esse diálogo que, muitas vezes, foi um escape da realidade, ajudava a esquecer o dia borocoxô que estava acontecendo e

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o 1º semestre de 2021.

deixava tudo mais alegre e cheio de curiosidades gostosas de saber; mas que, às vezes, terminava naquela terapia em grupo, onde os problemas tinham a mesma raiz...

Agora, nós só imaginamos que as nossas vidas já mudaram tanto, desde que entramos nessa pandemia que, quando voltarmos ao “normal”, não terá mais nada normal, não é mesmo? Somente dentro desse semestre, eu pude realizar tantas conversas e escutar tantas mentes brilhantes, conhecer pessoas e professoras que deixam tudo mais colorido, conhecer partes de mim que eu nem sabia que viviam aqui dentro.

Tudo mudou. E não para de mudar.

A EP376 me apresentou para pessoas que ganharam um pedaço tão grande do meu coração, que é difícil falar que sou ainda a mesma do começo do semestre. E tenho uma imensa gratidão por essa oportunidade e toda essa energia que carregarei desses encontros que tivemos.

Adentro, no que pode ser o meu último semestre de graduação, com um coração cheio de esperanças, porque eu pude encontrar professoras que ainda brilham ao falar sobre suas salas e seus saberes. Pude ver com meus próprios olhos que a esperança não é algo que vai diminuindo com o tempo, que ela pode ser algo que cresce e se multiplica, desde que você a divida. Acreditar na Educação como uma ferramenta de emancipação foi o que me trouxe para a Pedagogia e sei que isso é algo que poderei compartilhar com minhas futuras colegas de trabalho, porque elas me esperam com essa mesma esperança e crença.

## **Freinet, em tempos de pandemia: das rodas de texto livre aos ateliês<sup>1</sup>**

Barbara Renata Pereira Cruz

Com o retorno das minhas aulas da graduação, estou precisando me readaptar com os horários das aulas e os da RP (Residência Pedagógica) e sobre como fica a minha participação no programa. Eu tenho sentido dificuldades de realizar tudo o que me comprometi na residência, em parte, por conta da piora da pandemia, e de como isso tem me afetado, com as questões familiares e do lar, que, agora, tem sido casa, escola, faculdade, biblioteca, brinquedoteca, escritório e muito mais!

Começamos no dia 05/04, com a reunião de TDC<sup>2</sup>, na qual discutimos a repercussão dos ateliês, propostos pelas residentes pedagógicas. E, foi muito bacana as devolutivas que recebemos! Todas as professoras e alunos que participaram, gostaram muito, e fomos convidadas a continuar com a nossa proposta todo mês. Definiram que será sempre na segunda semana de cada mês, e como, para essa edição, estaria um pouco em cima da hora, vamos manter os mesmos ateliês que fizemos anteriormente. Para os próximos, vamos pensar em novos ateliês, apenas o “história coletiva” vai ser fixo, pois, a cada encontro, os participantes vão criar histórias novas. Receber esse convite, para continuar, e todos os elogios e sugestões com relação à proposta dos ateliês, me trouxe muita satisfação e alegria.

Após esse momento, a Aline, vice-diretora, conversou com os professores sobre o Plano pedagógico da escola, conhecido como PP, que precisa ser feito, os professores e a direção estão se organizando, coletivamente, para fazer a elaboração desse

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

<sup>2</sup> Essa sigla significa Trabalho Docente Coletivo. É o momento de reunião semanal entre professores para planejamento do trabalho pedagógico de forma coletiva.

documento, e a conversa foi no sentido de ir definindo como será essa estruturação.

Quarta-feira (07/04) é dia de *meet* com as crianças. Para essa semana, o planejado foi uma roda de leitura de texto livre dos 3º anos A, B e C, coletivamente. No entanto, quando a reunião começou, poucas crianças estavam com os textos, e algumas não tinham conseguido fazer, então a professora Viviani deu a sugestão de tirarmos os 15 minutos iniciais do encontro para cada um escrever um texto livre, ali, naquele momento, e, depois, compartilharmos uns com os outros.

Para mim, foi uma experiência incrível, eu tinha escrito um texto livre antes, e vi a potência que é essa ferramenta da Pedagogia Freinet (Freinet, 1979), me senti muito orgulhosa das crianças, pois escreveram com tal facilidade, muitas até mais de um texto, enquanto eu, acostumada a sempre ser dirigida, fiquei travada e não sabia o que escrever (*rs*)... Mas, consegui começar uma história e compartilhar com todos até onde consegui escrever e me comprometi a terminá-la, depois, e ler, para eles, em um próximo ateliê. Tiveram vários textos escritos: carta, narrativas etc. Foi muito bacana conhecer mais sobre todos os participantes pelas suas produções.

No dia 09/04, tivemos um Encontro, que foi muito especial. Pois, para nós, marcou o fechamento do ciclo anterior, e o início de um novo, na residência pedagógica. Para concluir, compartilhamos, com todos, a produção dos nossos *podcasts*. Infelizmente, o núcleo da EJA do espaço concórdia não conseguiu apresentar o deles nesse encontro, mas, como temos outros membros no grupo, eles mostraram o *podcast* que haviam feito, antes, referente ao primeiro trimestre de trabalho.

Esse foi o nosso primeiro encontro com os núcleos reestruturados, então, também tivemos a oportunidade de conhecer e dar as boas vindas aos participantes recém-chegados!

Em seguida, nos separamos, pelos núcleos, para conversar melhor sobre como estavam as coisas e, principalmente, para acolher as integrantes recentes. A nossa conversa foi muito

voltada à experiência de realizarmos os ateliês, que ocorreram na última semana de março; e, depois, sobre como estávamos nos sentindo em nossas novas alocações e, conversamos mais com as duas integrantes do grupo.

Só para constar, todas nós adoramos preparar, e realizar os ateliês, mesmo com os problemas que surgiram, a oportunidade foi incrível, e conseguimos, com a ajuda uma das outras, e das professoras parceiras, superar todos os obstáculos que apareceram, tanto que vamos continuar com os nossos ateliês!

No dia 12/04/2021, tivemos nossa reunião semanal de TDC. Nesse dia, finalizamos os detalhes sobre os ateliês que iriam acontecer nessa semana; depois, as pautas principais foram a escrita do PP da escola.

No dia 14/04, realizamos novamente o Ateliê aviãozinho de papel. Com Fernanda e a Priscila; a Nathy se formou, e, então, teve que sair do programa da RP. Nós estávamos bem mais seguras em conduzir o ateliê, dessa vez, pois já tínhamos a experiência do anterior para guiar. Aprendemos com os erros e tentamos melhorar para que, nesse, tudo corresse da melhor forma possível.

Da última vez, por problemas de qualidade de conexão e velocidade da *internet*, não foi possível exibir o vídeo do passo a passo de como fazer o avião de papel, e a Fernanda resolveu o problema, pedindo para a mãe dela segurar o celular para ela ir dobrando, ali, na hora, junto às crianças, o que funcionou muito bem, pois todas conseguiram fazer. Ao final, jogamos os aviões e muitas saíram sem ouvir o fechamento que tínhamos preparado, então, decidimos que, dessa vez, fecharíamos antes da foto e de jogar os aviões.

Parecia que dessa vez seria perfeito, né?! Mas, não foi. Nós, realmente, estávamos mais organizadas e preparadas e seguras, no entanto, por algum motivo (imaginamos que pelas dificuldades de conexão), algumas crianças não conseguiam acompanhar, enquanto outras terminavam a dobradura do avião. Daí, entra a importância de estarmos acompanhadas por uma

professora e da experiência dela. Nós tentamos voltar diversas vezes para as crianças poderem acompanhar a dobradura, e, enquanto algumas já tinham terminado, outras não. O tempo estava passando, e, logo, algumas precisaram sair, ou porque a bateria do celular ia acabar, ou os pais usariam o celular, ou teriam que devolver o aparelho para a vizinha, enfim, por diversos motivos, então, a professora Pollyanna, que estava nos acompanhando, deu a ideia de criarmos um material para enviar para as crianças poderem fazer o avião em casa, depois, com calma. Assim, nos comprometemos a preparar e enviar um vídeo explicativo e um PDF, com o passo a passo, para todos poderem ter acesso, e pudemos finalizar o nosso ateliê, que foi incrível. Abaixo trago o convite que produzimos para as crianças. Também, vou deixar o *link* de acesso ao clipe da música com que começamos o ateliê: <https://www.youtube.com/watch?v=wZnkOUgRUSE> (Oliveira, 2020).



Fonte: Arquivo da autora.

Tudo o que aconteceu, no nosso ateliê, e, também, na roda de texto livre, me lembrou algo do texto lido para a última aula Estágio e Docência: diferentes concepções da autoras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima, e da nossa discussão posterior. A lembrança foi do trecho: “Portanto, a

habilidade que o professor deve desenvolver é a de saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica a criação de novas técnicas” (Pimenta; Lima, 2006, p. 10). Embora, nas situações, aqui, narradas, não houvesse a criação de novas técnicas, foi a partir da experiência das professoras que as situações-problema foram resolvidas, e tudo isso foi sendo construindo, junto com as residentes, o que nos proporcionou um grande aprendizado, mais uma vez, mostrando a importância do estágio supervisionado e da parceria construída entre estagiárias e professoras.

E, nesse momento atual, a parceria não está só no ambiente de estudo e trabalho, mas também no doméstico.

## Referências

FREINET, É. **O itinerário de Célestin Freinet**: a livre expressão na pedagogia de Freinet. Tradução de Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

OLIVEIRA, J. ASAS e Sonhos. *In*: **Grandes Pequenininos, Espelho Meu**. Áudio CD, São Paulo: S de Samba, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZnkOUgRUSE>> . Acesso em 18 jul. 2024.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v.3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.



## A Mágica da Residência Pedagógica e do Freinet<sup>1</sup>

Barbara Renata Pereira Cruz

Mais uma quinzena de Residência Pedagógica (15 a 30 de Maio). Às vezes, é difícil transmitir em palavras a importância que este programa está tendo na minha vida, e não apenas na minha formação acadêmica/profissional, eu gostaria que, ao invés de disciplinas de estágio, separadas com carga horárias reduzidas e um processo que, muitas vezes, dificulta a participação e a compreensão do que é estar/trabalhar/aprender/ensinar na escola, os nossos estágios ocorressem diluídos, ao longo de todo o curso, por meio do Programa de Residência Pedagógica, o qual tem nos dado a oportunidade de nos aproximar, realmente, do/no cotidiano escolar, ainda que, por meio remoto, a fim de garantir a nossa segurança por conta da pandemia da Covid-19.

Infelizmente, todos os profissionais da escola e as crianças não estão tendo a sua segurança garantida pelo poder público que, desde o dia 26/04/2021, determinou o retorno presencial às escolas.

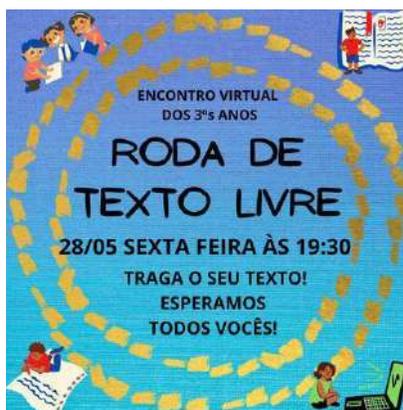
Bom, quanto aos meus registros, geralmente, eu faço em formato de diário, justamente, porque todo o processo tem sido tão rico, para mim, que não quero esquecer nada. Tenho certeza; vai ser muito útil ter tudo registrado de alguma forma para poder voltar a esses registros no futuro. No entanto, nem sempre eu consigo escrever sempre que as coisas acontecem e, na hora de fazer o registro, acabo voltando a tudo o que aconteceu para tentar sistematizar os acontecimentos e, com isso, muitas vezes, atrasando a entrega do registro. Dessa vez, não sei se conseguirei realizar meu diário completo justamente por já estar atrasado, mas, de qualquer forma, pretendo voltar no registro para completá-lo, quando eu conseguir, e manter os meus registros pessoais para futuras visitas.

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

No dia 28/05/2021, ocorreu mais uma roda de texto livre - um dos primeiros instrumentos da Pedagogia Freinet (Imbernóm, 2012), o qual possibilita o desenvolvimento da livre expressão, autonomia, alfabetização, leitura e escrita - dos 3º anos, no entanto, foi oferecida à noite que não é o horário habitual, a pedido de uma estagiária da UFSCar, a Gabi.

Deixo, aqui, o convite que eu produzi no *site Canva* para ser disponibilizado para as crianças. O *link* para as reuniões sempre é enviado minutos antes da mesma começar para facilitar para as crianças e suas famílias, e elas não perderem o *link* ou se esquecerem. Para essa roda, só seríamos eu e a Gabi para conduzir, e teríamos a participação de uma das professoras do 3º ano nos supervisionando e auxiliando. Mas, infelizmente, minutos antes da reunião começar, a Gabi avisou que não poderia participar. Eu fiquei um pouco desesperada, com medo de conduzir “sozinha” - uso aspas, pois eu não estaria realmente sozinha, teria a presença de uma das professoras - a roda de texto livre, mas respirei fundo e pensei: “Vamos lá! Eu vou conseguir dar conta!”.



Fonte: Arquivo da autora.

Então, a mágica da RP e de Freinet (Freinet, É., 1979) aconteceu. Eu entrei na sala do *Google meet*® e só estava eu, e, logo, entrou a primeira criança, minutos depois, entrou o estagiário da UFSCAR, José Carlos, para não me deixar sozinha, e

já fiquei tranquila, em seguida, a Fernanda, também, residente pedagógica, que teria aula naquele momento, chegou para me apoiar, pois ficou preocupada comigo. E, então, a professora Viviani, que é nossa preceptora na RP, com a sua filha Helena, veio para participar também da nossa roda. Eu me senti extremamente grata por esse grupo, por essa parceria, cooperação e confiança que vem sendo construída a cada dia, encontro, reunião, por isso, escrevi: “a mágica da RP e do Freinet” já que a pedagogia freinetiana, preza pela cooperação como afirma Kanamaru (2014, p.769): “Freinet interveio também nas próprias relações entre educadores, ao estender coerentemente a cooperação e a autogestão escolar a essa relação de trabalho”. Nos encontros *on-line*, começamos perguntando se alguém já tinha um texto pronto que gostaria de compartilhar, depois, combinamos um tempo, entre 15 a 20 minutos, para cada um produzir um texto, costumamos deixar uma música tocando nesse momento, eu costumo escolher alguma música clássica que gosto e, nesse encontro, escolhi a Canon In D - Pachelbel, pois é a favorita do meu companheiro, deixo aqui o *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=NlprozGcs80> (Paillard, 1968), para quem quiser ouvir. Fiquei muito feliz quando a música terminou e uma das crianças, a Francisca, disse que gostou muito da música.

Agora vou compartilhar, aqui, a transcrição do texto livre que eu produzi naquele dia.

#### *Roda de Texto Livre*

*Quando eu era criança queria muito aprender a ler e a escrever. Aprendi a ler primeiro do que aprendi a escrever, quem me ensinou a ler foi minha prima Izabel, enquanto brincávamos de escolinha, aprendi a ler lendo gibis da turma da Mônica. E depois o primeiro livro de história foi o “Lúcia já vou indo” da Maria Heloísa Penteadó, eu estava na primeira série, o que hoje seria o segundo ano eu acho, sempre fico em dúvida.*

*Na escola, eu escrevia bastante, copiava lição da lousa, da cartilha e cada palavra errada que eu escrevia, eu precisava copiar três vezes no caderno para aprender a escrever corretamente, também tinha ditado, prova, texto que a professora mandava a gente fazer, às vezes, recontando uma história, às vezes, continuando uma outra, às vezes, sobre algum tema que estávamos aprendendo, como, por exemplo a importância da água, às vezes, cartas para ninguém, ou melhor para alguém imaginário que nunca ia receber. Depois, tinham as redações, e, mais para frente, as redações para o vestibular sempre com temas que os professores sugeriam; na faculdade, os textos eram trabalhos acadêmicos e, por último, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).*

*Então, eu não gostava mais de escrever, até chorava, porque eu pensava que não sabia escrever bem, bonito e para todos conseguirem entender, muitas vezes, eu não queria escrever por causa desses medos.*

*Aí, eu fui fazer outra faculdade, entrei no programa da RP e lá descobri que tinha um texto livre, que é um texto que você podia fazer sobre o que quisesse.*

*Na primeira vez que eu participei de uma roda de texto livre, eu não sabia o que escrever, porque sempre escrevia algo que me mandavam, ou sobre algo que eu estava estudando.*

*Eu vi as crianças escrevendo com tanta facilidade que fiquei impressionada. Nesse dia, eu consegui escrever um pouquinho e, depois, ler para todos na roda, e foi muito legal ler meu texto e ouvir os comentários das outras pessoas sobre ele e ouvir os textos das outras pessoas e poder comentar. Foi um jeito diferente de conhecer as pessoas porque o texto livre, como a professora Viviani falou, “é uma expressão de quem somos”.*

*Hoje as rodas de texto livre são um dos meus momentos favoritos na escola (mesmo fora da escola), vejo como nos ajuda a gostar de escrever e me divertir muito, também me ajudou a gostar mais de mim e do que eu escrevo. Seguem fotos do texto original:*

28/05/2021 Nota de Tereza Lira

Essa é a minha criança que eu nunca  
 aprendeu a ler e a escrever. Aprendeu a ler  
 primeiro de que aprendeu a escrever. Ela  
 aprendeu a ler e a escrever, como a maioria  
 das crianças de sua idade, aprendeu a ler e a  
 escrever de que aprendeu a ler e a escrever.  
 Ela aprendeu a ler e a escrever, como a  
 maioria das crianças de sua idade, aprendeu a  
 ler e a escrever de que aprendeu a ler e a  
 escrever. Ela aprendeu a ler e a escrever,  
 como a maioria das crianças de sua idade,  
 aprendeu a ler e a escrever de que aprendeu a  
 ler e a escrever. Ela aprendeu a ler e a  
 escrever, como a maioria das crianças de sua  
 idade, aprendeu a ler e a escrever de que  
 aprendeu a ler e a escrever. Ela aprendeu a  
 ler e a escrever, como a maioria das  
 crianças de sua idade, aprendeu a ler e a  
 escrever de que aprendeu a ler e a escrever.

Nota de Tereza Lira

28/05/2021

Essa é a minha criança que eu nunca  
 aprendeu a ler e a escrever. Aprendeu a ler  
 primeiro de que aprendeu a escrever. Ela  
 aprendeu a ler e a escrever, como a maioria  
 das crianças de sua idade, aprendeu a ler e a  
 escrever de que aprendeu a ler e a escrever.  
 Ela aprendeu a ler e a escrever, como a  
 maioria das crianças de sua idade, aprendeu a  
 ler e a escrever de que aprendeu a ler e a  
 escrever. Ela aprendeu a ler e a escrever,  
 como a maioria das crianças de sua idade,  
 aprendeu a ler e a escrever de que aprendeu a  
 ler e a escrever. Ela aprendeu a ler e a  
 escrever, como a maioria das crianças de sua  
 idade, aprendeu a ler e a escrever de que  
 aprendeu a ler e a escrever. Ela aprendeu a  
 ler e a escrever, como a maioria das  
 crianças de sua idade, aprendeu a ler e a  
 escrever de que aprendeu a ler e a escrever.

Fonte: Arquivo da autora.

Enquanto eu terminava de escrever esse texto, o pessoal começou a ler e a apresentar os seus textos. Foi uma noite com muitas produções diversas que geraram várias discussões interessantes. Teve criança que escolheu copiar uma pequena poesia de um dos livros que recebeu da escola; teve outras que contaram sobre a saudade da escola e dos amigos; teve o texto da residente Fernanda Chien (Fer), que foi um acróstico, sobre música e a pandemia, ela disse que gostou muito da música que coloquei, que sentiu uma calma e ficou com vontade de escrever sobre isso, a ideia inicial era escrever sobre música, mas que seu texto foi tomando outros rumos.

M ais um dia em casa  
 U ns são tristes, outros felizes  
 S empre que faço chamada de vídeo  
 I nstantaneamente fico com o S2 quente  
 C om as câmeras ligadas me sinto perto  
 A pesar de toda distância  
*Fernanda Chien, 28/05/2021*

As crianças amaram o texto da Fer, e comentaram que também já fizeram textos assim. A professora Viviani explicou que esse de texto se chama acróstico, o José Carlos, explicou que podemos fazer esses textos com vários adjetivos e já aproveitou para explicar o que eram adjetivos, as meninas adoraram, e eu também, pois isso é muito Freinet: “a livre expressão faz eclodir na classe um clima privilegiado de liberdade e confiança. Naturalmente, o texto livre alcança um lugar preponderante” (Freinet, *É.*, 1979, p. 23). E, de acordo com Legrand (2010), o ponto de partida é a surpresa perante a realidade, a necessidade de compartilhar com os demais essa admiração e a busca de uma explicação. O esforço que se segue é a própria investigação, mediante a discussão e a invenção coletiva de meios de verificação. Ou seja, o mais importante, para Freinet (*Loc. cit.*), é a criação de meios que provoquem perguntas. E foi exatamente isto que ocorreu em nossa roda de texto livre.

Para quem não sabe, eu tenho um filho, o Danilo, ele tem 2 anos e 9 meses e acaba participando junto comigo de muitas das minhas atividades acadêmicas. Ele acordou de seu cochilo da tarde no meio da roda de texto livre, e veio para o meu colo mamar, então, começou a ouvir as crianças lendo. Ele terminou de mamar e disse: “mamãe, eu vou buscar um livro para ler para as crianças”. Desceu do meu colo e saiu do quarto, eu continuei prestando atenção na leitura das crianças.

Danilo voltou, falando com ar apressado e de urgência: “vem mamãe, vem! Eu não estou achando o arco-íris divertido (nome do livro que ele foi buscar), está escuro o quarto! Mamãe, vem! Me ajuda, rápido!” Eu saí rapidamente e fui buscar o livro com ele; encontramos, e eu voltei mais rapidamente para não perder a reunião.

Quando ele chegou na porta do quarto, disse: “Pronto crianças, eu peguei um livro muito divertido para ler para vocês”. Ninguém ouviu essa fala, pois eu estava com o microfone desligado e ele falou de longe. Preciso dizer que esse livro foi um dos primeiros que ele ganhou, e que lemos para ele desde que ele

tinha 6 meses de vida, por muito tempo, foi o grande favorito e que, então, ele sabe o livro de cor.

Ele se sentou no meu colo e começou a “ler” o livro. Eu expliquei que ninguém estava ouvindo ele, porque o microfone estava desligado, e que ele precisava aguardar a outra criança terminar de ler primeiro, que depois seria a vez dele. Ele esperou. Quando terminamos de fazer os comentários sobre a leitura, eu abri o microfone e disse que o Danilo queria ler um livro para eles e se ele podia? Todos aceitaram e permitiram e, então, o Danilo começou a “ler”.

Quando ele terminou a leitura, todos falaram sobre, e ele ficou ouvindo, e conversando também, então continuamos com a roda de texto livre. Eu fiquei muito impressionada com o comportamento do Danilo e com a potência que é uma roda de texto livre, só de ver e ouvir outras crianças lendo, ele se sentiu à vontade para fazer o mesmo e foi buscar algo que ele gosta para compartilhar. Claro que depois ele quis buscar outro livro para ler, e eu precisei explicar que agora nós iríamos ouvir as outras crianças.

Esse evento também despertou, em mim, pensar sobre a Pedagogia Freinet (*Ibid.*) no ensino infantil. Me mostra que não há uma idade mínima para que se possa começar a trabalhar com a Pedagogia Freinet (Imbernóm, 2012). Embora, nesse semestre, eu já tenha realizado em grupo um trabalho sobre a Pedagogia Freinet (*Ibid.*) na educação infantil, para a disciplina EP 139 Pedagogia da Educação Infantil, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Tebet, e de ter entrado em contato com a Professora Paula Rochetti, que atua em uma creche rede municipal de Valinhos, confesso que ainda tinha muitas dificuldades em dar materialidade a como esse processo poderia ocorrer com os bebês e as crianças menores, mas o Danilo me mostrou que sim é possível, afinal, de acordo com Freinet, pela “invariante nº 11: A via normal da aquisição não é de modo algum a observação, a explicação e a demonstração, um processo essencial da escola, mas o tateamento experimental, via natural e universal” (*Ibid.*,

p.75), e tatear é realmente algo que os pequenos adoram e fazem com maestria.

Muitas vezes, as crianças perguntam se também podem desenhar durante o ateliê, e dessa vez não foi diferente; muitas fizeram desenhos sobre os textos que produziram, sobre a música que elas ouviram, e, também dessa vez, teve desenho registrando o nosso encontro e ilustrando a “leitura” que o Danilo fez, ambos feitos pela Helena, filha da professora Viviani, (outras crianças também fizeram desenhos nesse dia, mas eu não tenho as fotos para compartilhar aqui). Seguem as fotos.



Fonte: Arquivo da autora.

Trouxe os desenhos, não só pela beleza e por serem uma linda representação do que vivemos naquele encontro, mas principalmente, porque, mais uma vez, eles mostram a potência desse trabalho em permitir a livre expressão e o processo de autonomia, escolher sobre o que se quer escrever, desenhar e partilhar, aprender a fazer e ouvir críticas, sugestões e elogios, se conhecer e conhecer o outro a partir de como ele se expressa.



Fonte: Arquivo da autora.

Por possibilitar o desenvolvimento da alfabetização, da escrita, do desenho e por que não dizer também da arte. Ao invés de sermos adultos que aconselham as crianças a abandonar os desenhos e a se dedicar à geografia, à história, ao cálculo, à gramática, muitas vezes, fazendo com que as crianças desistam de acreditar em si mesmas, como nos traz Saint-Exupéry (1989): “Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2.” (*Ibid.*, p.6). Sejamos adultos, professores, que acreditam na criança, no seu potencial e no desenvolvimento da sua expressão que, segundo Freinet, “a criança se exercita, primeiro, no controle de sua mão e seu lápis, e é só quando domina suficientemente sua técnica que seu desenho se torna expressão” (Freinet, 1996, p. 36), a fim de permitirmos que os desenhos das crianças possam vir a ser expressão de quem são.

Como estou falando sobre se expressar, eu gostaria agora de voltar ao texto que produzi durante a roda de texto livre. Eu fui a última a ler, então, ninguém ainda sabia que o meu tema era a própria roda. No início da roda, eu decidi escrever sobre a minha jornada com a escrita e como ela foi afetada positivamente pelas

rodas de texto livre. Gostaria de trazer a potência que tem sido participar dessa oficina, suas incontáveis possibilidades de aprendizado, desenvolvimento da escrita e ou a resignificação da nossa relação com ela, como no meu caso.

Enquanto a roda ia acontecendo, eu fui me recordando de um trecho da carta aos professores de Paulo Freire (Freire, 2001), que li no semestre passado na disciplina EP 879 Educação de Jovens e Adultos ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Leite, que fala sobre ensinar e aprender, com foco na leitura e na escrita.

Gostaria de voltar a algo a que fiz referência anteriormente: a relação entre ler e escrever, entendidos como processos que não se podem separar. Como processos que se devem organizar de tal modo que ler e escrever sejam percebidos como necessários para algo, como sendo alguma coisa de que a criança, como salientou Vygotsky (3), necessita e nós também.

Em primeiro lugar, a oralidade precede a grafia, mas a traz em si desde o primeiro momento em que os seres humanos se tornaram socialmente capazes de ir exprimindo-se através de símbolos que diziam algo de seus sonhos, de seus medos, de sua experiência social, de suas esperanças, de suas práticas. Quando aprendemos a ler, o fazemos sobre a escrita de alguém que antes aprendeu a ler e a escrever. Ao aprender a ler, nos preparamos para imediatamente escrever a fala que socialmente construímos.

Nas culturas letradas, sem ler e sem escrever, não se pode estudar, buscar conhecer, apreender a substantividade do objeto, reconhecer criticamente a razão de ser do objeto.

Um dos equívocos que cometemos está em dicotomizar ler de escrever, desde o começo da experiência em que as crianças ensaiam seus primeiros passos na prática da leitura e da escrita, tomando esses processos como algo desligado do processo geral de conhecer. Essa dicotomia entre ler e escrever nos acompanha sempre, como estudantes e professores. “Tenho uma dificuldade enorme de fazer minha dissertação. Não sei escrever”, é a afirmação comum que se ouve nos cursos de pós-graduação de que tenho participado. No fundo, isso lamentavelmente revela o quanto nos

achamos longe de uma compreensão crítica do que é estudar e do que é ensinar.

(...)

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever.

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação.

Este é um esforço que deve começar na pré-escola, intensificar-se no período da alfabetização e continuar sem jamais parar.

A leitura de Piaget, de Vygotsky, de Emilia Ferreiro, de Madalena F. Weffort, entre outros, assim como a leitura de especialistas que tratam não propriamente da alfabetização, mas do processo de leitura, como Marisa Lajolo e Ezequiel T. da Silva, é de indiscutível importância.

Pensando na relação de intimidade entre pensar, ler e escrever e na necessidade que temos de viver intensamente essa relação, sugeriria a quem pretenda rigorosamente experimentá-la que, pelo menos, três vezes por semana, se entregasse à tarefa de escrever algo. Uma nota sobre uma leitura, um comentário em torno de um acontecimento de que tomou conhecimento pela imprensa, pela televisão, não importa. Uma carta para destinatário inexistente. É interessante datar os pequenos textos e guardá-los e dois ou três meses depois submetê-los a uma avaliação crítica.

Ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar. (Freire, 2001, p. 266 - 267).

Quando eu li esse texto pela primeira vez, me reconheci como a estudante que acredita que não sabe escrever, tive muitas dificuldades para concluir o meu Trabalho de Graduação Individual (TGI), trabalho exigido para a obtenção de diploma de

bacharel e licenciada da minha primeira formação que foi em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), levei nove anos para concluir o curso, sendo que os quatro últimos foram basicamente para a realização desse trabalho final.

Eu me sentia muito insegura na hora de escrever, duvidava da minha capacidade e achava que precisava me apoiar em outros autores o tempo todo, afinal, o que eu, uma reles estudante de graduação, tinha a dizer sobre alguma coisa que outros pensadores com muito mais conhecimento e experiência já não tinham dito? Também tinha muita dificuldade em me apropriar das ideias e conceitos que lia, muito medo de estar cometendo plágio e assim ia recheando meu texto de citações e mais citações, sem dizer como eu estava inserida naquele processo, e meu orientador lia o trabalho e dizia: “você precisa parar de citar, e escrever com as suas palavras; se colocar no texto, reescreve!”.

Demorei muito para conseguir fazer isso, foi preciso reescrever o trabalho algumas vezes. E foi um processo de muito aprendizado, para mim, embora muito sofrido também, pois a insegurança para escrever era aumentada pelo meu perfeccionismo exacerbado - queria escrever um trabalho perfeito, sem erros de português, que todos que pegassem para ler pudessem compreender e que fosse útil para a sociedade e me garantisse a nota máxima na apresentação e avaliação da banca - que fazia com que eu me tornasse improdutivo e procrastinadora, pois o medo de escrever me paralisava e eu ficava encontrando desculpas para não escrever.

Entreí na primeira graduação em fevereiro de 2007 e me formei em fevereiro de 2016. No final, me senti orgulhosa do meu TGI, gostei do tema, do trabalho e da apresentação, adorei a banca, vi que eu sou capaz de escrever e levo tudo o que aconteceu como aprendizado para eu não sofrer mais tanto para escrever. No entanto, isso ainda não é algo fácil e natural para mim. Assim, quando li o trecho citado da carta de Paulo Freire, além de me reconhecer, decidi seguir o conselho do professor e

procurar escrever algo, datar e voltar naquele texto, posteriormente, para analisá-lo, criticamente, mas, infelizmente, eu não havia conseguido colocar isso em prática, até conhecer as rodas de texto livre e ter a oportunidade de ressignificar a minha relação com a escrita.

Agradeço a essa oportunidade; aos meus professores da graduação que me apresentaram a Pedagogia Freinet; a Capes, pelo apoio financeiro; ao Programa da Residência Pedagógica; à nossa coordenadora, a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Varani; às nossas preceptoras, as Professoras Viviani Castro e Pollyanna Fecchi; à EMEF Edson Luis Lima Souto, toda a sua equipe gestora, professoras e professores, em especial aos dos 3º anos que tenho acompanhado mais de perto, funcionários e comunidade escolar, por nos receber, nos ensinar, apoiar, encorajar, confiar e partilhar um trabalho tão rico e cheio de potencialidades.

## Referências

- FREINET, C. **Para uma Escola do Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FREINET, É. **O itinerário de Célestin Freinet**: a livre expressão na pedagogia de Freinet. Tradução de Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- IMBERNÓM, F. **Pedagogia Freinet**: A atualidade das invariantes pedagógicas. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2012.
- KANAMARU, A.T., Autonomia, cooperativismo e autogestão em Freinet: fundamentos de uma pedagogia solidária internacional. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 767-781, jul./set. 2014.

LEGRAND, L. **Célestin Freinet**. Tradução e organização: José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

PAILLARD, J.F., **Canon in D (1680-1706)**. Composição: Johann Pachelbel. Intérprete: Kanon Orchestre de Chambre, 1968, Arranjo de: Jean-François Paillard. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NlprozGcs80>>. Acesso em 18 de jul. 2024.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

## **É possível, mas não sozinho, e dá trabalho!<sup>1</sup>**

Barbara Renata Pereira Cruz

Nesta terceira e última narrativa, eu pretendo trazer um pouquinho do que é o nosso trabalho com os ateliês, na EMEF Edson Luis Lima Souto, enquanto residente pedagógica, desde o processo de idealização até a construção final, em conjunto com as crianças no momento em que ocorre o ateliê de fato.

Bom, só para situar os leitores, todas as professoras da EMEF Edson Luis Lima Souto, dos anos iniciais ciclos I e II, trabalham com a pedagogia freinetiana, idealizada, inicialmente, por Célestin Freinet (1896-1966), que introduziu novas formas de trabalho com o intuito de transformar o meio e emancipar quem a exerce, estimulando a autonomia, cooperação, trabalho e a livre expressão (Ferrari, 2008). Sendo que estes são os quatro eixos fundamentais da Pedagogia Freinet (Freinet, 1979).

O princípio do nosso trabalho com os ateliês ocorreu devido às pressões que os professores estavam sofrendo para um retorno presencial às escolas em março de 2021(?) ano pela Prefeitura de Campinas, preocupados em como conciliar o ensino presencial e o ensino remoto. A nossa preceptora Pollyanna, conversando com seus pares na escola, teve a ideia da semana dos ateliês, na qual nós, residentes pedagógicas, idealizaríamos e realizaríamos, uma vez por mês, uma semana com nossas propostas de ateliês, por meio remoto com acompanhamento de, pelo menos, uma professora da escola. Essa proposta visava resolver algumas questões que surgiram, se o retorno ocorresse, como de fato aconteceu, posteriormente, que incluíam o tempo de trabalho dos professores e a impossibilidade de eles estarem na escola e de manterem o ensino remoto nos moldes anteriores, como nós residentes, que deveríamos continuar participando das atividades

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 376: Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

por meio remoto, já que não poderíamos retornar para a escola presencialmente.

Em um dos nossos encontros de núcleo, a Pollyanna nos perguntou o que achávamos dessa proposta, e nós gostamos e topamos tentar, fizemos uma edição piloto de ateliês no final de março, na reunião semanal de TDC. Após essa edição piloto, todos conversamos sobre as nossas impressões sobre a semana de ateliês, e foram realizados ajustes de organização geral e todos decidimos e concordamos em continuar com a proposta.

Os ateliês na pedagogia Freinet (*Ibid.*) são estações de trabalho, as crianças escolhem de quais atividades desejam participar, a partir das suas metas e necessidades individuais, estabelecidas em seu plano de trabalho. Cada ateliê traz uma proposta, e pode, ou não, se relacionar com os temas de estudo que os educadores e educadoras estão trabalhando naquele momento (*Ibid.*). Os ateliês podem ser repetidos para ampliar a oportunidade de participação. As crianças apresentam para toda a turma o que aprenderam e/ou descobriram ao participar, geralmente, em uma roda de conversa, abrindo espaço para a aprendizagem cooperativa entre elas. E foi, no meio remoto, que vimos a possibilidade de conceber esse instrumento freinetiano em uma versão digital.

Se tem uma coisa que me marcou nas disciplinas que cursei com o Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado foi a sua frase bordão: “É possível, mas não sozinho, e dá trabalho!” Em geral, ele utiliza essa frase para falar do trabalho docente consciente e de qualidade, mas, particularmente, em uma perspectiva freinetiana, nunca essa frase fez tanto sentido para mim como agora, participando do programa da residência e acompanhando de perto o dia a dia das professoras e tendo a oportunidade de trabalhar com ateliês. Ficou claro que a escola funciona bem melhor, quando é construída coletivamente, bem como o trabalho dos professores, suas relações de parcerias e de trabalho interdisciplinar, enriquecem muito as atividades. As professoras dividem e multiplicam seus saberes nessa interação, com

cooperação e isso permeia todo o trabalho, não só entre os professores, mas também com relação a nós, residentes e, principalmente, entre os estudantes. Freinet (*Ibid.*), sendo socialista e defendendo um mundo mais justo e igualitário, acreditava no potencial da educação como processo emancipador e modificador da sociedade e via, na cooperação, um instrumento importante no processo de aprendizagem. O trabalho, para Freinet, é aquele emancipador, não o trabalho alienante da sociedade capitalista (Santos *et al.*, 2018), e nós, residentes, tentamos ter isso em mente, ao elaborar e propor os ateliês. A cooperação já se tornou uma marca do nosso grupo.

Para organizar os ateliês, sempre nos dividimos em grupos por afinidade com os temas propostos, e, a cada semana de ateliês, cada grupo constrói um ateliê em todos os mínimos detalhes, seleciona o tema, pesquisa como pode adaptar para as crianças participarem por sistema remoto, quais materiais podem ser utilizados, levando em conta o que as crianças têm em casa, criamos as artes dos convites, testamos as ideias; é um longo percurso até chegarmos à execução do ateliê, de fato, com as crianças.

Na edição do mês de maio, eu participei da construção e execução de dois ateliês, o clube do livro e o de bingo. Estes Ateliês foram elaborados em parceria com as residentes Bruna Oliveira (Bruninha), Fernanda Chinen (Fer) e Priscila Valério (Pri). Nessa narrativa vou falar especificamente sobre o ateliê do clube do livro.

O Clube do livro foi uma ideia da Priscila. Devido à importância que a literatura teve em sua vida, ela achou que seria uma experiência muito importante e rica para as crianças, além da possibilidade de colaborarmos para que elas se tornassem leitores autônomos e críticos. Todas nós, as residentes do grupo, topamos criar esse ateliê.

Eu e a Fer, que estamos acompanhando as professoras dos 3<sup>o</sup> anos, estávamos gravando vídeos de alguns livros para as crianças, mas percebemos que, muitas vezes, elas não acessavam as histórias e que, às vezes, os vídeos estavam incompletos no canal do *YouTube* da escola.

As crianças receberam maletas de livros de literatura da prefeitura. Assim, pensamos que seria mais efetivo propor um clube do livro para incentivar e auxiliar no desenvolvimento da leitura delas, também com os ateliês, as crianças dos 2º aos 5º anos seriam beneficiadas e não somente as dos 3º, como no projeto citado anteriormente.

Então, começamos a pensar em como seria organizado esse ateliê, qual seria a nossa proposta e com qual o livro inauguraríamos o clube. Decidimos que o clube do livro seria fixo, ou seja, ocorreria em todas as semanas de ateliês, e que o primeiro livro seria escolhido por nós, mas que, para as outras edições do ateliê, sempre haveria indicação de livros pelos participantes e uma votação dos indicados para escolher o livro para o próximo mês. A nossa ideia era utilizar sempre livros em PDF para garantir que todas as crianças pudessem acessar, assim, mandaríamos o arquivo uma semana antes da data do ateliê para que elas pudessem ler o livro.

Nossa proposta é, durante o ateliê, ler o livro em conjunto com os participantes, discutir a história e como ela nos afeta e propor mudanças, falar sobre o que gostamos ou não, e pensamos em fazer uma resenha da obra. Aqui, coloco o texto que criamos para acompanhar o convite e uma imagem do convite que elaboramos.

Ler nos proporciona muito coisa boa. A gente aprende coisas do mundo, das pessoas e de nós mesmos. Ler nos faz descobrir novas palavras, nos ajuda a desenvolver nosso senso crítico e nos alegra. O livro nos faz viajar pela nossa imaginação.

Agora imagina ter a possibilidade de compartilhar aquela história que lemos com outras pessoas. De discutir nossas dúvidas e ouvir outras interpretações. Quem nunca leu alguma coisa que ficou com vontade de recontar a história na sua versão por não concordar com o caminho escolhido pelo autor? No nosso clube do livro você pode!

Iremos discutir uma história todo mês no nosso clubinho. Neste mês a história será O monstrinho saudosos, da Martina Bastian

Tramontini, mas nos próximos vamos escolher uma história eleita pelo grupo. Vem fazer parte do nosso clubinho!!!! (texto criado pelo grupo de residentes que propuseram o ateliê)



Fonte: Arquivo da autora.

O livro escolhido foi o *Monstrinho Saudoso* escrito pela Martina Bastian Tramontini, que fala sobre a saudade nos tempos da pandemia (Tramontini, 2020).

A escolha desse livro se deu por diversos motivos e vou ressaltar, aqui, os principais. O livro ter sido escrito por uma criança de 9 anos. Achamos importante dar visibilidade a isso e mostrar para eles que é possível. Acreditamos que eles também se identificariam tanto com a autora, como com a história; daí, nosso segundo motivo: o tema. Depois de um ano de pandemia, achamos que seria muito importante trabalhar com as crianças como elas estão se sentindo com relação a tudo o que está acontecendo. O terceiro motivo foi que o livro trazia que “as coisas aos poucos foram voltando ao “normal”, mas que o “normal” agora era diferente”, e, com o retorno presencial, as aulas, em um momento em que a contaminação pela Covid-19 estava alta, grande lotação nos hospitais, altas taxas de

mortalidades, o vírus não estava calmo, como no livro, então, gostaríamos de trabalhar essas questões com as crianças.

As residentes conversaram muito sobre como seria a organização daquele ateliê. Pensamos em cada momento: como seria a leitura; criamos perguntas que nos ajudassem a orientar a discussão para os temas que achamos relevantes tratar; como seriam as indicações e a votação. E assim ficou a nossa organização final da primeira edição do clube do livro; ficou deste modo:

Esqueleto para o Ateliê “clube do livro”:

- 1 - Boas vindas
- 2 - Apresentação deles
- 3 - O que é um clube do livro?
- 4 - Apresentação da Autora
- 5 - Leitura coletiva
- 6 - Passa a bola para eles sobre o que acharam da história
- 7- Vamos norteando com as nossas questões

Perguntas:

O que acharam da história?

Gostou? Por quê?

O que mais gostou?

O que não gostou?

Está com saudade da escola?

Que cor está o seu saudoso?

Você disfarça a sua tristeza? Como?

Vocês se identificaram com a história?

No livro, a autora faz um final sobre o fim da pandemia e como as coisas voltam ao normal, mas, na realidade, a pandemia ainda não acabou.

Está normal? Como está sendo na escola?

E na sua casa? Você está podendo viajar, brincar com os seus amigos?

A importância da vacina.

Importância dos protocolos.

Falar sobre a situação atual, que não está normal, que muitas pessoas morreram e a vida de muitas pessoas mudou para sempre.

O que você mudaria na história?  
Você acrescentaria alguma coisa?  
Você tiraria alguma coisa?

Depois de tudo preparado, chegou o dia do nosso ateliê, 11/05/2021, às 15h, estávamos muito aflitas se alguma criança entraria no ateliê, mas estávamos tão convictas da qualidade da proposta que já havíamos decidido que se nenhuma criança entrasse na reunião, faríamos nós mesmas, registraríamos tudo, para mostrar como foi muito legal e convidá-las, para as próximas edições. Mas, elas entraram. Às 15h03 já tinham duas crianças e ainda bem que elas entraram, pois foi a coisa mais linda poder construir esse ateliê com elas. Tivemos também a presença da professora Elizabete do 2º ano, do Professor Ricardo, de Educação Física e do Estagiário de Pedagogia da UFSCAR, José Carlos.

Outra questão que tínhamos era se as crianças teriam livros para indicar, se já tinham livros favoritos e se dispunham deles em suas casas, mas, logo no início do ateliê, quando a Priscila estava explicando o que era o clube do livro e como faríamos para fazer a escolha dos livros, a J, estudante do 3º ano A, já nos surpreendeu e aliviou nossas preocupações indo buscar um livro que ela já queria indicar para o próximo ateliê.

A princípio, imaginamos que as crianças poderiam não querer ler, por vergonha ou algo do tipo, então, nos propomos a realizar a primeira leitura do texto, mas as crianças nos surpreenderam e, logo, já pediram para ler. Cada uma ia levantando a mão e lendo uma página, mesmo com dificuldades, mesmo pedindo a ajuda da avó, como a L que ainda não está completamente alfabetizada. Nós tentamos deixar todas bem à vontade para ler e contar com a nossa ajuda, se precisassem. Olhando a foto do ateliê, eu recorro o quanto fiquei emocionada com a leitura das crianças, acho que, principalmente, pela confiança que depositaram em nós para compartilhar as leituras. Gostaram tanto de realizar a leitura que leram mais uma vez, para poder incluir colegas que se atrasaram para o clube do livro.

Depois de conversamos sobre o livro, e foi empolgante ouvir as crianças com relação à história que leram e sobre o momento atual, suas interpretações, por vezes, tão diversas das nossas, que levaram nosso olhar para outros lugares que, muitas vezes, nós, os adultos já estamos desacostumados a ir.

Em seguida, aconteceram as indicações de livros para o próximo clube e a votação!

Explicamos que quem fosse indicar um livro, deveria explicar o motivo da indicação, ou seja, fazer a defesa do seu livro. Foi emocionante ver a R indicando o livro, pois foi o primeiro que leu sozinha. Me lembrei do primeiro livro que li sozinha também. Foi na escola, o “Lúcia Já vou indo”, da Maria Heloísa Penteado, e eu estava na primeira série. Sempre me lembrarei dessa história com muito carinho. Fizemos uma atividade em grupo de fazer livrinhos sobre a história. Eu me lembro, ainda hoje, do meu e dos desenhos que fiz. Torço para que o clube do livro se torne uma memória assim para as crianças, repleta de carinho e significados.

Em seguida, conversamos sobre como seria o processo de votação, quem poderia votar, em quantos livros, enfim, fomos decidindo tudo juntos. Essa participação das crianças no processo de construção e de decisões dos ateliês, eu acredito ser uma das partes mais significativas do trabalho desenvolvido, por proporcionar, para elas, autonomia, trabalho, livre expressão e cooperação, os quatro eixos norteadores da Pedagogia Freinet (Freinet, 1979), dando a possibilidade de se emancipar, enquanto sujeitos de direitos, de serem já, nesse momento, cidadãos.

Trago, aqui, as indicações e o resultado da votação.

- 1 - O Pequeno Príncipe (Indicação da professora Elisabete e fomentada pelo professor Ricardo)
- 2 - O Livro das Casas (Indicação da J do 3ºA)
- 3 - O Rato e a Montanha (Indicação minha)
- 4 - Eu Quero ser grande (Indicação da Priscila- Residente)
- 5 - Pinóquia (Indicação da R do 3º A)

Resultado final da votação.

1 - 3 votos

2 - 1 voto

3 - 2 votos

4 - 4 votos

5 - 3 votos

Depois que a reunião terminou e as crianças saíram, a professora Elisabete e o professor Ricardo vieram nos parabenizar pela proposta e nos dar um retorno sobre o que acharam do clube do livro; ambos gostaram muito, disseram que é um trabalho muito importante e que torcem pela continuidade do projeto.

Nós ficamos muito felizes com essa resposta sobre o ateliê. Mas, eu confesso que também senti uma grande tristeza, com a qual ainda não estou conseguindo lidar, pois, infelizmente, o nosso trabalho tem data para acabar, ao final do semestre da RP, em outubro, seremos remanejadas de núcleo, e, provavelmente, esse trabalho vai ter um fim. Sei que deveria pensar que novas oportunidades estarão se abrindo, que poderemos desenvolver novos trabalhos inspirados nesse, no próximo núcleo, para o qual vamos, que terei a oportunidade de conhecer novas escolas, equipes gestoras, professoras e professores, estudantes e comunidades, e que isso vai ampliar, significativamente, a minha formação, no entanto, o que construímos, como grupo, tanto entre residentes, preceptoras e comunidade escolar, me afetou de uma forma muito profunda, que, realmente, me sinto parte dessa equipe e gostaria de seguir nessa partilha de trabalho e aprendizado e afetos. Hoje, me sinto envolvida e comprometida com essa escola, sua proposta e toda a sua comunidade.

Essa riqueza do trabalho que temos desenvolvido e também acompanhado me recorda Varani (2020, p. 132) “inerente à toda ação humana está a sua relação com o outro e o que isto promove: potência de produzir cultura, conhecimento.” acredito que a minha experiência de estágio atrelada ao programa da residência

pedagógica tem sido realmente assim, uma potência, na qual temos produzido cultura e conhecimento e afetos.

Termino este estágio compreendendo melhor o que é ser professora, intelectual crítica e reflexiva (Pimenta e Lima, 2005/2006, p. 20) e pretendo levar este aprendizado para além da minha formação acadêmica/profissional.

## Referências

- FERRARI, M. **Célestin Freinet, o mestre do trabalho e do bom senso**. Nova escola. Out de 2008. Disponível em: <encurtador.com.br/nACP2>. Acesso em: maio de 2021.
- FREINET, É. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia de Freinet**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- PIMENTA, S. G. & LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. In: **Revista Poiesis**, v.3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.
- SANTOS, D. M. *et al.* A influência da Pedagogia Freinet na função do professor no contexto educativo e sua proposta para uma Escola Moderna. **Pedagogia em Foco**, Iturama - MG, v. 12, n.9, p.52-64, jan./jun., 2018.
- TRAMONTINI, M.B., **O Monstrinho Saudoso**: Uma história sobre a saudade em tempos de pandemia. *Ebook Digital*. Kindle Edition de 12 de jul. 2020.
- VARANI, A. Trabalho coletivo docente como espaço de re-existência. In: COSTA, Adriana. A. F; CUNHA, Cristina. O. B; PRADO, Guilherme, do V. T.; EVANGELISTA, Francisco (orgs.). **Narrativas, Formação de Professores e Subjetividades Democráticas**. São Carlos: Pedro & João Editores, p.113-140, 2020.

## Encontros afortunados em tempos de pandemia<sup>1</sup>

Estefani Aparecida Ferreira de Araújo

*“Estou sempre no começo, como você.”*  
(Freire in Freire; Horton, 2018)

Estamos quase no final de mais um semestre e, nesse, tive muitos aprendizados com a turma do segundo ano da professora S, na EMEF L. B. Posso me descrever como uma pessoa afortunada, por ter conhecido e convivido com um ser humano de tanta amorosidade, respeito e compreensão com o próximo.

Esse estágio, no momento quase interminável em que estamos vivendo, tem sido um refrigerio para minha alma. É muito gratificante poder ajudar quem quer ser ajudado, desde, fazendo a leitura de um livro, apresentando imagens no *Google*, tirando dúvidas das crianças ou escrevendo os registros de aula... Diferente de alguns outros estágios, me sinto como uma igual, e não como uma estranha no ninho. É tanta escuta, tanta partilha... Nos finais de cada encontro, eu e a professora passamos um pouco do nosso tempo falando sobre como foi a aula, sobre as observações realizadas pelos alunos, sobre o próximo encontro, ideias, propostas, e, também, sobre nossa própria vida. Tem sido quase como uma terapia.

As crianças são ótimas! Por mais barulhentas que possam parecer, as quartas e sextas-feiras à tarde, são muito divertidas, interagindo desde o *chat* (com diversos assuntos aleatórios – inclusive, vídeos de terror), até com o microfone ligado na maior parte do tempo. Não pude conhecer todas as crianças, pois, de 28 alunos, o máximo que vi nos encontros foram 11... Mas, é o que conseguimos alcançar. E, quando falta algum aluno, que é super falante, então? Dá até saudade!

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

Buscando nos aproximar ao máximo da linguagem das crianças, por vezes tentamos falar de maneira mais “simples”, imaginando que elas, talvez, não entendam algumas palavras... Mas, como tudo nessa vida, lidamos sempre com a possibilidade de nos enganar, quando deduzimos que elas não sabem.

Uma das pérolas da vez, foi na última aula, quando a professora contava uma história sobre um avô que usava o ábaco para contar... Em determinado momento, ela disse: “O ábaco foi a primeira máquina utilizada para fazer continhas...” e uma aluna, retruca: “você quis dizer calculadora, né, tia?”. Eu e a professora rimos, é claro. Tanto pela esperteza da aluna, quanto por mais que essa aluna soubesse o que significa “uma máquina de fazer continhas”, outros alunos não sabiam.

Os assuntos falados, por eles, em aula são dos mais variados. Um dos primeiros, talvez, seja: “Já está acabando a aula?”, seguido de “Precisa pegar o caderno?” ou “É para copiar?”. A aula entra tanto na vida das crianças, que, muitas vezes, elas avisam quando precisam usar o banheiro, ou como, em outro encontro, em que uma das alunas saiu, pois precisava ir ajudar a prima a vender cachorro-quente.

Semana passada, uma das alunas fez aniversário, e, embora ela fosse muito participativa, naquele dia, estava bem quieta. Fiquei me perguntando qual seria o motivo para que ela não estivesse feliz em fazer aniversário... Poderia ser tanta coisa... Mas, achei melhor não perguntar!

Há participação da família, que algumas vezes grita entre si, briga, conta fofocas... Há participação dos *pets* - desde cachorros até porquinho da índia, dos carros, das motos. Há reverberação dos sentimentos, como hoje, quando um aluno disse no meio da aula: “Ô tia, sabia que meu tio está lá no céu?” E, então, a professora, com toda gentileza, perguntou: “Você quer falar mais sobre isso? O seu tio virou uma estrela?” “Não, tia, é que Deus chamou ele. Eu tô com muita saudade”.

Me impressiona a capacidade e a vontade das crianças de demonstrar seus sentimentos, mesmo que o assunto da aula não seja

esse. Também me faz refletir como algumas crianças conseguem lidar de maneira tão natural com a morte, e outras não. O que me forçou, de certa maneira, a tentar lembrar como eu lidava com tais fatores, quando tinha a mesma idade desses alunos...

Essa tem sido uma experiência muito proveitosa, para mim, por mais cansativa que, às vezes, seja por todas as demandas rotineiras: chego da escola, tenho que cozinhar, quase não dando tempo de comer; aí, depois, vem a aula da tarde, um pouco antes do encontro; depois do encontro, tenho aula à noite; e, nesse meio tempo, preciso, às vezes, limpar alguma bagunça que os filhos caninos fizeram. Enfim! É tanta correria que cansa só de pensar (Quem mandou crescer, não é mesmo?). Mas, tem sido recompensador. É um momento de descontração, no qual eu consigo, pelo menos por uma hora, esquecer as atribuições que vêm com a graduação e morar longe da família.

Vida, partilha, alegria.

Será que cabe felicidade em uma hora por dia?

Barulhos repentinos fazem parte do caminho.

E esse caminho é tão bom que não precisamos trilhar sozinhos.

Paz, amor, gratidão.

Palavras pequenas, mas que cabem dentro do coração.

Inquietude,

Essa que nos torna seres curiosos,  
capazes de descobrir e redescobrir.

Emoções, sentimentos.

Estão aqui há tanto tempo.

Saber.

Que é que sei?

Pouco me importa.

Procuro me apegar ao agora.

Pois o depois fica para outro dia, outra vida, outra partilha.

Alegria.

*Estefani*

## Referência

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes. 2018.

## Um ambiente acolhedor<sup>1</sup>

Gabriela Araujo Silva Carneiro

Essa foi minha primeira semana de encontro com as crianças. Já havia me reunido com as professoras, entendido o projeto, e, juntas, planejado o que seria trabalhado, compartilhado materiais e feito o plano de aula para os próximos encontros. Entretanto, o momento de interagir com as crianças gera sempre uma boa expectativa, já que elas são sempre cheias de surpresas, que nos tocam. Como na primeira aula, quando a “prô” R me apresentou, disse que eu era estagiária e que me chamava Gabi. Todos fizeram questão de abrir seus áudios, dizendo que eu era bem-vinda; me disseram oi; até um aluno compartilhou comigo que sua irmã se chamava Gabi também. Eu senti tanto amor e tanto carinho em cada fala deles que me senti acolhida e parte daquele grupo.

Eu percebi que aquele ambiente, aquela escola, tinha muito disso. Todos são parceiros, se ajudam, se complementam num espaço confiável e seguro. Eu escolhi o projeto “letramento matemático”. Sei que é uma disciplina em que os alunos, geralmente, têm dificuldades e, querendo entender como ajudá-los, escolhi essa experiência. Tivemos o encontro, estudamos sobre a sequência dos Algarismos e, depois, sobre o sistema posicional numérico (unidade, dezena e centena). A grande maioria participou, errou, acertou, e usamos o material dourado para entender melhor.

No final do encontro, no momento em que nós, professoras e estagiárias, conversamos sobre a aula que tivemos, uma criança decidiu ficar. Ela pediu ajuda, disse que não havia entendido muito bem e a professora, prontamente, se dispôs a retomar o que havia explicado. Elas voltaram ao começo, fizeram um exercício e ela entendeu. Após isso, a professora compartilhou comigo que

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

esta criança, geralmente, tinha dificuldade, mas que ficava feliz dela se sentir à vontade para pedir ajuda, quando precisava.

Fiquei pensando como é importante criar esse espaço em que os estudantes se sintam parte e à vontade para errar, fazer perguntas, aprender, e colocar suas experiências de vida. Onde os professores e os colegas estejam interessados naquilo que o outro tem a dizer, querendo se ajudar e se complementar, mesmo que isso signifique ter que voltar ao início do que já havia sido explicado. Com certeza, a estudante sentiu confiança naquele espaço para que pudesse perguntar sem medo e ter sua dúvida como legítima, não como uma “falta de atenção”. Num momento em que as crianças, geralmente, querem ser liberadas, rapidamente, fazer outras coisas que as satisfaçam, ela decidiu ficar e pedir ajuda. Vi nela não uma coragem (isto, pois, quando criança, eu sentia vergonha e medo de tirar dúvidas e, para mim, quem o fazia era corajoso), mas vi naquela criança algo natural, que acontece sempre, e isso devido ao espaço de aprendizagem seguro e confiável que a turma e as suas professoras criaram.

## Por uma didática crítica e reflexiva: uma breve tessitura acerca das discussões produzidas ao longo da disciplina<sup>1</sup>

Guilherme Gonçalves Costa

“Ninguém nasce feito” (Freire, 2007). Pensando na célebre frase de Paulo Freire, dou início a esta breve narrativa, sobre a qual me debruço rememorando algumas das ideias trabalhadas e problematizadas ao longo das aulas da disciplina de Didática e Teoria Pedagógica, que tive a oportunidade de cursar no 1º semestre de 2021. Minha opção pela asserção freiriana supracitada não se deu ao acaso: trata-se de um gesto simbólico que, em uma primeira instância, relaciona-se com o nosso primeiro contato com a disciplina e, em segunda instância, também constrói uma relação dialética com o meu próprio percurso formativo. Explico.

O primeiro texto que nos foi solicitado para leitura foi *Ninguém nasce feito*, de Freire (*Ibid.*), a partir do qual se inaugurou a nossa primeira “conversa” com a didática por intermédio de alguns atores e atrizes de suma importância, quais sejam, as professoras, professores e auxiliares didáticos da disciplina. Mal sabia eu que entraria em uma grande aventura de aprendizado e conhecimento, com salpicadas de deslumbre em nossos “Momentos de Arte-Literatura”. Neles, nos foi oportunizado tecer um espaço colaborativo informal sobre as artes e seu impacto no nosso dia a dia, socializando-as com nossos colegas. Na sequência, trabalhamos tópicos diversos que permeiam a didática, além da sua pluridimensionalidade e diálogo com as demais disciplinas, passando por temas importantes concernentes à universidade, à sociedade e às suas inter-relações. Muitas reflexões surgiram nesse processo pautado na troca.

Em Krenak (2020), fomos convidados a um questionamento da utilidade da vida, e se, realmente, devemos nos preocupar

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 152: *Didática e Teoria Pedagógica*, durante o ano de 2021.

tanto com certos pormenores. O autor indígena problematiza, de modo interessante e provocativo, o modelo de produção vigente em nossa sociedade e como sua adoção fez com que passássemos a nos preocupar excessivamente com questões de menor importância em detrimento de outras, como a preservação da natureza e as mudanças climáticas. Santos (2020), por sua vez, aborda a problemática da pandemia do Coronavírus e, como esta transformou nossas rotinas por completo. Em movimento similar ao de Krenak (*Loc. cit.*), enumera algumas das primeiras lições que tal catástrofe nos trouxe à luz das desigualdades que o sistema capitalista, invariavelmente, produz.

Na esteira dos autores, endosso que as lições não têm sido poucas. A pandemia nos tem afetado em modos que jamais prevíamos, e, ainda assim, seguimos resistindo. Infelizmente, não há vacina que cure o sem-número de vidas perdidas *negligentemente* em solo brasileiro ao longo desse período. E, à medida que me atento às principais notícias veiculadas pela grande mídia, também, percebo que a sociedade em que convivemos não mostra sinais de aprendizado para com as sábias lições que Santos (*Loc. cit.*), gentilmente, compartilha conosco. Lembro-me de emoções fervilhando com as discussões promovidas em sala de aula<sup>2</sup> naquele dia, os olhos marejados de lágrimas durante grande parte do tempo dedicado à disciplina.

Deslocando-me um pouco mais à frente na linha temporal que pudemos construir, ao longo da disciplina, fomos também apresentados com os textos de Saviani (2009) e Freire (2001). Dermeval Saviani (1943-presente) é professor e pedagogo da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), idealizador da

---

<sup>2</sup> Uma grande tristeza vem à tona ao que me expresso apropriando-me do termo “sala de aula”. Tendo ciência de que nossas salas de aula naquele período turbulento eram pequenas caixinhas na tela do computador, muito me dói ao lembrar desses espaços tão ricos, e a saudade das carteiras, lousa, pincéis e giz, risadas etc. é absolutamente inevitável. Tal reflexão me mostra como a categoria de representação social da materialidade da escola reportada por Guridi *et al.* (2020) é evocada com tamanha força nesse meu movimento narrativo.

Pedagogia Histórico-Crítica, que se fundamenta no Materialismo Histórico Dialético. Para Saviani (*Loc. cit.*), a Educação não se coloca como solução para a marginalidade social, tópico sobre o qual se dedica a discutir no primeiro capítulo da obra *Escola e Democracia*. No capítulo, o autor revisita algumas das teorias da Educação, as quais classifica em teorias não críticas e teorias crítico-reprodutivistas. No texto, assume uma postura de defesa às teorias crítico-reprodutivistas, isto é, aquelas nas quais a Educação é vista como indissociável do sistema produtivo vigente (capitalismo) e, portanto, também instrumento político de opressão. Alinham-se (até certo ponto) à teoria de Saviani, autores como Bourdieu e Passeron (teoria da violência simbólica); Establet e Baudelot (teoria da escola dualista), e Althusser (teoria da escola enquanto aparelho ideológico do Estado), citados por ele próprio como autores de teorias crítico-reprodutivistas (*Ibid.*).

Já, em Freire (2001), que em muitos aspectos dialoga com Saviani (*Loc. cit.*), temos uma defesa da necessidade de se desenvolver uma “consciência crítica e criticizadora”, que saísse do que chama de “transitividade ingênua” em direção à “transitividade crítica”. Na obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (*Loc. cit.*), tivemos a oportunidade de debater pontos que, segundo o autor, seriam de grande valia para o processo (re)transformativo e (re)construtivo que é o tornar-se professor ou professora (lembramos: ninguém nasce feito!) e a “boniteza” desse processo. No texto, Freire compartilha conosco saberes das mais variadas naturezas, que se articulando nos meandros da ética, estética, práxis, também, passam pela didática. Em outras obras do autor, como em *Educação como Prática da Liberdade* (Freire, 1974), há uma defesa da emancipação do indivíduo, como cidadão crítico, capaz de moldar a própria realidade, caracterizando-se como “produtor de cultura”. Assim, nos chamados “Círculos de Cultura”, realizavam-se debates que dialogavam com a cultura e o contexto social dos educandos participantes do projeto em Angicos, onde a proposta freiriana (*Id.*, 2007) promovia a conscientização social. Dado o contexto dos

anos 1960, as ações de Paulo Freire (*Id.*, 2001) foram revolucionárias, vez que pessoas analfabetas tiveram, pela primeira vez, a oportunidade de aprender a ler e a escrever, o que lhes garantia o direito ao voto. Se dedicarmos um momento de reflexão acerca desse grande marco na História da Educação, teremos a dimensão do quanto isso significou para as camadas populares, à época, e um vislumbre dos porquês de Paulo Freire (*Id.*, 1974) ser nosso patrono da educação.

Até então, essas foram algumas das ideias e discussões produzidas na disciplina, e sinto-me bastante tocado pelas leituras e reflexões suscitadas nesse espaço. Pensando-se o papel da didática, no âmbito da pedagogia e também no âmbito da formação inicial, acredito que as oportunidades de aprendizado sobre a atuação docente têm sido inúmeras. Repito as palavras do mestre: ninguém nasce feito. Contudo, por meio da nossa disciplina, fomos feitos e refeitos todas as semanas, e, nesse bonito movimento, nos tornamos quem somos, nos apropriamos das nossas identidades docentes e “esperançamos pelo chão” brasileiro por um futuro digno e menos desigual.

## Referências

- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, P. Não há docência sem discência. *In: Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 12-20.
- FREIRE, P. Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nos fazemos. *In: FREIRE, P. Política e Educação*. 8. ed. rev. e ampl. Indaiatuba: Villa das Letras, 2007. (Coleção Dizer a Palavra).
- GURIDI, V. M. *et al.* Representações sociais sobre escola e identidade profissional docente: um estudo de com estagiários em

um curso de Licenciatura em Ciências no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 28, n. 106, p. 1-37, 2020.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

SAVIANI, D. As teorias da educação e o problema da marginalidade. *In*: **Escola e democracia**. Campinas: Editores Associados, 2009. p. 15-46.



## Tudo acontece quando nada acontece<sup>1</sup>

Laura Argento

Na data de 22 de outubro, acompanhei a aula da professora C e, ao final do encontro, passei a refletir nas “entrelinhas” do que ocorreu. O planejamento da aula, sempre preciso e bem organizado, se lido anterior ou posteriormente ao encontro, contém as linhas da narrativa a ser contada, mas, nas entrelinhas, nestas eu vi o espaço da troca, do mútuo aprendizado, da educação propriamente dita ocorrendo.

Em cada brecha do diálogo, a professora faz e deixa fazer: educação. A começar pela Roda de Conversa. A despeito do tempo ser curto (uma hora e meia de encontro virtual, com metade da turma, presencialmente, na escola, e a outra metade, em casa), o clima instalado é de calma para a escuta do que cada um tem a dizer. Em meio ao contexto da pandemia, esse espaço de expressão, no qual cada aluno pode contar as novidades, ocorridas em sua família, em suas vidas pessoais (desde um corte de cabelo, um passarinho encontrado doente no quintal, até um familiar doente) mostrou-se essencial para a socialização e interação do grupo. E, nas brechas dessa interação, a professora aproveita para trabalhar diferentes conteúdos. Por exemplo: um aluno pediu a palavra. O que ele queria partilhar com o grupo? Uma piada, pelo *chat*. Naturalmente, a professora permite e lê a piada para a turma. Todos dão risada, porque a piada é engraçada. Depois, a professora C diz: “pessoal, vamos aproveitar o texto do P para nos atentar à pontuação? Pedro, você me dá licença de analisar o seu texto, para refletirmos sobre o uso da vírgula e de outros sinais?”.

Após pedir licença ao aluno, que a concedeu, a professora vai questionando o P e a turma, mostrando trechos nos quais

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o ano de 2021.

caberiam sinais de interrogação, travessão (“aqui tem alguém falando?”), vírgulas etc., até todo o texto estar corrigido, depois de já ter cumprido sua função social, a de fazer rir! E então, P pergunta: “posso contar mais uma?” “Pode, P”. E lá veio mais uma piada no *chat*, que fez a turma rir, mas sem nenhuma vírgula. Então, C propõe a P que reescreva a segunda piada corrigindo ele mesmo a pontuação, de acordo com o que tinha sido conversado em relação à piada anterior. E, assim, temos a piada corrigida no *chat*. Do “nada” (contar uma piada, poderia ser considerado algo inútil, inadequado, descontextualizado) faz-se “tudo” (interação, riso, correção coletiva, na qual a pontuação não consiste apenas em regras, mas tem sua função pragmática; e ainda, a autonomia de um aluno na autocorreção do seu texto).

Ainda na Roda de Conversa, uma aluna pede a palavra e conta que, na creche da sua irmã menor, as crianças haviam ido lanchar no McDonald’s™. Outro aluno questiona por que eles não podiam também comer no McDonald’s™, ali na escola, e a professora começa a discorrer sobre a questão da alimentação saudável e como a escola tem toda uma equipe organizada para oferecer essa qualidade para a comunidade escolar. Ela conta aos alunos sobre o Ceasa, local, no qual os alimentos são selecionados, e pergunta aos alunos se eles já haviam reparado que as pessoas da cozinha da escola separam em sacos plásticos, todos os dias, porções do alimento a serem servidos, para que possam ser encaminhados a uma análise que controla a qualidade, a higiene, as condições do que é oferecido aos alunos e à comunidade. Assim, aproveitando a fala de uma aluna, a sala é levada a refletir sobre toda uma rede de trabalho, pessoas e órgãos envolvidos, para que possam se alimentar com qualidade.

Em meio à Roda de Conversa, a professora C recebeu o recado de uma das alunas, por meio de outro aluno que assistia à aula *on-line*, de que não estava conseguindo acessar a aula pelo *link* oferecido. Esse aluno se prontifica a compartilhar a tela com sua colega, para que ela não perca a aula, mas esse recurso limitaria a participação dela. Então, a professora, como em outras

ocasiões já havíamos observado, faz uma chamada de vídeo por *WhatsApp* do seu telefone particular e posiciona de forma que a aluna possa participar da aula.

O que leio nas entrelinhas dessa história? Ela nos conta que a pandemia impôs muitos desafios às escolas, em especial, às escolas públicas; nos conta a exclusão digital a que muitos alunos ficaram sujeitos, e ainda a sobrecarga de trabalho dos educadores, tendo que atender alunos, simultaneamente, no formato presencial e remoto; essa história nos relata as dificuldades inerentes ao próprio uso da *Internet*, com seu fator de imprevisibilidade; nos conta do atraso do currículo, na discrepância no aprendizado e participação dos alunos de uma mesma turma... mas, na atitude da educadora, as entrelinhas nos convidam à admiração de quem não desiste de incluir, não desiste de criar estratégias, não desiste de cada um.

Em seguida, aconteceu o momento da leitura - a professora sempre inicia a aula com alguma obra literária. Naquele dia, C escolheu “Meu amigo faz iii”, de Andrea Werner, e essa escolha não é ao acaso: na semana seguinte, o tema da inclusão seria abordado pelo grupo de estagiários que acompanhavam a turma, composta por dois alunos autistas, dos quais apenas um chegou a realmente frequentar as aulas (o qual vamos chamar ficticiamente de Maurício).

Após a leitura, a professora pergunta aos alunos o que acharam, e um deles diz: “Esse livro mostra o futuro”. “Por que o futuro, Maurício?” “Porque, no futuro, as pessoas vão tratar bem as pessoas diferentes”. “Você está tendo uma boa visão do futuro, Maurício”. Outros alunos observam que, tal qual o personagem do livro, Maurício também tem um objeto de apego (os alunos o chamam no diminutivo: “O Mauricinho também gosta do seu ovo”); outros ainda o comparam ao personagem, que, quando fica bravo, faz barulho: “Só que ele faz barulho quando está feliz”. Nas linhas e entrelinhas, eu leio uma coletividade se educando para a inclusão, para um olhar gentil para as particularidades, um espírito empático e acolhedor. É de se admirar a maneira como os

colegas se referem ao Maurício: existe, claramente, um estado de afeto cultivado no grupo.

Ainda antes de conseguir iniciar a atividade preparada, e, por isso, insisto que tudo aconteceu, enquanto “nada” aconteceu. Entrou, na conferência da aula, a aluna M, que fazia aniversário naquele dia, e a professora alertou a turma que ela entraria e todos se prepararam para cantar os “Parabéns”. O tempo parecia se dilatar: havia tempo para que cada um fosse ouvido e recebido, não se perdia tempo, apenas se ganhava.

A atividade que se segue é um plano de escrita coletiva, no qual a turma elege o roteiro, a narrativa o quê? a partir de três opções: o personagem principal, um tempo histórico e um cenário. Após as escolhas, a professora conversa sobre a construção do texto: introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho. Discorre sobre a resolução do conflito: o problema resolvido não necessariamente significa um final feliz. Abre-se espaço para o planejamento da narrativa coletiva, e os alunos vão expondo suas ideias e complementando as dos colegas, além de pedirem, também, aos estagiários presentes para dar sugestões, momentos em que fomos convidados a participar. O grupo acaba por escolher um tempo futuro apocalíptico para a história, com o mundo dominado pelas máquinas.

E, diante da perspectiva pessimista do futuro, a professora faz o contraponto com o ponto de vista de Maurício, quando da leitura do livro, o futuro otimista que ele projetara. E, assim, trocando-se ideias, dialogando-se, acolhendo a todos e a cada um, foram trabalhados os conteúdos e as relações humanas e, em suas entrelinhas, desenharam-se futuros.

## Decifrando o indescritível<sup>1</sup>

Maria Beatriz Pugiali Leme

Não consigo nomear apenas um sentimento que tem invadido meu coração, ao longo não só dessa disciplina, mas de todos os assuntos pertinentes à universidade. Embora eu tenha lido - e recomendado - o Emocionário (Pereira; Valcárcel, 2018), o diário de emoções, ainda assim, não consigo descrever. Um que tem se feito bastante presente é a impotência.

Impotência porque, depois de diversas reuniões, leituras e debates com o grupo do qual fiz parte nesse estágio, não conseguimos colocar nenhuma das atividades em prática. Impotência, porque sinto que não consegui dar o melhor de mim em uma disciplina que eu estava tão ansiosa para fazer.

No entanto, mesmo com essa nuvenzinha cinza sobre a minha cabeça, sinto que consegui aprender com a minha turma, com as crianças e com o meu grupo. A L, por exemplo, compartilhou comigo a experiência dela ter conhecido a “MatemÁfrica”, com o professor militante W, o que me trouxe a clareza de que estou no caminho certo ao insistir em uma educação não só antirracista, mas uma educação permeada por professores pretos (Queiroz, 2012). Por outro lado, a arte-metáfora/texto da A, trazida durante os momentos de orientação das aulas na universidade, me deu a tranquilidade de que eu não estou sozinha.

Nós, as estagiárias, só conseguimos fazer um encontro com a turma dos 2º anos da escola, mas esse momento acendeu uma centelha de esperança em mim: mesmo tendo participado de vários outros *meets* e algumas aulas presenciais, essas crianças participaram mesmo assim! Conversaram conosco na tentativa de mostrar um pouco quem elas são e do que gostam. Nós

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 911: *Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

conversamos com eles na tentativa de saber o que eles precisavam no que diz respeito à escola naquele momento. E foi daí que conseguimos elaborar um plano de atuação - bastante bom, na minha muito enviesada opinião.

Esse plano de atuação, obviamente, não foi levado à prática por conta do retorno obrigatório às aulas presenciais: ficou apenas no “campo das ideias”. Mas, foi uma oportunidade incrível de descobrir novas formas e novas ferramentas para elaborar atividades interessantes para as crianças. Na última aula da EP911 “D”, uma música ficou muito na minha cabeça: Epitáfio, da banda Titãs (Britto, 2001), que eu cresci ouvindo com a minha mãe, pois encerro esse semestre desejando ter “arriscado mais, e até errado mais”, querendo ter “chorado mais”, “feito o que eu queria fazer”. Mas, com a tranquilidade de que “amei demais” e entendi as “alegrias e tristezas que cabem a cada um”. Seguirei, como nos sinaliza Paulo Freire, “esperançando” (Freire, 1992).

## Referências

- BRITTO, S. (comp.) **Epitáfio**. In TITÃS: A Melhor Banda de Todos Os Tempos da Última Semana. São Paulo : Abril Music, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia do esperançar**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PEREIRA, C. N.; VALCÁRCEL, R. R. **Emocionário**: Diga o que você sente. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018.
- QUEIROZ, W. (org.) Projeto Afro – MST: Quem ocupa o Oziel? **InformAfricano** nº 1. 2012. Disponível em <[https://issuu.com/informafricativos/docs/informafricativo\\_1\\_-\\_final\\_-\\_copia](https://issuu.com/informafricativos/docs/informafricativo_1_-_final_-_copia)>. Acesso em: 25 nov. 2021.

## A vida de estudante e estagiária durante a Covid-19<sup>1</sup>

Marina Meyer Aguirre de Andrade

### Capítulo 1: expectativa vs realidade

Imagine só o tamanho da decepção da estudante que mal podia esperar por seu último ano da graduação, quando, de repente, o curso se tornou a sala de casa. Bom, o desapontamento decepção nem foi tão grande assim: a economia com o combustível foi grande e o desgaste com as horas e horas de transporte público, simplesmente, não existiram. O Ensino à Distância (EaD) foi desgastante e vários medos nasceram, mas essa parte da história já me parece tão antiga que vou passar um pouco mais para frente, quando a reta final da graduação começou. O último semestre e, junto, com ele, DUAS disciplinas de estágio.

Na batalha de tentar encaixar todas as disciplinas que ainda faltavam, não tive nenhum critério quanto aos professores. Na verdade, nem olhei quem seriam os professores, porque de uma forma ou de outra, não faria diferença. E, para minha surpresa, todos os professores do semestre foram boas surpresas. Estavam tranquilos quanto ao desenrolar do semestre à distância e, a maior das surpresas, foi ver isso numa disciplina de estágio, que era o que mais me afligia. A disciplina veio com um grande clima de leveza e afastou várias angústias.

Quando demos início às atividades, tive a tranquilidade de poder escrever de forma que pudesse colocar um pouco de mim na escrita e isso é algo que aprendi a dar muito valor. Sempre encontrei dificuldades em me separar das minhas escritas e poder me derramar nelas. É algo que torna todo o processo mais prazeroso. O que eu não esperava é que fosse ser tão difícil a

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2020.

realização das atividades à distância. Eu já tinha tido conversas sobre os estágios à distância com alguns colegas, mas viver é diferente de ouvir, e quando me dei conta do que seria o estágio virtual, percebi que a presença me faria falta, que estar ali e poder conhecer as crianças era algo que era muito importante pra mim.

Depois de todos os passos burocráticos que tivemos que seguir, finalmente, eu estava entrando em contato com a professora. Era muita animação e muita vontade de imaginar um projeto muito legal. E a conversa era tão distante, tão impessoal, e aí me dei conta da realidade que foi imposta pela famosa COVID. Não havia encontros, tampouco aulas. A professora que eu iria acompanhar era a responsável pelas aulas de matemática para os 5º anos e me explicou que ela mandava a lista de exercícios e, uma semana depois, a correção. Pra mim, estava tudo tão confuso. Ela me contou também do projeto do sarau, que seria realizado nos próximos meses e me convidou para participar de uma reunião.

Fiquei empolgada, achei que era algo ótimo colocar eles em contato com um pouco de arte, o que se relaciona mais com nossos sentimentos e emoções. Até que, na reunião, as professoras me contaram que tinham decidido que os alunos iriam cantar a música “O caderno” (Toquinho; Mutinho, 1983). Fizemos os combinados sobre os ensaios que seriam feitos pelo *Google Meet* todas as quartas-feiras. Esperei a reunião acabar e, quando as crianças saíram, eu perguntei sobre a escolha do projeto e fiquei bem desapontada ao saber que a escolha tinha sido feita apenas pelas professoras, com a justificativa de que era uma música muito legal.

Eu percebi que, ali, não havia espaço para eu colocar meus pensamentos sobre aquela escolha não democrática sem criar um clima ruim. A música é realmente legal; eu só acredito que crianças com 10-11 anos já têm capacidade de participar mais e com mais voz de um projeto que, no fim, vai ser realizado por elas. Mas também entendi que a comunicação com as crianças andava bem complicada e, talvez, isso tenha sido só uma forma de engajar mais crianças a participar. Então, naquele momento,

coloquei minha cabeça pra pensar rápido e sugerir alguma coisa que se encaixasse no tema. Pensei em pedir para as crianças mandarem fotos dos seus cadernos, que poderíamos gravar elas, cantando e, com o áudio e as fotos, fazer um vídeo bem legal, mas minha ideia não foi bem recebida.

Depois da conversa que tivemos com as meninas que fizeram estágio no semestre passado, minhas expectativas cresceram tanto e, a cada passo que eu dava, eu percebia que não seria daquele jeito. Estava sendo bem difícil não desanimar. Participei do ensaio virtual e, ao tentar auxiliar a resolver os problemas técnicos que a gente encontra em qualquer reunião *on-line*, fui praticamente ignorada e isso me trouxe um sentimento de impotência muito grande. Eu pude ver que as professoras têm poucos recursos e as crianças menos ainda para tornar esse projeto do sarau algo bem bacana. Mas eu não sentia espaço para tentar auxiliar e propor coisas que poderiam ser tão legais se fossem trabalhadas em equipe e, então, me lembrei da narrativa de Liliam, ~ *Comunidade de aprendizagem* ~, quando ela fala que “A disposição para ser professor não é natural, mas construída durante sua formação e no exercício da profissão” (Nóvoa, 2009 *apud* Oliveira, 2020, p. 44). E, com isso, tentei acalmar meu coração. Aquelas professoras não tiveram nem tempo e nem como construir um caminho de docência *on-line*, mal tiveram tempo de se acostumar com seus alunos e estavam, assim, do dia pra noite, precisando se reinventar. Isso é algo que pode ser mais fácil para pessoas que têm facilidade com tecnologias, mas, talvez, esse não fosse o caso delas.

Acho que o principal agora seria seguir com paciência e compreensão, respirar fundo e me colocar no lugar delas e tentar levar esse estágio da forma como fosse possível e tentar aprender algo com ele.

## **Capítulo 2: uma dose de realidade e duas de desânimo**

Antes de continuar, quero deixar bem claro que essa não é a história de como eu desisti, de como deixei me levar pelo cansaço.

Essa é uma pequena história real de todos os esforços e malabarismos que tentei fazer para que, de alguma maneira, esse estágio acontecesse. Quando algo ruim ocorria, ou algo que causasse desagrado, minha mãe costumava dizer: *“O quanto isso é importante pra você numa escala de 0-10? A metade da sua resposta é a quantidade de dias que você deve se permitir sofrer por isso, e depois que esses dias acabarem, seguir e achar outro caminho, outra saída. A vida nem sempre é do jeito que a gente deseja”*.

A minha frustração não podia ser medida numa escala de 0-10; convenhamos, esse ano foi o ano das frustrações para uma grande parcela das pessoas; nesse ano, tiveram tantas coisas, as quais eu jamais imaginaria que pudessem acontecer e, no meio de tudo isso, ficou um espaço enorme, das pessoas que costumavam estar presentes, próximas e convivendo. Sem poder mensurar, numa escala de 0-10, fiquei presa, talvez, tempo demais no sentimento de que meu estágio não daria certo, pelo menos não da forma como imaginei e de como ouvi relatos.

Mas, algum estágio estava dando certo? O fato de eu não ter recebido nenhum retorno das crianças e ter um contato muito pequeno com a professora era o atestado de “estágio errado”? Eu não sou uma pessoa muito espiritualizada, ou de muita fé, mas sou uma pessoa, como diz meu namorado: *“cor de rosa com glitter”*, que acha a vida linda e que idealiza tudo bem mais do que deveria. Bom, isso, talvez, seja algo que poderia muito bem ter saído da boca dele, ou da minha mãe, duas pessoas muito espiritualizadas, mas acredito que isso tenha sido a vida me mostrando que ser professora não é bem todo aquele conto de fadas que eu sonhei por muitos anos, que eu muito, provavelmente, encontraria desafios enormes e que precisaria achar formas de lidar com eles.

Esse é o cenário, no qual eu estou me tornando professora. Esse é o cenário no qual eu vou prestar concursos para ser professora. Eu acredito que as coisas vão melhorar e que, em breve, as escolas voltarão a abrir as portas e receber os alunos. Esses mesmo alunos que estarão voltando para a escola depois da

pandemia, que estão sendo afetados por ela, que, talvez, tenham perdido familiares, amigos, que, talvez, não tenham conseguido acompanhar as aulas e que tiveram um ano atípico, assim como eu.

Propor a leitura “*Eu sei, mas não devia*”<sup>2</sup> (Colasanti, 1995) para a turma foi acender a luz para isso. Eu precisava entender o porquê tinha me desanimado tanto com algo que não tinha saído como o esperado. Educação tem dessas, nós propomos atividades, ensinamentos, mas não temos controle nenhum do resultado que será obtido, pois não é algo que depende de nós. Às vezes, fazemos planos que, para nós, nos parecem belíssimos e que podem ser vistos pelos alunos como algo sem sentido ou cansativo ou simplesmente que não agrega valor à nota. Viver num mundo onde a nossa educação ainda é do jeito que é e que as notas e conteúdos têm tanto valor, pode ter dessas coisas.

Assim como eu fiz planos, fizeram minhas colegas, e fizeram os professores, e fizeram também as professoras da escola em que estagiei. Todos nós fizemos planos e todos esses planos encontraram desafios.

Todas essas reflexões me transportaram de volta para a primeira (ou segunda) aula da disciplina, quando lemos sobre o “diário de itinerância” (Barbier, 2002). Das minhas anotações daquela aula: “*ITINERÂNCIA: algo que não pode ser previsto, que muda, que se transforma, imprevisível.*” Para ser professor é preciso antes de mais nada estar pronto para isso, para imprevistos, para mudanças e transformações. Professores em todos os cantos desse país precisaram se redescobrir, se reinventar e criar novos caminhos para que seus alunos conseguissem, de alguma forma, prosseguir.

Durante seis anos de graduação, ouvi discursos sobre como é necessário transformar a educação do nosso país, criticando as

---

<sup>2</sup> A crônica *Eu sei, mas não devia*, publicada pela autora Marina Colasanti (1937) no Jornal do Brasil, em 1972, continua nos cativando até os dias de hoje. Ela nos lembra de como, muitas vezes, deixamos as nossas vidas se esvaziarem acomodados numa rotina repetitiva e estéril que não nos permite admirar a beleza que está a nossa volta.

medidas do Estado, os cortes de orçamento e os desvios feitos. Nesse ano, tudo fez tanto sentido, quando nos vimos num cenário, onde manter a educação para todos fez-se impossível num país cheio de desigualdades e diferenças. A educação luta todos os dias, desde o dia 23 de março para permanecer em pé. Os alunos lutam dentro das suas casas para conseguir continuar seus estudos com videoaulas que, talvez, sejam o suficiente e, talvez, não. As professoras lutam para conseguir manter os contatos, manter as famílias informadas e participativas e manter os alunos, de alguma forma, como parte da escola.

Eu me *acostumei, mas não devia*. Me acostumei a ouvir esses discursos na faculdade e saber que ia mal, mas, pouco a pouco, foi ficando menos alarmante dentro de mim, até agora. Esse estágio me colocou num lugar de olhar para isso, tudo isso, que é tanto que nem sei dizer ao certo o que é e querer buscar uma saída. Uma forma de melhorar e mudar alguma coisa. E, talvez, não seja com esses alunos daquela sala, na qual eu realizei meu estágio, porque eles já estão exaustos e prontos para as férias; nem ao lado da professora que trabalhou em condições nunca antes imaginadas e muitas vezes fora do seu horário de trabalho, pois era o horário em que as crianças poderiam ter acesso ao celular dos pais para estar ali, e que também estava cansada demais para incorporar em suas ideias novas coisas vindas de uma estagiária que estaria ali por tão pouco tempo.

O que eu quero, agora, é me desacostumar, me incomodar e fazer diferente. Quero me formar para ser uma professora que questiona, que se arrisca e que tenta fazer de tudo um pouco para os alunos que irei ter no futuro.

## **Referências**

BARBIER, R. O diário de itinerância. In: BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.

COLASANTI, M. **Eu sei, mas não devia** (Crônicas). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

OLIVEIRA, L. R. **“Me ajuda a olhar”**: narrativas e experiências de uma professora de educação infantil em (trans)formação com a escrita. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2020.

TOQUINHO & MUTINHO. (comp.) **O CADERNO**. Interpretado por: Chico Buarque *In* TOQUINHO: Casa de Brinquedos. Rio de Janeiro : Polygram, 1983.



## Fora do Sistema<sup>1</sup>

Mayara de Oliveira Peres

Essa semana foi diferente... O estágio está praticamente encaminhado, apesar das minhas diversas tentativas para conseguir um acompanhamento, incluindo mensagem para com quem já convivi, sem ter sequer um retorno. O professor responsável por essa matéria entrou em contato com uma professora de Louveira, solicitando a minha participação como estagiária em suas aulas e ela prontamente aceitou; falta agora apenas a documentação burocrática.

O único impedimento, nesse momento, é a minha entrada no sistema remoto da prefeitura, pois foi necessário encaminhar para a Secretaria de Educação Municipal a solicitação para a minha inserção. Num estágio presencial, normalmente, não é necessário entrar em contato direto com a Secretaria Municipal, diferente de agora, por se tratar de questão de Sistema. Afinal, a sala de aula é virtual e está alocada fora do espaço físico e concreto do prédio escolar, e, por isso, a entrada na mesma está em domínio de superiores ou somente de outros especialistas. Talvez, sejam esses os novos porteiros e zeladores, só que não sorriem para a gente... E, talvez, eu nunca saiba diretamente quem abriu a porta do Sistema para mim. Na pandemia, a escola está nas casas e, fisicamente bem distante do prédio com os seus corredores e barulhos, o arrastar de cadeiras e chicletes por todos os cantos.

Nos últimos instantes, mesmo esperando o retorno da Secretaria, peguei o contato do telefone da professora que aceitou o estágio. Vou chamá-la, após o feriado, assim podemos iniciar conversas mais próximas.

Sabe, ainda não abriram o portão, mas encontrei a professora L esbaforida na esquina da escola antes de entrar em aula e ela

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

disse: “Me chama nesse número que a gente conversa melhor”.  
Não foi assim, mas foi quase isso.

## Um ateliê de sentidos e significados<sup>1</sup>

Priscila Cristiane Valerio Freitas

Como gosto do poema do Manuel Bandeira, “Vou-me embora pra Pasárgada<sup>2</sup>” (Bandeira, 1930), toda vez que me sentia triste (quando criança, adolescente e já adulta) tinha uma vontade louca de fugir, de largar tudo e começar de novo, em algum lugar, como o poeta demonstra querer fazer. Pensar nessas coisas me confortava momentaneamente. Talvez, isso seja típico de uma pessoa que nasceu na década de 90 e estava acostumada com o discurso de que nós éramos os responsáveis pelo nosso sucesso e fracasso (Duru-Bellat, 2011).

Mesmo depois de ter compreendido que a culpa não era minha e que tudo bem que muitos de nós não possuíssem escolhas que resultassem em um futuro melhor. Restava saber como suportar essa informação e ainda tocar a vida. Não é fácil ‘se virar nos 30’ para apenas sobreviver. Por isso, sempre precisei de uma válvula de escape, algo que me fizesse sair dessa realidade, que me levasse a algum lugar melhor ou que não fosse melhor, mas que me fizesse desligar da minha existência. Nunca fiz terapia, nem usei drogas (tá, experimentei umas leves), nunca fiz uma viagem dos sonhos que me fizesse esquecer do trabalho realizado durante o ano e fizesse uma pausa na minha mente por uns 15 dias para retornar, pronta, para novos desafios. Tive vizinhos bons na infância, brinquei bastante na rua. Mas, o que me tornou mais completa foi a leitura. E não tinha incentivos em casa, meus pais não foram alfabetizados e estudaram mais velhos

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

<sup>2</sup> *Vou-me embora pra Pasárgada* é o título de um poema escrito por Manuel Bandeira (1886-1968), renomado poeta brasileiro do modernismo. Publicado no livro *Libertinagem*, em 1930, o poema apresenta uma cidade idealizada como solução para os problemas. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/pasargada.htm>>

pelo Supletivo. Meu pai era relutante em me comprar um livro, me dizia que não valia, porque eu lia uma vez só e ficaria um monte de papel juntando poeira em uma estante. Nenhum discurso meu o fez pensar o contrário. Aliás, não tinha discurso, ele mandava e eu tinha que obedecer, mas tive força para falar que lia duas, três vezes, então. Mas, não ganhei um livro.

Então com 9-10 anos, lia o que achava em casa. Lia os livros de enfermagem da minha tia, lia o extinto jornal 'Notícias Populares' do meu pai e aprendia coisas sobre o corpo humano (dúvidas de leitores sobre sexo com o parceiro) para desafiar os professores da minha escola e a parte do jornal que trazia fofocas de celebridades. Nem dormi, quando vi a foto ilustrada do cantor Roberto Carlos, que mostrava a forma como tinha perdido a perna em um acidente de trem em sua infância. Lia em segredo, só depois que minha família notou que eu lia coisas que não eram próprias para a minha idade.

As leituras foram se diversificando quando a minha escola ganhou uma biblioteca. Eu nunca abandonei a leitura. Tinha carteirinhas das bibliotecas da minha cidade. Fui sempre uma pessoa sozinha. Mas, o livro sempre foi o meu melhor amigo. Sonhava acordada, imaginando viver aquela história que tinha gostado. O livro foi como fazer terapia, não conseguia falar sobre meus sentimentos, mas passei a entender melhor os sentimentos dos outros. Parei de odiar o meu pai, depois que li 'Vidas Secas' de Graciliano Ramos. Não sentia mais raiva de ninguém, mas era muda. Não viajava fisicamente, mas viajava na imaginação com os meus livros. Às vezes, ia pra escola como um zumbi, porque ficava a madrugada tentando terminar o livro.

Só contei esse momento pungente da minha vida, porque queria falar o quanto o livro já me salvou. Que encontrava, nele, paz e força para seguir. E, até hoje, para lidar com os problemas, eu uso ele. Quando a minha filha de 7 anos tem alguma dúvida ou algum problema, eu procuro um livro que irá ajudá-la. Depois de ler, tentamos falar sobre o assunto. Não sei resolver nada sem fazer isso.

E foi através do livro e da minha filha que descobri que a leitura não precisa ser solitária. No começo da pandemia em março de 2020, minha filha ficou muito triste por ficar em quarentena em casa e parar com a escola e outras atividades. Mergulhei junto com ela em histórias de aventuras, magia, bruxos e mitologias. Líamos por várias horas e isso foi o suficiente para ela pegar amor à leitura e continuar sozinha no segundo ano de pandemia. Por isso, lá para junho de 2021, quando eu e minhas companheiras de grupo de estágio<sup>3</sup> em uma escola pública dos anos iniciais do ensino fundamental, tínhamos que oferecer às professoras uma proposta de uma oficina para as crianças, não hesitei em propor às minhas amigas de núcleo sobre a ideia de fazermos um clube de livro. Mesmo que significasse mais trabalho e desafios, elas toparam e se jogaram na ideia da oficina. Não teria sido tão lindo o ateliê sem a contribuição de todas elas. Não podia deixar de mencionar a construção coletiva dessa oficina. Dos nossos encontros, do cuidado da escolha do tema livro, do caminho que seguiríamos, das perguntas que faríamos, de como nos dividiríamos para dar voz a todos os participantes e de como passar essa oficina a eles, a ponto de eles a conduzirem.

Eu acreditei nesse clube de leitura, porque aprendi, nas minhas aulas de estágio, com o professor Dr. Guilherme Toledo e com a professora Dra. Inês Bragança da importância de dialogarmos com as nossas experiências pessoais, que isso pode acarretar em projetos cheios de sentidos e significados compartilhados. Não há uma forma de saber como esse projeto afetou cada criança, se foi ou não significativo para elas, mas só de mostrar a elas que ler pode deixar de ser solitário, depois que compartilhamos a história, de conseguirem manifestar sentimentos produzidos pela leitura ou sonhos que nos despertaram durante as reflexões para o amigo ou para alguém da família, já me sinto realizada.

---

<sup>3</sup> Toda vivência do estágio era registrada através das narrativas, na qual o aluno tinha liberdade e autonomia para seguir com suas inspirações.

## Referências

BANDEIRA, M. **Libertinagem**. (poemas). Rio de Janeiro : Ed. Pongetti. 1930.

DANTAS, T. **O que é 'Pasárgada'?** Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/pasargada.htm>>. Acesso em: 27 de maio de 2021.

DURU-BELLAT, M. Meritocracia. In: ZANTEN, A. (coord.). **Dicionário de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, p. 580-582. 2011.

## Memórias do último estágio da graduação no fim do isolamento<sup>1</sup>

Priscila Cristiane Valerio Freitas

Antes de dar início à minha experiência de estágio nas escolas, durante a pandemia, gostaria de mencionar o quanto fiquei honrada de poder conviver e aprender, mesmo de forma remota, com profissionais tão engajados em um ambiente marcado com tantas histórias de lutas e resistências.

Eu conheci muitos profissionais abatidos pelo excesso de trabalho, ampliado pela Covid-19, mas, em nenhum momento, esses profissionais renunciaram à escola pública e nem aos seus alunos. Através de muitos encontros remotos, nasceram projetos educacionais incríveis ligados ao cotidiano dos alunos, propostas carregadas de sentidos e significados. Me fez lembrar do relato do professor da USP, Renato Janini Ribeiro (2019), na rádio USP, quando falava das reflexões do Paulo Freire (1997) sobre a importância de associar a vivência com o conhecimento. A educação tem que estar ligada ao cotidiano das pessoas, porque damos mais sentido àquilo que está ao nosso redor.

De agosto a dezembro de 2021, fiz estágio no 4º ano e participava de três encontros remotos, via *Google Meet*, com duração de 1h, às segundas-feiras, das 18h às 19h, do Trabalho Docente Coletivo (TDCs), às quintas-feiras, das 13h às 14h30min e dos encontros com a Vice-diretora, às terças-feiras, com duração de 1h, pela manhã. Aprendi muito com essas experiências. Pude compreender os problemas enfrentados pela escola, a programação de ensino, planejamento de aulas, o trabalho do professor e da gestão.

Se o meu estágio do semestre passado ficou marcado por questões discutidas pelos professores, gestores, estagiários e residentes, como: “O que poderemos fazer para engajar os alunos

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

nesse meio remoto?”, ou “O que poderemos fazer para diminuir o abismo que a falta de acesso de dispositivos móveis ou ausência de uma banda larga provoca no ensino dessa escola?”, e “O que fazer para que os estudantes não abandonem a escola?” O estágio desse semestre ficou marcado pela impotência e medo causados pelo retorno às aulas presenciais obrigatórias para todos os alunos (Machado; Pinhoni, 2021). Em meados de setembro de 2021, os encontros dos TDCs tiveram várias indagações aflitivas sobre como reduzir os impactos negativos que a Pandemia causou na Educação e como reverter ou reduzir esse cenário?

Estamos acompanhando as consequências que essa escola que não era a nossa escola tem evidenciado: uma volta às aulas conturbada, sem planejamentos e com uma condição de trabalho deplorável dos professores e da gestão e que não será mais a mesma e na esperança dela não se tornar pior do que se encontrava antes do isolamento.

Houve também efeitos positivos, como a aproximação da escola da família. Que deixou aquela participação contemplativa (participação das famílias somente em dias festivos ou aproximação com alguns professores), para uma participação relacional e democrática popular. Nessa pandemia, foram feitas várias consultas às famílias, reuniões via *Google Meet* com a comunidade. A gestão da escola, acompanhada por psicólogos, ligava para as famílias dos estudantes para fazer mapeamentos sobre a situação financeira, de dispositivos eletrônicos e de banda larga, sobre a saúde mental e social.

Com o resultado desse mapeamento foi possível identificar e pensar em estratégias para amenizar as consequências que a pandemia estava causando naquela comunidade. Planos de ação, como a ‘Escola Solidária’ que conseguiu arrecadar dispositivos eletrônicos para os estudantes assistirem às aulas remotas e arrecadação de alimentos e roupas que visava atingir as famílias que ainda não tinham sido contempladas pela prefeitura.

## O Estágio e o projeto para disciplina EP911

Entrei em um grupo de estagiários formado por 4 alunos que acompanhavam o 4º ano. Devido ao distanciamento social, a escola estava fazendo um esquema de revezamento com os estudantes, que eram divididos por semana A e B, pois a sala não podia exceder a quantidade máxima de 30% de pessoas. A frequência na sala de aula presencial não era obrigatória, e pelos encontros, via *Google Meet*, que presenciei, as famílias estavam dispostas a continuar mantendo seus filhos no ensino remoto por segurança.

Nesse cenário, o que ficou decidido era que nós, estagiários, ficaríamos responsáveis por apresentar algum material para os 4º anos, a cada 15 dias, ou seja, uma segunda-feira, das 18h às 19h, seriam os estagiários, e, na outra segunda, seriam os professores da turma. Os professores nos deixaram bem à vontade para o planejamento das atividades. Nos pediram para pensarmos em atividades para auxiliar os alunos na leitura e nas 4 operações básicas de matemática.

Nosso primeiro encontro foi no dia 27/09/2021. Primeiro, pedimos para as professoras nos acompanharem nesse primeiro encontro para as apresentações. Achamos que, depois de nos conhecer e ver o trabalho, eles poderiam ficar animados para os próximos. Um estagiário teve a ideia de escolher a música 'Aquarela' do Toquinho, uma música que marcou sua trajetória escolar, e depois de a ouvirmos, ofereceríamos um tempo para as crianças desenharem o que sentiram ao ouvir a música, ou escrever um poema, ou um texto livre. Queríamos, com isso, conhecê-las um pouco e tentar sentir o que elas gostavam para pensarmos nas próximas propostas para os encontros.

Foi um encontro muito bom, e a maioria desenhou e colocou frases de saudade da escola, frases de que não aguentava mais esse Coronavírus e que queriam rever e brincar com os amigos. Saímos, do encontro, muito empolgados, e pensamos em fazer bingos ou outros jogos que envolvessem matemática. Levantar

alguns temas que eles curtissem para fazermos uma história coletiva; entre outras ideias.

Em paralelo a esse estágio, também, tínhamos que desenvolver um plano de atuação para outra disciplina de estágio, e os textos e aprendizados dessa disciplina nos atravessaram de uma maneira que não conseguimos separá-los, aproveitamos tudo, conjuntamente, para realizar um só plano de trabalho. Trago dessa disciplina dois textos importantes que foram a base do projeto do meu grupo: o artigo do Robson Sampaio (2016) e da Érika Righi (2016). O texto do Robson Sampaio (2016), *Estágio Supervisionado uma visita à reflexão crítica da prática docente*, foi o que mais me provocou, porque temos uma trajetória escolar parecida. Viemos de uma escola reprodutora, que não acreditava nas potencialidades dos estudantes e contribuíram para a evasão escolar e ele se viu estupefato com o trabalho da escola em que ele estagiava. Sentimento que compartilho em fazer estágio em uma escola muito diferente da que estudei. Uma escola democrática, em que o aluno tem o seu lugar de fala e dos projetos do cotidiano escolar, construídos com a participação desse estudante. O artigo *Ser sujeito na escola*, da Érika B. Righi (2016) relata a sua experiência no estágio e o desenvolvimento do seu plano de atuação que consistia em proporcionar experiências sensoriais para as crianças do primeiro ano, para compreenderem melhor de que forma e como interagem com o ambiente, através dos cinco sentidos do corpo humano. A proposta da autora fazia muito sentido com a sala do primeiro ano, mas como faríamos essa experiência com a turma do 4º ano? Teríamos que aproximar um tema à realidade daqueles alunos.

A ideia era desenvolver um plano de projeto notável para as crianças, mas, devido aos extensos trabalhos de outras disciplinas, o desânimo das aulas remotas, as incertezas da volta presencial à escola e o fim ou não fim das aulas remotas, fizeram com que tivéssemos um semestre apático. Não víamos como poderíamos produzir algo com sentido, sendo que, nem as aulas remotas, que já não eram o ideal, nós teríamos mais, e que, perdemos muito

tempo do semestre, pensando em como desenvolver algo significativo remotamente.

Acompanhamos os TDCs e as reuniões com os pais. Vimos o desespero dos professores e dos pais em uma volta às aulas presenciais sem sentido, sem planejamento, sem segurança e com o ano letivo próximo do fim. O retorno presencial obrigatório aconteceu a partir do dia 08/11/2021. Ainda aconteceram alguns encontros remotos, mas outros grupos de estagiários nos relataram que os encontros aconteciam com menos crianças. Percebemos que nos restariam apenas mais um encontro e teríamos que encontrar algo para apresentar a elas.

### **O plano de atuação**

Decidimos fazer o plano de atuação sobre 'Memórias na Pandemia', justamente pela importância da discussão, já que o governador Dória anunciou a retomada obrigatória das aulas presenciais, deixando de lado a obrigatoriedade do distanciamento social, contrariando os argumentos dos infectologistas e profissionais de saúde que não recomendavam essa retomada total e sem o distanciamento, porque, além das crianças menores de 12 anos ainda estarem sem vacinas, também não foram cumpridas as promessas pelos órgãos públicos de trazer melhorias nas escolas para garantir a proteção dos estudantes e funcionários (Basílio, 2021).

Devido a essa volta sem planejamento em um contexto que não era seguro, propusemos um trabalho para resgatar memórias e sentimentos sobre os desafios enfrentados pelas crianças e seus familiares produzidos pela pandemia, com o intuito de provocar ou sensibilizar mudança de atitudes e o aprendizado da importância da higiene, vacinação e o respeito à ciência. Segundo a professora Maria Carolina B. Galzerani (2011), a memória é conhecimento, é afetividade é o entrecruzamento do passado, presente e futuro. Queríamos, com isso, aproveitar a experiência

das crianças e explorar assuntos relacionados ao negacionismo referente à vacinação, proteção e o uso correto da máscara.

Ao fim do encontro, apresentamos várias sugestões de atividades para as crianças fazerem e entregarem para os professores, já que não seria possível ter mais encontros remotos e por estarmos próximos do fim do ano letivo. A atividade vencedora foi fazer uma cápsula do tempo. Escreveríamos uma carta para o eu do futuro ou para outras pessoas, contando o que vivemos na pandemia, nossas esperanças para o futuro e o que aprendemos nessa pandemia.

No dia 26/11/2021, a professora da escola em que fazíamos o estágio recolheu as cartas para colocar na caixa. Nós, estagiários, também fizemos e as enviamos para o *e-mail* da professora para ela imprimir e colocar junto das cartas dos alunos. Até o fim desse registro, não conseguimos saber o que eles escreveram e quantos alunos fizeram a carta.

No início, pensamos que, por mais entediante que fosse falar sobre a Covid-19, ainda assim poderíamos explorar alguns assuntos para desenvolvermos. E trouxemos vários vídeos interativos que falavam da importância da vacina, da valorização da ciência, das *fake news* e eles nos contaram um pouco sobre suas perdas, seus medos da volta à escola e da raiva que sentiam quando viam alguém usando a máscara incorretamente.

Gostaria de poder externar, exatamente, o que senti, quando eles vibraram por terem que fazer uma cápsula do tempo. Quero muito ter a oportunidade de poder ler as cartas deles um dia. Na minha, eu escrevi que, no futuro, eu espero estar trabalhando e dando aula para uma turma tão legal, como a deles.

Espero mesmo estar dentro de uma sala de aula quando tudo isso acabar.

## Referências

BASILIO, A. L. Salas cheias, sem limpeza e distanciamento: volta às escolas em SP preocupa educadores. **Revista Carta Capital**. Publicado em: 19 out. de 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/salas-cheias-sem-limpeza-e-distanciamento-volta-as-escolas-em-sp-preocupa-educadores/>>. Acesso em: 21 out. de 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: São Paulo, 1997.

GALZERANI, M. C. B. Memória e sensibilidade. Entrevista concedida ao Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari. **Diálogo sem fronteiras**. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oS6w5d9f84U&t=5s>>. Acesso em: jul. de 2020.

MACHADO, L; PINHONI, M. Após Doria determinar retorno obrigatório, secretaria diz que só 24% das escolas estaduais estão aptas a receber 100% dos alunos. **Jornal online O Globo**. Publicado em: outubro de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2021/10/14/apos-doria-determinar-retorno-obrigatorio-secretaria-diz-que-so-24percent-das-escolas-estaduais-estao-aptas-a-receber-100percent-dos-alunos.ghtml>>. Acesso em: out. de 2021.

RIBEIRO, R. J. Paulo Freire propôs educação que une vivência e conhecimento. **Rádio USP**. Publicado em: jun. de 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/paulo-freire-propos-educacao-que-une-vivencia-e-conhecimento/>>. Acesso em: nov. de 2021.

RIGHI, E. B. **Ser sujeito na escola**. Artigo para o trabalho final da disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia da Unicamp. Mai. – Ago. 2016.

SAMPAIO, R. B. **Estágio supervisionado uma visita à reflexão crítica da prática docente**. Artigo para o trabalho final da disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia da Unicamp. Mai. – Ago. 2016.



## **Parte II**

# **Narrativas após o período de isolamento social**



## A primeira despedida<sup>1</sup>

Camilla dos Santos Pierani

Realizei o estágio em uma escola, localizada na cidade de Osasco – SP, o qual não tive muitos problemas para conseguir, pois, assim que a Professora concordou que eu poderia fazê-lo na minha cidade. Eu já tinha essa escola em mente pelos outros estágios realizados no mesmo lugar. Entrei em contato com o coordenador da escola que, de prontidão, quis me ouvir e entender qual seria a proposta da disciplina e, assim que eu expliquei, já me deu a oportunidade de escolher em qual ano do fundamental, eu gostaria de ficar. Optei por acompanhar uma sala do 1º ano, por sorte, às quartas-feiras (o dia da semana em que eu ficava na escola), todas as salas do primeiro ano se reuniam no primeiro momento da aula para fazer uma atividade motora. Nesse primeiro dia, em especial, o coordenador interrompeu a explicação para me apresentar, disse que eu acompanharia uma daquelas salas durante as horas de estágio. Todas as professoras foram bem abertas comigo, me receberam super bem, mas uma, em especial, me chamou atenção. Ainda estou e estamos todos com feridas em aberto por conta da pandemia, e essa, era a única professora que ainda estava usando máscara e exigindo dos seus alunos que fizessem o mesmo. Fiquei com ela por questão de segurança e por uma primeira identificação maior, já que essa tinha sido a única diferença entre ela e as outras professoras. Por privacidade, vou me referir a ela, como “C”.

Assim que essa primeira atividade foi feita, era hora da sala que eu acompanhava ir ao parque. Fomos. Brinquei um pouco com as crianças para quebrar o gelo e deixei claro para a professora que estaria lá para ajudá-la no que fosse preciso e que ela poderia contar comigo para qualquer coisa. Ela me falou um

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

pouco sobre a sala para me ambientar, disse que estava fazendo uma avaliação diagnóstica individual, com cerca de 5 estudantes por dia, um por vez, para ver como eles estavam, e me contou sobre algumas crianças que tinham fatores externos que influenciavam diretamente na postura e/ou comprometimento com as atividades propostas, como era o caso de “J”, citada na primeira narrativa.

Por falar na primeira narrativa, finalizei aquela atividade, dizendo que tudo aquilo que me foi passado sobre J, me fez refletir em relação ao meu preparo (ou falta dele) para lidar com essas questões; pois bem, aqui, estou escrevendo minha segunda narrativa, depois de ter acompanhado J e outras dezenas de crianças com interferências externas, durante todo um semestre, e posso afirmar que não, ainda não tenho preparo suficiente e, provavelmente, nunca vou conseguir me acostumar com essa diferença absurdamente triste na história de crianças da mesma idade, mas em contextos diferentes. Não é justo, não é certo, mas é a realidade.

Passado esse momento de desabafo, posso garantir que, toda semana, eu passava por alguma situação nova e diferente para mim, desafios e liberdade que nem eu mesma esperava. A professora foi extremamente compreensiva e quis me dar todo o suporte e condições para que eu, realmente, me sentisse parte daquilo que eu estava vivenciando. Por duas vezes, apliquei a atividade diagnóstica. Ela fazia questão de me ouvir, me pedia sugestões, me deixou assumir a sala, por algumas vezes, antes mesmo da atividade final, proposta pela professora Inês, na qual tivemos que montar uma atividade para desenvolver na sala que estávamos acompanhando. A respeito dessa atividade final, vou me restringir a dizer que sim, deu tudo muito certo. É claro que algumas crianças demoraram um pouco mais para aceitar a ação proposta, mas a maioria delas se mostrou bastante disposta a entender e participar, isso também contribuiu muito para a minha satisfação e felicidade ao terminar o estágio.

Decidi falar, brevemente, sobre essa iniciativa, porque entendi a narrativa como um espaço de discussão de ideias e sentimentos, como um diário pessoal (mas compartilhado) e, assim, estou fazendo, acredito que essa síntese de ideias vai muito além do que o resultado da atividade realizada.

Um dos episódios que me chamou atenção, e gostaria de destacar, ocorreu na semana do Dia das Mães. Eu estava presente, justamente, no dia da confecção dos cartões e eu, pessoalmente, sempre achei essas datas comemorativas bastante delicadas por todo o contexto: muitas vezes, desconhecido por nós, mas presente na vida de várias crianças. E comecei a observar como é que C conduziria essa situação. Escrevi no meu caderno uma das frases usadas para neutralizar a situação e incluir o máximo de crianças possíveis. C disse que o Dia das Mães era uma data significativa para muitas pessoas, mas que ela também poderia servir para ser ressignificada, caso não fosse especial, e foi aí que entrou a frase: “Crianças, será que esse cartão só poderá ser entregue para sua mãe? Eu respondo dizendo que não, esse cartão deverá ser entregue para a pessoa mais especial para você. Podem ser seus avós, alguma tia, primos, pode ser que você tenha duas mães ou dois pais, e aí, nós podemos fazer mais de um, enfim, estarei na minha mesa, pronta para ouvir suas sugestões individuais”.

Nesse momento, tive a certeza de que havia feito a escolha certa por acompanhar essa sala, com todas as suas particularidades, e pela sala ter uma professora como C, que se preocupa com cada aluno de forma única e especial. Infelizmente, a escola ainda é um espaço que potencializa diversos preconceitos; isso está mudando, mas a luta é demorada e constante e ver uma professora com anos de carreira se adaptando à realidade que deve ser respeitada, para mim, foi fantástico. A elogiei, assim que acabou a aula, e expressei o quanto isso me confortava. Esse diálogo desencadeou uma conversa muito bonita e importante. Ela me contou que não tem bom relacionamento com várias outras professoras, porque elas, pasme, possuem posicionamentos do lado de lá. Defendem, fielmente, o atual (des)governante do país e sempre que C tem

espaço para mostrar o contrário e abraçar toda e qualquer particularidade das crianças, ela o faz.

Por fim, adoraria contar um pouco sobre a minha despedida. No penúltimo encontro, perguntei para a C se eu poderia levar alguma lembrancinha para entregar às crianças. Ela autorizou e elogiou a iniciativa, disse que se fosse algo de comer, que eu poderia entregar, assim que voltassem do recreio, para comerem na sala e não correr nenhum risco de alguma outra criança ver e ficar com vontade. Na semana seguinte, no meu último encontro, levei um chocalatinho, como havia combinado com a professora, mas sem as crianças saberem. Ela me deu a liberdade de contar da forma que eu achasse melhor, e foi o que eu fiz. Conversei de forma franca e contei que, assim como eu havia dito em meu primeiro dia, eu só ficaria com eles por um tempo, que, depois, teria que parar de ir, para dar continuidade à minha graduação e que esse momento havia chegado. Disse o quanto eu era grata por ter cruzado minha história com a deles e que eu nunca esqueceria as aulas, o jeito que eles e a professora me trataram e que o chocalatinho era só para deixar a despedida em um clima legal, alegre e docinho. Entreguei um para cada criança, até que a J, ela mesma, da primeira narrativa, disse que me amava. A partir dessa fala dela, todas as crianças vieram até mim, me abraçando de um jeito tão gostoso e apertadinho que eu sequer conseguia me mexer e repetiram o que J havia dito, menos um. Esse que não foi me abraçar, se sentava sempre a minha frente, desde o primeiro encontro. Depois que as crianças me abraçaram, fui até ele, que estava de costas, me impossibilitando de ver seu rostinho. Ele estava em prantos. Conversei com ele, tentei acalmá-lo, na medida do possível, e, assim que ele ficou mais tranquilo, foi até mim com a sua borracha, disse que era um presente para eu nunca me esquecer dele. Aquilo cortou meu coração, falei que ele não precisava me dar parte do seu material, mas que eu adoraria ter alguma coisa que representasse ele sempre comigo. Ele foi até a sua mesa e voltou com uma folha. Nela, havia um coração vermelho, feito e pintado por ele, com seu nome na parte de cima,

e, na parte de baixo da folha, o detalhe que mais me chamou atenção e que eu nunca vou me esquecer: eram duas lágrimas que haviam caído dos seus olhinhos direto no desenho, enquanto ele coloria. Abracei ele muito forte, agradei e, sim, fui para casa, chorando, como era de se esperar depois de uma experiência como essa. Portanto, não vejo jeito mais bonito de finalizar a narrativa se não com uma cópia do desenho. Ele não faz ideia do quanto marcou a minha vida.



Fonte: Arquivo da autora



## Abacateiro<sup>1</sup>

Eduarda de Oliveira Verissimo da Silva

*“Sabiá fugiu do terreiro,  
Foi cantar no abacateiro  
E a menina pôs-se a cantar  
Vem cá, sabiá, vem cá”  
(Cordovil; Vieira, 1950)*

Caminhando pela rua, avistei um sabiá. Ele parecia feliz e, provavelmente, cantava sobre sua liberdade. A verdade é que, se pararmos para pensar, seres humanos possuem mais semelhanças com os pássaros do que imaginamos. Por exemplo, ambos são capazes de realizar tarefas complexas como distinguir rostos e expressões ou criar instrumentos musicais. Quando o sabiá voou para longe, acabei me lembrando de outra semelhança entre aquele pássaro pequeno e pessoas, como eu: quando chega o momento, nós voamos para longe de nossos lares.

Deixei o conforto do meu ninho de tijolos aos 20 anos, após longos 2 anos engaiolada, devido a uma pandemia mundial. Meus pais, como bons exemplos de passarinhos adultos, me apoiaram muito, e deram todo o suporte para que a mudança acontecesse.

A cidade, que agora chamo de lar, fica apenas a 40km de distância, o que ajuda a manter visitas frequentes, porém é difícil. Odeio a sensação de chegar em casa e não sentir o cheiro de feijão da minha mãe, escutar os gritos dos meus irmãos brigando ou os latidos de minha cachorra. Vem sendo um ano divertido. Estar na faculdade é, obviamente, estressante, mas pode, também, ser uma experiência maravilhosa, recheada de encontros entre pessoas diferentes, novos olhares para o mundo e, principalmente, muitas descobertas.

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o ano de 2022.

Dentre tantos voos que tenho realizado sozinha, posso destacar um específico no bairro Jardim São Marcos, território de aves que resistem desde a época dos quilombos e possuem uma história potente, cheia de lutas políticas, vitórias e derrotas. Nesse bairro, existe um ninho que, ao mesmo tempo, me abraça, e me tira da zona de conforto. Ele é chamado de Escolinha Amarela.

A Escolinha Amarela atende alunos dos ensinios fundamental 1 e 2 e oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com tantas possibilidades dentro do critério anos iniciais, eu só esperava não receber um primeiro ou segundo anos, pois estão na idade de alfabetização e não me sentia preparada para lidar com a situação.

No meu primeiro dia como estagiária, minhas pernas tremiam como as de um patinho assustado, enquanto o vice-diretor, grande como uma águia, me levava até a sala em que eu acompanharia o segundo ano B.

Olhões maiores do que corujas me observavam das suas cadeiras, tão curiosas como eu. Perguntaram minha idade, onde comprei minha bolsa, as aulas que eu mais gostava, cor predileta e todas aquelas questões que crianças de sete anos fazem quando te conhecem. Durante minhas idas àquele espaço, meu medo foi se dissipando, restando apenas a ansiedade de um novo dia rodeada por aqueles alunos.

Pica-pau é aquele aluno encantador, mas que, para chamar a atenção, apronta todas. Eu costumo adorar esse tipo de aluno. São de deixar os cabelos em pé, porém, também, são aqueles que estão à procura constante de amor. E creio que carinho, também, seja uma forma de educar. Sempre que pode, ele me chama para lhe ajudar na lição ou apenas para ditar as letras na lousa, alegando não estar enxergando, mesmo que eu o veja escrevendo letras que ainda não disse, quando dito mais devagar. Pica-pau me deu um chaveiro que fez e disse assim: "Tó, Pro, fiz esse negócio aí pra você. Não conta pra ninguém".

Arara é uma das garotas mais doces que conheci até hoje, com seu estojo cheio de canetinhas, cabelos trançados e um óculos da turma da Mônica (sinto como se estivesse olhando para mim

com 14 anos a menos). Quando não tenho ninguém para ajudar, costumo me sentar perto dela, às vezes, para desenhar, conversar, ou até ler algo, juntas.

Certa vez, eu estava de pernas cruzadas, ao seu lado, lendo uma história que ela pediu e, quando terminamos, ela olhava para minha perna que estava parte descoberta por estar usando uma calça larga. Arara, então, se virou para mim e disse: "Sua perna é peluda igual à minha" e sorriu. Foi uma situação bobá e conto para meus amigos sempre rindo, mas é maluco pensar como a figura do professor por completo é importante para os alunos. Quando eu escolho me vestir do jeito que gosto, quando eu deixo meus pelos à mostra, ou as coisas que falo perto daquelas crianças, tudo passa uma mensagem. Que mensagem, quero passar para eles?

Por mais tranquilo que um voo possa ser, ainda há o perigo de turbulências. Acredito que, quanto mais experiência, mais fácil de lidar, pelo menos, é o que me dizem (e o que quero acreditar). Minha turbulência, em forma de insegurança e impotência, logo, quando estava aplicando o projeto de ensino, que tanto ansiava, me marcou. Quanto mais me esforçava para tentar falar sobre a atividade, mais minha cabeça repetia: "você é um fracasso", "você é uma farsa", "isso não é para você". Ainda não me recuperei do baque, a frustração faz parte do trabalho pedagógico e acho que um dia terei que me acostumar com isso.

Preciso entender a aula como um momento de fluidez e inconstância, em que, apesar dos meus planejamentos e das minhas expectativas, sejam consideradas as vivências e as vontades dos meus alunos, afinal, o voo não é apenas meu, é nosso.

## **Referência**

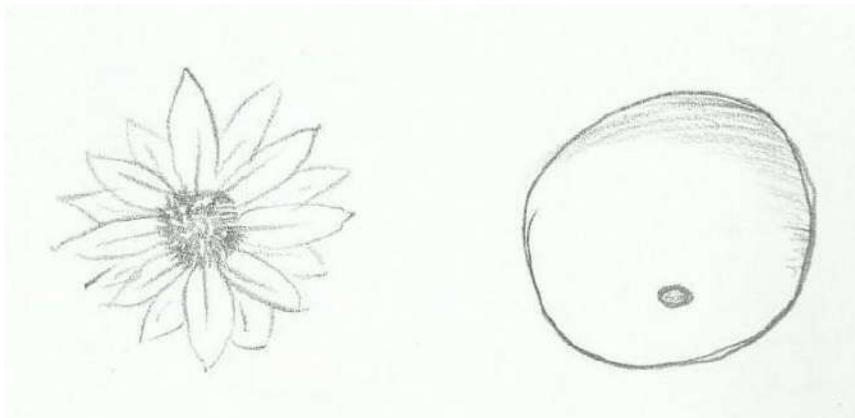
CORDOVIL, H.; VIEIRA, M. (comp.) **Sabiá lá na Gaiola**. Música de 1950.



## A bolinha e a flor<sup>1</sup>

Estéfani Alexandrina Venâncio de Moraes

A bolinha e a flor



Fonte: Guilherme Gomes - *Dibujo 250 e lapiz 2b.*

Com um semblante fechado, transmitindo um pouco de raiva e bastante chateação, a menina de estatura pequena se debruçou com o cotovelo na mesa. Uma das mãos no rosto e a outra, debaixo da mesa, segurando alguma coisa. Essa posição a deixava com uma espécie de careta. A menina, eu e mais duas estagiárias completávamos esse quadro poético da Espera na mesa redonda da diretoria da escola.

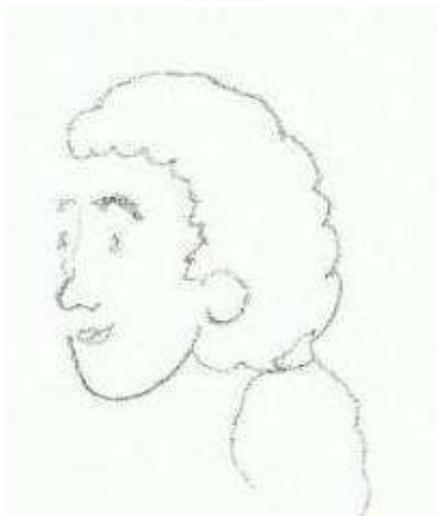
A nossa espera (estagiárias) tinha propósito. Aguardávamos a chegada da supervisora que, logo, iria chegar e nos encaminhar ao trabalho. Sabíamos disso. Aguardávamos por isso. Mas, e a espera da menina? Ela sabia quando iria acabar? Afinal de contas, o que ela fazia ali, quando todos, na escola, ocupavam um lugar e cumpriam seus afazeres? O que fazia ela, ali, tão quieta e contrariada?

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

Foi essa curiosidade, unida à vontade de mudar o humor da menina que me fez iniciar uma pequena conversa. Perguntei seu nome, quantos anos tinha, porque estava ali. Mesmo com meu tom bem amistoso, até engraçadinho, minhas perguntas, ora eram ignoradas, ora eram respondidas de maneira bem seca. Até que fiz as duas perguntas-chave: “O que é isso na sua mão? Você pode me mostrar?” Foi como se o céu se abrisse sobre as nossas cabeças. Ela abriu um sorriso e, em tom de segredo, abriu a mão e me mostrou uma bolinha. Ela era rosa e tinha um buraco no meio. Tinha o tamanho de uma bolinha de gude e lembrava uma miçanga gigante. Estava apertada entre a mão pequena e suada daquela menina que estava sentada, bem entediada, na mesa redonda da diretoria.

Menina



Fonte: Guilherme Gomes Dibujo 250 e lapiz 2b

A empolgação com a bolinha, e com o desfazer daquele rostinho chateado, tomou conta do ambiente e a bolinha escapou por entre as nossas mãos. Ao acaso, mas, simbolicamente, a bolinha quicou para o corredor em direção às salas de aula. Eu corri para pegá-la e isso fez com que a menina gargalhasse. Ela se

animou. Perguntou nossos nomes, datas de aniversário e contou o motivo de estar ali. A professora havia “mandado” ela pra lá, por uma disputa que ela teve com uma colega, por causa da bolinha. Relatou que não sabia a sua data de aniversário. Mas, que tinha escrito uma carta para o colega do Núcleo. Explicou que o Núcleo é a escolinha ao lado daquela e que ela fica lá na parte da manhã e que tem colegas que ficam lá na parte da tarde. Mostrou algumas cartas escritas com desenhos que trocou com seus amigos de lá. Ela nos contou - sim, a essa altura, as demais estagiárias já estavam envolvidas na conversa - sobre a S, a M e o M, os colegas que ela mais gosta. Contou que ela não gostava dessa professora nova, gostava mais da antiga, a M. “Você conhece a professora M? Ela era mais legal que essa.”

O motivo de nós três estarmos ali, também, era curioso para aquela menina. Ela, rapidamente, entendeu do que se tratava: “Ahh! Vocês vão ajudar a professora, né?! Ontem, veio uma professora nova ajudar na minha sala.” A conversa foi longe. Sabíamos, inclusive, que ela tinha um irmão estudando ali - e apontou para a sala. No auge da conversa, a supervisora chegou.

Você?



Fonte: Guilherme Gomes - Dibujo 250 e lapiz 2b

A diretora conduziu a menina à sua sala. Ela se despediu e foi alegre e pulando com a bolinha na mão de volta à sua aula.

Nós, também, fomos tomando rumo. Cada uma, conduzida ao seu afazer, à sua professora, à sua sala, à sua turma.

A surpresa mútua é muito boa. Ficamos, assim, quando eu entrei na minha sala destino e nos deparamos uma com a outra. Sim! Eu sou estagiária na sala da menina da mesa redonda e da bolinha rosa.

Ao chegar na sala, e a menina constatar que isso era verdade, ela veio correndo, repetindo meu nome e me deu um abraço tão genuíno, tão carinhoso. Fez questão de contar aos colegas que ela já me conhecia e que era amiga dela. Mal sabia ela que a nossa intensa história de 40 minutos ficaria marcada na minha vida e na minha carreira de professora para sempre.

Impossível, não ter ou nutrir empatia por ela. Não só porque ela se parecia, fisicamente, comigo quando criança. Mas também, porque muito do seu comportamento se assemelhava ao meu. Me espelhei na sua legitimidade de fala e explicação, nos seus argumentos, naquele jeito arteiro que, ora tem sorriso, ora tem cara fechada. Me espelhei, também, na necessidade de ser querida, de ter amigos, de se sentir pertencente, de se sentir apenas.

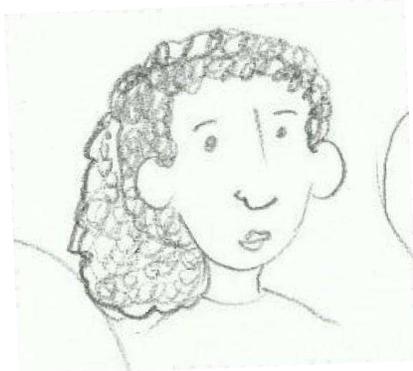
Dei atenção a todas as crianças. Tentei exercer aquela imparcialidade no trato. Mas, não teve jeito. Na hora do recreio, a menina veio com uma flor para mim, e outra, para a professora. Parecia dizer “que estava tudo bem”, que ela entendia nossas angústias, nossos medos e anseios, e que, de pronto, desculpava nossos erros. Naquela hora, aprendia de uma das grandes sábias mais um ensinamento: *É necessário protestar/denunciar tanto quanto precisamos esquecer e perdoar*. Claro que a menina não disse isso, ela fez mais: deu o exemplo. Deu o sentido. Era ela mesma que, há pouco, estava na diretoria, sofrendo as sanções da professora, mas, agora, com uma flor lhe demonstrava carinho.

Estar em sala de aula é estar em meio a gigantes do saber. Mais que nunca, temos oportunidade de nos reinventar, de aprender e reorganizar nosso ser e estar no mundo. Essa me parecia uma visão muito utópica e romantizada do que é ser professora. Mas, esse pouco tempo em sala de aula, me mostrou que, além de romântico -

no melhor dos sentidos e isso é muito bom - é também possível e preferível. Tratar e ser tratado com respeito. Construir uma relação de confiança com as crianças. Deixar que elas construam tal relação conosco. OUVIR. ENXERGAR. Dar atenção. Se interessar por bolinhas e receber flores.

Obrigada grande sábia e menina da bolinha, R.

R / A flor recebida (14/04/2022), quase seca dentro de uma agenda



Fonte: Guilherme Gomes - Dibujo 250 e lapiz 2b



## **As experiências do tornar-se professor, a partir das vivências do projeto de ensino das disciplinas de estágio<sup>1</sup>**

Giulia Martins Amarante

Escrevo essa narrativa, em um momento posterior à realização do meu estágio. Há cerca de uma semana, tive de presenciar umas das cenas que mais me doeram em toda a minha vida. Precisei enfrentar meu último dia de atuação na escola e me despedir de cada uma das crianças. Mas, confesso que, por agora, pela ferida que ainda está recente, tenho vontade de escrever sobre os dois dias que antecederam o meu último dia, pois se tratam de dias felizes que me remetem a um momento de acolhimento e acalento, e acredito que, nesse estado, será mais gostoso de compartilhar alegrias do que só relembrar a dor do último dia em si.

Antes de explicitar a vivência desses dias a que me remeti, acredito ser necessária uma contextualização acerca do ambiente em que habitei, como estagiária e o que pude encontrar até aqui, já que esta escrita é realizada, após a finalização da interação com a turma. Meu estágio ocorreu em uma escola municipal de Campinas, de ensino fundamental, que, na parte da manhã, atende o fundamental 1, e, na parte da tarde, reserva suas salas para o fundamental 2. Me deparei com o desafio de acompanhar, durante esse semestre, uma sala de 5º ano, que agrupa cerca de 25 alunos com idades de 10 a 13 anos.

Minhas inseguranças, ao trabalhar com o 5º ano, partiam do princípio de que muito se estuda e se fala na faculdade sobre alfabetização, portanto, imagina-se que, ao pisar na escola, como docente, será necessário trabalhar com tal tema. Talvez, pela alta demanda de discussões dentro das salas da graduação sobre tal assunto, me sinto, inclusive, muito mais segura com aporte teórico

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

e prático para atender essa fase de desenvolvimento, do que qualquer outra atividade a ser desenvolvida com outros grupos etários. Com isso, ao me deparar com uma sala de alunos de mais de 10 anos, não sabia muito bem como se daria o trabalho que ocuparia em sala, como estagiária, não sabia se teria que acompanhar alunos com dificuldade, não sabendo quantificar o nível de defasagem de aprendizagem em decorrência da pandemia ou se até precisaria trazer a questão da alfabetização dentro da turma, algo comum que presenciei em estágios anteriores que se estabeleceram no período pós-pandêmico.

Todas essas minhas dúvidas partiam de um pré-julgamento que, hoje, consigo discernir ser errado, em que separamos o aprender da criança, no ensino fundamental, como etapas a serem atingidas, um aprender por degraus, etapas que se espera que o aluno consiga alcançar, em determinada época, para que, somente assim, possa seguir ao próximo conteúdo de maneira plena. Dessa forma, ao encontrar uma turma de quinto ano, em que cerca de 80% da turma já atingiu a grande parte de “pré-requisitos”, me assustei por não saber o que precisaria ser ensinado e trabalhado com eles, visto que, no quesito gráfico, as crianças aparentavam saber muito.

Diante de muito trabalho e conversa com a professora da sala que acompanhei, pude entender o perfil da turma e saber que, sim, ainda estavam defasados em resposta à pandemia, já que havia uma lacuna, um espaço muito grande entre alunos que, graficamente, estavam mais confortáveis do que outros. Durante todo o trabalho, pude perceber ser essa uma turma agitada, cheia de personalidade e de figuras únicas que sempre tinham algo para mostrar e contar, o que dificultava o decorrer das aulas, mas, que nos faziam surpreender com as genialidades faladas e o carinho demonstrado.

Retomando a minha proposta inicial de falar sobre meus momentos finais desse tão caloroso estágio, me refiro, principalmente, aos dois dias que antecederam o final, referentes a uma quarta e quinta-feira, dias sequenciais. Eu comparecia na

escola, semanalmente, mas havia sido combinado com a professora titular da turma que poderia utilizar essas duas, e mais uma aula, na semana seguinte, para a elaboração, em sala de aula, do meu projeto de ensino, o qual estruturou-se, como pré-requisito para a conclusão da disciplina que cursei, Estágio de Anos Iniciais II.

Meu projeto de ensino tinha um ideal de funcionamento para ser trabalhado em três dias, mas, em todo o processo, percebi a importância do trabalho de adaptabilidade do professor. Assim que cheguei no primeiro dia do projeto, a turma já estava sabendo que eu trabalharia com eles, naquele momento, então, movidos por uma ansiedade muito grande, vinham me perguntar sobre o que se tratava o projeto, se eles teriam muito trabalho a fazer, se realizariam individualmente ou não... Figurativamente, fui bombardeada por milhares de perguntas que só refletiam o quão ansiosos e esperançosos os alunos estavam.

No primeiro momento, após o café da manhã, a professora organizou e pediu que todos sentassem para que eu pudesse começar a conversar com a turma. Nesse momento, eu entendi a dificuldade da professora de todos os dias em tentar manter a sala atenta para que conseguissem ouvir as instruções referentes às atividades. É muito difícil tentar ser ouvida numa sala com mais de 20 crianças no auge da euforia, comentando, brincando e conversando e, ainda assim, tentando ser escutada, para que eles pudessem entender as orientações. Essa briga de uma voz contra outras tantas, realmente é um processo bem difícil e desgastante, que me deixou frustrada diversas vezes, mas que tentei, ao máximo, não demonstrar e permaneci, ali, em contato com a turma com um extenso sorriso. Precisei elevar o tom da voz para que, talvez, assim, conseguissem me ouvir, por mais que a dinâmica do projeto tenha sido muito gostosa, esse momento de tentar ser ouvida, principalmente no começo da aplicação do projeto, foi bem difícil, se não foi essa a parte mais difícil.

Em um primeiro momento, realizei uma conversa inicial com os alunos e expliquei qual a temática principal do nosso projeto,

no caso, o estudo do cálculo mental. Nessa conversa, contextualizamos o que eles entendiam como cálculo mental, se eles usavam no dia a dia e quais as propriedades matemáticas que precisávamos elaborar, durante o cálculo mental. Confesso que tinha uma insegurança muito grande, quanto a esse momento inicial de conversa, tinha medo de que os alunos não se sentissem acolhidos pelo projeto e não se interessassem pelo tema, o que evitaria a participação na aula, deixando o espaço da aula monótono. A ideia do projeto era que, nesse momento, fosse uma discussão coletiva para que toda a sala pudesse contribuir entre si e agregar respostas às experiências, e foi um alívio ver que eles estavam engajados, erguendo a mão para comentar a sua opinião sobre o cálculo mental.

Ainda nessa discussão, também, conversamos sobre qual a diferença do cálculo mental para o cálculo no papel e o uso da calculadora e qual a importância de cada um desses tipos. Vários alunos relataram que não precisavam usar o cálculo mental, pois já tinham os mecanismos da calculadora. Trouxemos uma discussão acerca da importância do cálculo mental associado à praticidade do dia a dia, mas também associado em comparação aos usos da calculadora. Foi muito interessante esse movimento de rebate dos alunos, em que eles começaram a argumentar; alguns defendiam os usos da calculadora e outros, o do cálculo mental. Fizemos um momento de identificar os dois modos e como podemos obter o mesmo resultado em ambos, porém mais importante que isso, é desenvolvermos essa habilidade por nós mesmos, assim como, também, sabermos como usar essa habilidade na calculadora.

Nesse momento da atividade, a sala já estava mais calma e já percebia que estavam mais engajados no processo, tanto por já terem um referencial de organização da atividade e pelo envolvimento com o tema, visto que possuíam um forte interesse pela matemática. Nessa hora, já estava atuando com mais segurança, pois um grande medo meu, anterior ao projeto, era de que os alunos não se sentissem interessados pelo tema da aula e o

projeto fosse um fracasso. Isso me rendeu um pensamento do que é o fracasso na perspectiva de educação. Acredito que um projeto, por mais que não seja, totalmente, interessante para os alunos, ainda não é contabilizado, como fracasso, mas sim, como um momento de aprendizado ao professor, além dos alunos, de entender melhor o perfil da sua turma e desenvolver, assim, atividades que consigam unir, tanto um lado lúdico, da curiosidade e de interesse dos alunos, quanto, também, o lado conteudista.

Dessa forma, compreendi que os alunos estavam gostando do projeto e estavam mostrando interesse, sentiam-se empolgados na hora de responder as perguntas, o que, mais uma vez, me deu uma sensação de calma com o decorrer da atividade. O segundo momento do primeiro dia consistia na separação da turma em grupos para a elaboração de uma atividade de um teor um pouco mais simples, pois tinha o interesse de que fosse introdutória em que, independente da dificuldade, os alunos conseguissem realizar as atividades em grupo e sentir em um gosto maior pela matéria. Tal movimento que realizei nessa elaboração da atividade partiu de um pensamento, que não sei se é conhecido como algo correto, de realizar algo mais lúdico e mais tranquilo para que os alunos se sentissem motivados e animados com os estudos de cálculo mental e demonstrassem interesse em prosseguir com a atividade. Para tal, preferi seguir com essa metodologia e foi interessante, ao passear entre os grupos, ouvir um pouco das discussões e perceber o movimento deles, ao trabalhar, juntos, para a elaboração de um resultado. Várias vezes, eu vi um membro do grupo dizendo o resultado que acreditava ser certo, mas, ao mesmo tempo, outra pessoa do grupo rebatia aquele argumento e foi ótimo ver como eles realizavam essa construção do debate. O primordial, para mim, e que se seguiu por todo meu projeto, era a análise do processo, a linha de raciocínio e os debates individuais e coletivos que foram se construindo, mais do que a necessidade de um resultado correto por si só.

Outra coisa curiosa, também, é que tinham alguns alunos que tentavam ludibriar o processo, que tentavam usar, na hora de responder às atividades, da tabela de tabuada ou resolviam as contas no papel e foi legal ver que o próprio grupo repreendia essas atitudes. Obviamente, alguns/algumas grupos/duplas estavam em um consenso do uso da tabuada, por exemplo, mas era possível ouvir os amigos delatando uns aos outros e mostrando estar imersos na realização do projeto.

Depois dessa primeira atividade, conversamos, coletivamente, sobre os resultados e os alunos participaram do momento de compartilhar qual o resultado final e como foi o modo que eles pensaram na construção desse resultado. Foi interessante perceber o movimento realizado por eles, no caso, como associavam contas e resultados que já sabiam e desenvolviam um raciocínio lógico de estimativa, comparando com a operação da atividade.

A segunda atividade já era uma coisa um pouco mais prática e, também, foi realizada em grupos e eu tinha pensado que essa seria a última atividade do dia, entretanto, alguns alunos responderam à atividade mais rápido do que o previsto, enquanto outros ainda a estavam realizando e contavam com algumas dificuldades. Para isso, precisei, nesse momento, remodelar todo o meu planejamento, e a partir desse momento, surgiu o aprendizado que mais me agregou, nesse projeto, a capacidade de entender que o professor deve estar aberto, dentro de sala de aula, a realizar mudanças em seu planejamento inicial, que ele precisa, em questão de minutos, reestruturar toda atividade proposta, a fim de atender melhor a sala, tanto em uma questão pedagógica, quanto até em uma questão de tempo.

Em decorrência disso, acabei unindo as minhas atividades e transformando o que seriam três, em apenas dois dias. Para os grupos que já estavam mais avançados, entreguei a terceira atividade do dia, mas, deixando claro, que todos os alunos realizariam todas as atividades. Ao final do dia, debatemos todos os resultados, e percebi que criamos, juntos, um padrão, em que

sempre, depois da atividade, nós conversávamos, e eles explicavam o processo até atingir o resultado ou as contestações que tiveram.

O segundo dia proposto contava com atividades mais desafiadoras, como uma espécie de bingo e um pequeno desafio. Ambas as atividades seriam realizadas, individualmente, diferente das do dia anterior. Ao pisarem na sala de aula, todos os alunos já sabiam que teríamos, também, um momento de atividades, e se eu achei que tinha sido bombardeada na primeira vez, é porque eu não imaginava a quantidade triplicada de perguntas que eu receberia, nesse segundo dia, referente às atividades. Foi perguntado, a todo momento, se a atividade seria em grupo, se fariam mais atividades de matemática, como aquelas, se precisariam resolver contas. Fui, aos poucos, respondendo à curiosidade de cada um, entretanto, quando fui na frente da sala apresentar a atividade, os alunos estavam muito mais quietos, diferente do primeiro dia. Foi interessante perceber esse movimento de como eles já sabiam, mais ou menos, o que seria realizado, estavam ansiosos e sabiam que precisavam do silêncio, então, estavam prontos para começar a atividade.

Depois de explicar que a atividade que fariam seria um jogo, um bingo, todos ficaram completamente animados e todo aquele silêncio que eu tinha acabado de elogiar foi desaparecendo, pois eles, realmente, estavam ansiosos. Portanto, o jogo do bingo foi um pouco caótico, mas, dentro de uma perspectiva organizacional, era possível entender que os alunos, como estavam muito empolgados, excederam o volume da voz, mas isso não nos impediu de realizar a atividade, pelo contrário, todos os alunos da sala estavam completamente entretidos com a proposta. Sempre acreditamos que o princípio da educação em sala de aula precisa ser baseado em silêncio, com a professora na frente e o método discursivo, porém me peguei pensando ser essencial o barulho que estava na sala naquele momento. Precisei, portanto, contestar essas crenças de educação, às vezes, o aprendizado pode estar nesses momentos de empolgação.

A ideia do bingo era de que eles completassem uma fileira, mas, depois que tivemos o primeiro vencedor, os alunos imploraram encarecidamente para que o vencedor fosse aquele que completasse a cartela inteira, com essas contestações e contra-argumentos, cedi e acatei o pedido deles. Escrevia, na lousa, as operações, e eles pensavam nos resultados e assinalavam suas cartelas. Na hora do resultado, todos se empolgaram e falavam em voz alta o resultado da conta, o que gerava um debate, pois, às vezes, respondiam erroneamente, e entre eles, realizavam um debate, explicando sobre o processo do raciocínio de cada um.

Além disso, quando fomos nos aproximando do final da atividade, faltavam alguns poucos números na cartela de cada um, e foi legal o movimento criado, pois os alunos começaram a realizar, mentalmente, possíveis operações que possuíam o valor do resultado que precisavam. Essa ocasião me fez pensar que, às vezes, propomos uma atividade para explorar uma habilidade, mas ela acaba, também, explorando outros lados, outra abordagem que nós não tínhamos pensado. Na Educação, tudo pode ser um momento de aprendizagem.

Depois do bingo, partimos para a última atividade que possuía um caráter desafiador, em que o resultado da operação anterior era essencial para o resultado da próxima, ou seja, ao errar um resultado, todos os que se seguiram, também, estariam incorretos. Alguns alunos a realizaram de maneira super rápida, mas outros tiveram dificuldade, e foi legal também ver o movimento dos próprios alunos que já tinham acabado se propondo ajudar os que ainda estava fazendo, explicando e orientando os colegas de modo didático.

Por fim, propusemos um momento de discussão coletiva para que dessem a opinião deles sobre quais atividades foram legais e quais não foram, buscando saber o que eles gostaram mais e menos e o que mudariam. Relataram que a atividade que mais gostaram foi o bingo e, por incrível que pareça, a segunda mais falada foi o desafio, que foi a atividade que eu estava mais apreensiva de propor para eles. Foi, realmente, um prazer e uma

experiência que sinto que permitiu evoluir como profissional, pois, de diversas maneiras, me ajudou, tanto na elaboração da estrutura de um plano de ensino, quanto o papel do professor de adaptabilidade.

Em meu último dia, na escola, além de lidar com todos os comentários de saudade, ouvia perguntas se teríamos mais atividades na aula do dia, como tiveram nas outras aulas, se trabalhariam com matemática, quando fariam aquilo de novo. Essas perguntas me serviram, também, como um movimento avaliativo, pois pude perceber que as atividades foram recebidas, positivamente, pelos alunos. Fui tocada pelo carinho e receptividade dessas crianças que me acolheram e se mostraram felizes e tristes. Alegres, por termos vivido bons momentos e, tristes, por precisarmos nos despedir.

Por fim, hoje, já estou fora da sala de aula e não possuo mais contato com essa turma, mas sinto que poderia escrever outro relato só sobre a importância e a dor da perda para nós, professores, mas já posso dizer que essa experiência de estágio foi, de longe, um dos melhores que eu já fiz, com as crianças mais incríveis que pude conhecer e que a todo dia me ensinavam muito mais do que eu ensinava a elas. Foi um prazer poder tê-las acompanhado durante todo esse tempo e, mais do que isso, só tenho que agradecer por terem me enviado tanta abertura e espaço de estar na sala deles, assim como a professora.



## Quando eu voltei a ser criança: experiências de estágio nos anos iniciais do ensino fundamental<sup>1</sup>

Joví da Costa Viana

*Não digo a ninguém que já fui adulto: finjo que sempre fui menino, e fico esperando para ver em que é que dá. É tudo esquisito e engraçado. Fico olhando e esperando.  
Janusz Korczak em 'Quando eu voltar a ser criança'*

Começo essa narrativa com um trecho do livro de Korczak (1926), pois é um livro que amo, que me cativou muito, enquanto professor em formação. O exercício de voltar a ser criança, de revisitar a trajetória escolar, a todo momento, é iminente à prática docente, uma novela psicológica, como o próprio autor afirma.

Confesso que não é nada fácil assumir a posição de professor enquanto ainda sou aluno, quando já fui aluno, e, por isso, a escrita desta narrativa, que me permite realizar uma síntese de tudo o que aprendi com o estágio esse semestre, foi imensamente desafiadora.

Trouxe, em minha primeira narrativa, o quanto minha vida na escola foi marcada por violência, solidão e traumas. Adentrar em uma sala dos anos iniciais me expõe a lembranças que pensei que tinha trancafiado no passado. À medida que estou me constituindo professor, tentei me distanciar, cada vez mais, de atuar no Ensino Fundamental, criando certa zona de conforto, na Educação Infantil.

Comecei a realizar atividades de estágio remunerado em uma escola da rede privada de Campinas, com uma turma de 2º ano. A minha criança interna estava morrendo de medo de retornar à escola, mas assumimos que, agora, somos adultos e precisamos encarar o trabalho, a responsabilidade de frente. Não de maneira

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o ano de 2021.

adultocêntrica, como fizeram conosco, mas entendendo que já podemos ajudar outras crianças.

Aconteceram tantas coisas nesses poucos meses de trabalho... Trabalhei, remotamente, hibridamente, e, agora, presencialmente. O medo de reviver e lembrar situações que vivi, deu espaço ao medo de se expor ao risco da pandemia, a raiva de ter minhas concepções de educação atacadas, a ojeriza às apostilas e ao cansaço de se inserir numa engrenagem burocrática e fria que tenta controlar e estabelecer metas em tudo que as crianças fazem. Em certo momento, minha cabeça estava tão ocupada em tecer críticas e atuar nas pequenas brechas que eu só queria esquecer todos os princípios que adquiri na faculdade e só realizar o trabalho que me designaram. Mas, é impossível.

Me frustrava não poder dar a devida atenção para todos, de interromper discussões, porque precisávamos preencher a próxima página da apostila, de gritar para exigir silêncio, de esganar alguma superiora, quando pedia para fazer mais alguma coisa, de pensar como poderia fazer diferente no outro dia, tentando relaxar um pouco no trajeto de mais de uma hora no ônibus, de onde vejo um pouco das marcas geográficas e políticas que circundam a vida das crianças. A escola que fica na rodovia divide o condomínio de casas de luxo e o bairro que não tem asfalto, com barracos e casas sem reboco. É com as crianças de lá, que lido. Estou sabendo fazer isso?

Não sei se há alguma zona de conforto, de fato, no trabalho docente, mas eu saía e saio dela todos os dias, e penso que, se estivesse trabalhando em uma escola com ideais de educação mais próximos aos meus, não seria viável aprender tanto, porque, dentre tantas coisas, parece que o que mais aprendo é a ser o professor que não quero ser. Mas penso, também, que, de certa forma, se só criticamos a escola particular pela crítica, e não tentarmos adentrar esses espaços, quem vai? Não desvencilhando nosso compromisso com a educação pública, mas, se as escolas privadas ainda existem, como colocamos em prática tudo o que aprendemos? As estruturas de controle e de enfileiramento

sempre serão as mesmas? Quem, com um olhar de respeito e emancipação, vai levar um pouco de alento para as crianças? Afinal, as crianças que *sirvo* vivem uma realidade, em que lhes falta tudo: moradia, comida, água potável, dinheiro, e, até mesmo diálogo, olho no olho. Preencher quatro apostilas por ano que são tão grossas, quanto um Alcorão, é uma educação de qualidade? Pedagogias que rompem com a escola tradicional que tanto vemos na faculdade vão para sempre servir aos filhos da elite, que já gozam de tanto? Não sei... parece que, nos poucos momentos em que consigo atuar nas brechas que ainda existem, já consigo fazer uma baita diferença.

Falando em poucos momentos de brecha, de ruptura, acho extremamente importante ressaltar que as crianças parecem já ter estabelecido uma relação de confiança comigo, embora eu me sinta representando uma figura antagônica: ora sou o estagiário bonzinho, ora sou os olhos da professora, que delata, que anota quem não fez lição. Dependendo da situação, esperam a professora se ausentar para falar só comigo. Relatam brigas no intervalo, fofquinhas ou até mesmo que estão tristes, porque a mãe vai viajar a trabalho. Mas... ai... meus olhos enchem de lágrimas, novamente, trazendo esse episódio aqui.

Mais um dia fatídico na escola. A professora sai para ir ao banheiro e fico no comando. O alvoroço começa. Criança em pé, conversando alto. Algumas vêm até mim dizendo que G estava triste. Chamo ele até minha mesa, e, junto com outros colegas que me alertaram sobre o que tinha acontecido, ele me diz que outros meninos começaram a insultá-lo, xingá-lo de viadinho, bichinha. Por um momento, dei pane, literalmente. Fui teletransportado para minha sala de aula lá em São José dos Campos. Me vi, com oito anos de novo, como o G. Foi na mesma época da minha vida que os ataques homofóbicos e o *bullying* contra mim começaram, também. Sem entender por que estão me xingando de uma coisa que nem sei o porquê é errada. Uma confusão, uma angústia. Por mais que já consiga lidar melhor com minha sexualidade, eu não soube agir, de imediato, com as

crianças, afinal elas são anjinhos que devem ficar longe da impureza, de estímulos que não sejam heteronormativos. Eu não imaginava que isso fosse acontecer comigo, não me ensinaram como agir, não agiram comigo, quando era criança. Fui silenciado, negligenciado.

Desde que (me) assumi a responsabilidade da profissão, eu prometi que todas as dores, traumas, preconceitos e estigmas se findariam em mim. Foi o jeito que encontrei de educar crianças para um mundo melhor.

Pensei em resolver apenas com as crianças envolvidas na situação. Mas, começou o burburinho, os comentários atravessados, então, tive que falar com todas. Respiro fundo. Reafirmei para a turma que criança não namora, nem mesmo de brincadeira, assunto que já foi motivo de intervenções. Terminei dizendo que chamar alguém de gay não é xingamento, mas não sei se foi o suficiente. Saí da sala para chorar e, felizmente, minha orientadora me acolheu.

Não fiz vista grossa como fizeram comigo na infância, mas eu poderia ter falado mais? Como? Como seria essa mediação com outro adulto que não passou pelas mesmas tempestades? Como dizer para a minha criança interna que já somos imbatíveis e que estamos ajudando outras crianças?

Naquele dia, ao chegar em casa, eu não consegui fazer mais nada. Foi difícil voltar a ser adulto.

No outro dia, a professora me perguntou o porquê de não ter enfatizado que a situação tinha me desestabilizado tanto, que podia confiar nela para dividir o que estava sentindo. E eu sabia que já estávamos em um patamar do trabalho que já tínhamos uma relação mais estreita. Mas, se eu tivesse falado, eu teria chorado ainda mais e não conseguiria manter a compostura para continuar trabalhando. A rotina conteudista atrapalha parar, tirar uma pausa também.

Páginas e conteúdos mais tarde, na hora do intervalo, G terminou de comer e me chamou:

— João, vamo ali no cantinho conversar?

— Claro, respondo.

Fomos a uma mesa longe das outras crianças e me sentei para ficar na altura dele.

— Sabe João... sobre o que aconteceu ontem, eu não fico triste, não! Aqueles meninos nem me conhecem direito para falar aquelas coisas para mim. (Falando isso com o dedo apontado para cima, imponente. Eu conseguia escutar “Born This Way” (Gaga, 2011), ao fundo). E saiu andando para voltar a brincar.

Estava monitorando o pátio e contando o que tinha acontecido para outra estagiária, quando ele voltou, querendo conversar mais uma vez:

— João, pensando bem, eu acho que fico triste sim, quando os meninos falam aquelas coisas para mim.

Respiro fundo e agora tive coragem de dizer alguma coisa. Peguei nas mãos dele e disse:

— G, eu fiquei muito triste e bravo por isso ter acontecido com você ontem, porque aconteceu a mesma coisa comigo, quando eu era criança. Pode ser que você não entenda o que estou te dizendo agora, mas um dia vai. Você é um menino muito querido e inteligente. Não pode deixar que nada te abale. Sempre que se sentir mal, pode contar comigo e com outra pessoa que confie.

Estava segurando o choro mais uma vez. G voltou a brincar e eu fui invadido por um turbilhão de sentimentos. Tinha me sentido tão impotente e despreparado, que tinha agido pouco, mas pude perceber que aquilo movimentou o G de tal forma que ele pode refletir sozinho e, de certa forma, afirmar que bastou o que fiz. Querendo ou não, o processo de se compreender *queer* é interno, mas precisamos de ajuda para entender que não há nada de errado com nossas singularidades.

No que diz respeito à minha prática, tentei não depositar meus sentimentos no G e ficar sempre de olho e tentar evitar qualquer constrangimento de novo, ou até mesmo tentar dar mais atenção a ele. Mas, estarei ali.

Como a minha condição de gênero ainda é uma questão que recai sobre mim todos os dias, tendo o episódio com o G de

exemplo ou sendo o único profissional do sexo masculino da escola, de certa forma, personifico um debate, um estranhamento, expectativas por estar no lugar errado, na profissão errada.

Pensando nisso, resolvi escutar as crianças e o que elas acham de me ter por perto. Preparei uma atividade que consistia em levá-las para a horta e ler um livro. Que felicidade sair da sala!

Nesse bimestre, elas aprenderam diversos gêneros textuais, e um deles foi a carta. Para realizar a atividade, então, li o livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado (Machado, 2002) e propus que escrevessem uma carta, relatando como me entendiam numa profissão majoritariamente feminina. O debate começou comigo perguntando se eu, de fato, era o primeiro estagiário/professor deles. E sem surpresas, eu sou.

— Na creche, aqui, no pré, no primeiro ano e, agora, no segundo, só tive professoras, João.

Me surpreendeu que eles já teciam um debate de gênero muito potente. Claro que não como fazemos na academia, mas com o jeitinho de criança deles. Perguntei se existiam profissões para homens e mulheres, e por unanimidade disseram que não:

—NÃOOOOOO!

—Se fizer faculdade, todo mundo pode ser o que quiser.

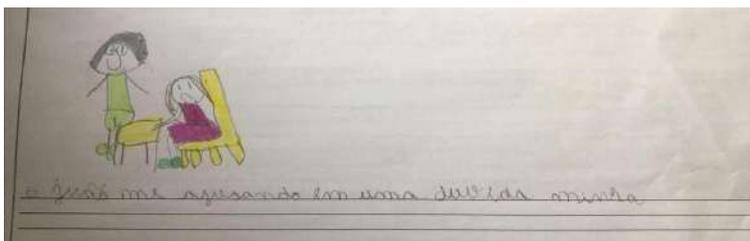
—Eu quero ser engenheira!

—Pedago..., o que você faz João?

E muitas outras falas que se atropelavam, que não consegui captar. Fiquei muito feliz com a carta que produziram, para além de se atentarem para a estrutura do texto. Não me preocupei com isso. Queria observá-las no processo de escrita, do jeitinho delas, senão estaria me contradizendo, né? Os erros de ortografia são bem-vindos também. Usaram muito o atenciosamente para se despedir, sinal de que estavam prestando atenção na leitura do livro e gostaram de aprender uma palavra nova. Me emocionei muito com algumas. Com outras, ri e fiquei feliz com tamanha sinceridade e compreensão da realidade que as cerca, dialogando com tudo o que aprendemos (em poucos momentos da faculdade, diga-se de passagem) sobre a criança (re)produtora de cultura:



5) Olha a expressão de tristeza da E em ter uma dúvida. Espero que eu consiga deixar um sorriso por debaixo da máscara, depois de ajudá-la.



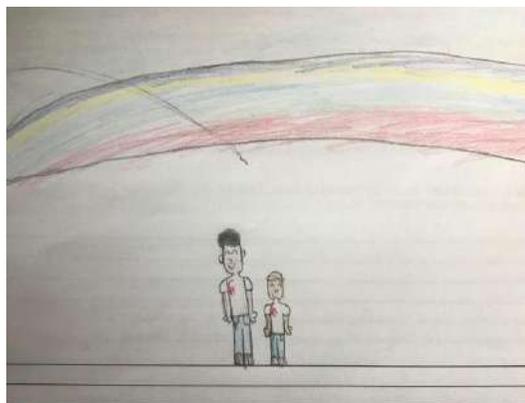
Fonte: Arquivo de autore.

6) G é uma artista do Realismo. Minha orelha ficou gigantesca para dar conta de receber meus *piercings*. Até nisso, eles reparam. A dela está grande, também, porque disse que, quando crescer, vai colocá-los também.



Fonte: Arquivo de autore.

7) Por fim, e não menos importante, o desenho de G. Ele nos representou debaixo de um arco-íris. Será que estamos no ápice do nosso orgulho?! #PRIDE



Fonte: Arquivo de autore.

Que felicidade poder escutá-las e lê-las! Questões que são tão marcantes, para mim, são compreendidas de uma forma tão leve, tão esperançosa que me fazem acreditar que se tornarão pessoas boas, que não reproduzem coisas ruins e estruturais... nem parece que elas vivem no Brasil em que vivemos; no Brasil, comandado por tantos algozes.

Não sei se me fiz claro com essa narrativa e pude colocar, em texto, um pouco do que o estágio tem significado para mim, mas ressalto o quanto ele tem me tornado mais professor a cada dia. De me tornar mais humano a cada dia. De não deixar o medo me paralisar, de não me deixar convencer pela lógica conteudista e apostilada, de acreditar numa educação que não rompe com a infância para se dizer de qualidade.

## Referências

- GAGA, L. (intérprete). **Born This Way (álbum)**. Áudio CD. 2011.
- KORCZAK, J. **Quando eu voltar a ser criança - Edição revista**. São Paulo : Summus Editorial, 1926.
- MACHADO, A.M. **De carta em carta**. São Paulo : Salamandra. 2002.



## Entre rascunhos e papeis: (re)desenhando uma escola outra<sup>1</sup>

Júlia da Silva Oliveira

Meu estágio deste 1º semestre de 2022 foi realizado em uma escola de fundamental I, localizada em Campinas, na Macrorregião do Campo Grande, também conhecida como uma região periférica da cidade. Tive o prazer de acompanhar as aulas de uma professora do 2º ano e, com ela, apesar das correrias das manhãs escolares, consegui ter boas trocas e acolhimento na instituição. Também, me aproximei das crianças, muitas delas com um desejo enorme de aprender a ler e a escrever, geralmente, atrelado aos seus usos sociais de comunicação, como se expressou em alguns momentos, por exemplo, quando uma criança pediu que eu a ajudasse a escrever um bilhete para a professora, ou quando outra pediu para que eu lesse os nomes de animais que ela gostava.

Partindo dessa ideia, dos usos sociais da escrita e da importância dela para a nossa sociedade atual, busquei construir, junto à professora, um projeto de ensino de uma aula que pudesse reforçar essa noção. Projeto atrelado ao meu compromisso, como os sentidos da aprendizagem e da ampliação dos conhecimentos a respeito do mundo e, por sua vez, da cultura. Assim, construí a proposta intitulada “O baobá: símbolo de ancestralidade, natureza, história e cultura africana”, que desenvolvi com as crianças no dia 18 de maio de 2022.

Esse momento de desenvolvimento da atividade foi único. Além da famosa ansiedade que nos cerca, quando estamos, profundamente, envolvidas e empolgadas com determinada atividade, também foram peculiares os imprevistos positivos que ocorreram durante a proposta. Em especial, fui surpreendida com a participação dos estudantes, incluindo os da educação especial,

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

fato que, posteriormente, gerou um comentário admirado da professora. De modo geral, creio que tenha sido uma ótima experiência de aprendizado para ambos.

Durante o estágio, fui refletindo sobre algumas questões que me incomodavam nas escolas, uma delas é sobre os lugares determinados para os estudantes e professores. Abaixo, reproduzo uma passagem do meu diário de itinerância do dia 20 de abril de 2022 que retrata um episódio sobre o tema:

Iniciamos o dia na escola com as duas aulas de Ed. Física. As crianças fizeram uma atividade de pega-pega do rabinho, uma camiseta de futebol amarrada nas calças. Eu participei da atividade e tentei brincar com elas. No início, senti que houve um estranhamento entre nós. Elas não entenderam que eu participava da brincadeira também, mas, depois da primeira partida, e com o incentivo do professor, muitas se animaram e anunciaram que seriam a primeira a roubar minha camiseta.

Essa situação me fez refletir novamente sobre os lugares de poder na escola, aqueles naturalizados como o do professor e do aluno. Por que as crianças demoraram a entender que eu também estava no jogo? Por que não posso brincar com elas, mesmo sendo adulta? Por alguns instantes pensei se deveria participar tão ativamente assim. Ainda não sei. Pensando agora, isso me lembra a noite anterior, na aula de antropologia na universidade, quando discutimos que a invenção da infância se deu a partir de signos que separavam a vida das crianças da dos adultos, diferente do período anterior, ainda na Idade Média, quando as crianças e os adultos compartilhavam a vida e brincavam juntos, como bem demonstra Pieter Bruegel em seu quadro “Jogos infantis”.

Creio que esse ponto seja um dos que mais me atentei. Especifiquei, anteriormente, sobre os lugares dos estudantes e dos professores, que são, principalmente, simbólicos, não exatamente expressos por um lugar físico. Ampliando essa reflexão, sinto que também há um lugar das meninas e dos meninos na escola, não somente na representação de cada um dos papéis socialmente construídos, mas, constantemente reforçados na rotina escolar, de

forma não muito intencional, por sua separação, ao fazer uma fila, para ir ao banheiro, ou mesmo em atividades permanentes em sala de aula.

Outra coisa que me chamou atenção em muitos momentos foi o fato de a professora demonstrar aptidões que não necessariamente poderiam ter feito parte da sua formação e não constavam no meu imaginário da profissão docente, como quando, em uma manhã extremamente fria, ela pediu aos estudantes que colocassem duas calças para ir à escola para que ficassem maisquentinhos, ou quando reforçava que pedissem para que seus pais colocassem máscaras de troca em suas mochilas. Esse ponto demonstra que, além de uma série de conhecimentos acumulados durante a graduação, no cotidiano escolar, aparecem demandas espontâneas que, com o tempo, vamos aprendendo a lidar e ampliamos, assim, nossas habilidades e conhecimentos docentes.

Ainda, como não poderia deixar de mencionar, o estágio foi marcado pelo retorno crescente das crianças à instituição. Esse momento é marcado não somente por uma reorganização da escola para manter as medidas de cuidado em relação à Covid, mas também pela readaptação com a rotina escolar, tanto por parte dos professores e gestores, quanto pelos estudantes. Por isso, em uma reunião de Trabalho Docente Coletivo (TDC), realizada no dia 28 de abril de 2022, uma professora se expressou da seguinte maneira: "As próprias crianças não estão sabendo se relacionar. Será que a gente sabe?". Demonstrando, assim, a dificuldade que a comunidade escolar tem enfrentado com o retorno, expresso nas dificuldades de sociabilidade e comunicação entre eles.

Diferente do que muitos colocariam como a necessidade de retornar à antiga convivência, eu diria que é necessário aproveitar o momento para imaginar a reformulação da velha escola, não apenas um remendo. Se, antes, a escola já apresentava uma série de falhas para com as crianças, hoje, com uma mudança catalisadora de uma pandemia, estão propostos novos desafios

para o ensino e aprendizagem e nós, professores e futuros professores, podemos e deveríamos repensar a nossa docência e a instituição em que trabalhamos.

Além dessas reflexões, todos os dias de estágio foram acompanhados por um caderninho de esboços para registrar algumas das figuras do cotidiano escolar. Abaixo, reproduzo as imagens do caderno já tratadas no *Software Adobe Illustrator*.

### *As crianças*



Fonte: Arquivo da autora.



*A gestão*



Fonte: Arquivo da autora.

*O professor de educação física e a professora pedagoga*



Fonte: Arquivo da autora.

## Aprendizados coletivos<sup>1</sup>

Juliana Parizoto de Lucio

Comecei meu estágio no dia 06/09, aflita e ansiosa. Seria a primeira vez que estaria em uma sala de aula com crianças maiores e por todo o período da manhã. A unidade escolhida para o estágio foi uma escola municipal de educação básica - EMEB, em Jundiáí, sendo a mesma do meu estágio do primeiro semestre. Ela se encontra perto da minha casa e consigo chegar até ela, caminhando. A EMEB é bem grande e com muitas salas. No período da manhã, encontram-se 1 turma de 3ºano, 8 turmas de 4ºano e 8 turmas de 5ºano, e, no período da tarde, são as turmas de 1º a 3ºanos que ficam na escola.

O ambiente dispõe de um pátio bem grande usado para as refeições e atividades fora da sala de aula, duas quadras (uma aberta e uma fechada), espaço com parede de escalada e obstáculos para os mais velhos, sala de artes, parquinho, biblioteca, sala de amamentação, horta coletiva, sala para jogos educativos, sala de professores com computadores, impressoras e diversos *Chromebooks* para uso da tecnologia com os alunos, uma cozinha bem grande para o preparo dos alimentos, diversos banheiros e bebedouros, dentre outros espaços para o aproveitamento das crianças.

A escola é um local super agradável e aconchegante, visto que os trabalhos são feitos com crianças dos anos iniciais. Os funcionários são extremamente organizados e capacitados e a limpeza é impecável. Além disso, uma sala é disponibilizada somente para uniformes, caso alguma criança necessite realizar a troca. Quando cheguei à escola, fui à sala do Diretor conversar com ele sobre a possibilidade de ficar com outra turma e outra professora para uma nova vivência. Ele permitiu que eu escolhesse

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

a turma e confesso que escolhi ficar com o 5º ano, pois sempre imaginei que crianças com 10 anos não me dariam tanto amor e afeto como os pitocos do primeiro ano, aos quais ainda estava apegada. Porém, estava errada e me surpreendi. Meu primeiro dia de estágio foi incrível e fui acolhida por eles e pela professora de uma maneira inesquecível. Eu não fazia ideia que as terças seriam muito melhores a cada semana. Meu estágio acontecia às terças, das 7h30 às 12h30, e a rotina das crianças durante a aula era dividida nas áreas de conhecimento: História, Arte, Língua Portuguesa e Matemática. A professora realizava um momento de leitura todos os dias, escreve a rotina na lousa e faz a chamada.

No primeiro dia, o diretor me levou até a turma da professora A. Ela me apresentou para a turma e disse que seria sua estagiária até o fim do ano. Tive o privilégio de conhecer o D<sup>2</sup>, um menino com Síndrome de Down, que veio com o seu amor, afeto e alegria mudar todo o meu pensamento sobre as crianças maiores. D transmite a sua luz por onde passa, todos na escola se encantam e se apaixonam por ele e, acima de tudo, o respeitam. Me recebeu com um abraço apertado e tão gostoso, questionando se eu seria a *prô* dele, imediatamente, foi buscar a cadeira para que me sentasse ao seu lado na sala de aula e estava radiante. As crianças o acolhem e ajudam da maneira mais sincera e carinhosa possível e não permitem que exista alguma diferença entre eles.

A professora A... Nossa... que sorte eu dei. É uma das pessoas mais amorosas e acolhedoras que já conheci. Me acolheu como filha e como ela mesmo disse: "Você vai ser minha filha do coração". Ela me ensinou tanta coisa que ficarão marcadas sempre na minha memória, uma professora parceira e atenciosa, me dando toda a liberdade do mundo para ajudar na sala de aula, me dando espaço para passar o que eu sei, deixando livre para que eu resolvesse exercícios na lousa e lesse com eles, além de incluir na sala dos professores e apresentar para todas as professoras. A me

---

<sup>2</sup> Optei por nomear as crianças e a professora pela letra do primeiro nome para preservar as suas identidades.

ensinou muito com os seus 25 anos de sala de aula e, com certeza, a minha caminhada na Pedagogia se fez diferente ao cruzar o caminho dela.

No decorrer do estágio, fiquei responsável por ajudar aqueles que possuem uma maior dificuldade e esses se tornaram minha saudade no resto da semana em que não estou na escola. M, I, D, P e G são crianças tão especiais que ganharam meu coração. P é um menino com uma história difícil, mas tão amoroso e feliz. M, com o seu pensamento lá longe, como ele mesmo diz, "eu vivo no mundo da lua", tão acolhedor e com vontade de aprender. I é um menino apaixonante que, em pequenos gestos, ganhou meu coração, desde a alegria, ao saber que eu tenho o nome da sua mãe, a entrega de alguns desenhos com frases, "você é legal demais", "você é a melhor estagiária" e, até mesmo, colocar meu nome na folhinha de exercício junto com o nome da professora titular. G, um menino mais reservado e quietinho, mas com uma vontade imensa de aprender e entender tudo o que tenho a chance de ensinar nas atividades.

A felicidade das crianças, ao me verem comendo a merenda sentada na mesa com eles todos os dias de estágio, não tem preço e são essas pequenas coisas que se tornam tão grandiosas que me fazem acreditar na profissão escolhida por mim e ter a certeza que crianças maiores podem, sim, te distribuir afeto e carinho, assim como os pequeninos. Tem sido desafiador responder a tantas perguntas e questionamentos a cada semana, de crianças que estão na sua fase de transição para o ensino fundamental 2, além de lidar com questões e atitudes de "gente grande", as quais eles questionam ou reproduzem, mas, de uma coisa eu sei e posso afirmar: a cada semana não são eles que aprendem comigo, quem aprende sou eu, com eles.

São muitas diferenças e vivências de vida, familiar, pessoal. Tem sido momentos leves e especiais, a ponto de esperar a semana toda para que a terça-feira chegue e desejar estar presente na escola todos os dias da semana, mesmo que não seja possível, desejo esse que, também, vem da professora A, que me pede toda

semana para ir todos os dias. Não posso me esquecer de mencionar que algumas semanas são difíceis de lidar com eles, com as suas rebeldias e atitudes, afinal são crianças de 10 anos, mas, com calma, sabedoria e leveza tudo se resolve. Também, tem sido desafiador lidar com o D, pois ele é uma caixinha de surpresas, em um momento está de bom humor, em outro, está bravo, chorando, em outros, só precisa dar um cochilo que tudo se resolve, com cuidado e amor todos os problemas acabam tendo soluções. É um grande privilégio poder desenvolver algumas atividades com eles e ajudá-los em suas dúvidas, se tornando uma alegria muito grande a cada evolução, principalmente do D que, agora, sabe escrever seu nome, sabe as letras do alfabeto, associar cada letra com o início dos desenhos, dentre tantas outras coisas. Um momento muito marcante para minha caminhada como pedagoga foi o dia 04/10, em que fiquei responsável por ajudar aqueles que possuem certa dificuldade em atividades de separação de sílabas. Ensinei que as sílabas podem ser separadas, batendo palmas e que o número de palmas, seria a quantidade de sílabas das palavras. Eles pegaram esse ensinamento muito rápido e saíram radiantes para contar para a professora que a Prô Ju tinha ensinado a separação das sílabas e que, agora, eles não iam esquecer mais. Foi um momento mágico que me emociona só de relatar.

Com a transição para o 6º ano, eles estão na fase de fotos em turma e individuais para a formatura do ensino fundamental 1, e tem sido um dos dias mais especiais no estágio. No dia 11/10, teria a foto em turma e a professora fez questão que eu saísse nela, afirmando que eu era sua estagiária e merecia estar na foto, mesmo que fosse somente 1 vez na semana, pedindo, inclusive, que o fotógrafo mandasse uma fotografia extra para que eu também tivesse esse registro. Foi uma coisa simples, mas que fez meu dia muito melhor e, talvez, nem a professora saiba da grandeza dessa atitude. Nesse dia, também, houve brincadeiras e algodão doce na escola, pois seria a semana das crianças. Os dias no estágio têm sido muito proveitosos e a bagagem de

conhecimento que estou adquirindo está sendo muito grande, descobri habilidades que nem sabia que eu possuía, além de perder a vergonha e o nervosismo na hora de falar com a turma, sendo a responsável por isso, os empurrõezinhos da professora, ao me dar a liberdade de assumir a aula, que fazem muita diferença. São essas pequenas coisas, mas tão grandes para a minha formação, que me fazem continuar nessa caminhada e ter a certeza de que valerá a pena. O 5º ano ficará marcado para sempre em minha memória, pois o aprendizado desse estágio foi muito mais do que 60h.



## Vida de estagiária, como caixinha de surpresas<sup>1</sup>

Letícia de Lima Santos

Acredito que o momento do estágio é essencial na nossa formação, futuros professores. Nos dois primeiros anos do curso, me sentia, constantemente, em dúvida sobre minha escolha profissional, talvez, pelo momento de aulas *on-line*, mas, com certeza, pela falta de contato com as crianças. Nesse ano, então, comecei a estagiar e tudo mudou. Evidentemente, tiveram momentos difíceis, de incerteza e vontade de desistir, mas estar todos os dias na escola, dentro da sala de aula, observando professoras mais experientes, ajudando-as e também auxiliando as crianças, me fez criar um vínculo muito grande com meus alunos e entender que estou no lugar certo.

Em geral, seguimos uma rotina: às 13h10, subo com a turma para a sala de aula, vejo com a professora quais materiais ela precisa que eu pegue para aquele dia e começo a visar as agendas dos alunos para ter certeza de que todos copiaram a tarefa do dia e se ninguém tem bilhete. Então, o dia começa, corrijo livros, cadernos, atividades, organizo pastas, ajudo os alunos a fazerem as atividades, circulo pela sala para ter certeza de que está tudo bem, quando necessário, eu explico as atividades novamente, estou sempre presente, agindo e observando. Às 15h40, eles têm a hora do lanche. Eles costumam comer em sala e, depois, descem para brincar, depois do intervalo, entra outra professora e a rotina se repete.

Apesar de acostumada com a rotina, no dia 19 de setembro, logo antes de subir com as crianças para a sala de aula, a coordenadora apareceu dizendo que precisava falar comigo, acompanhei-a e a auxiliar da outra turma cuidou das minhas crianças. Subindo as escadas, encontrei a professora titular da

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

minha turma e ela me avisou que iriam para o parque na primeira aula. Na sala da coordenadora, com a auxiliar de outro ano, ela nos explicou que aplicaríamos prova substitutiva para os alunos que faltaram nos dias das provas, ela me pediu para ficar com as crianças do terceiro ano.

Sabendo o que precisava fazer, organizei a sala em que eu ficaria com aqueles alunos e fui avisar a professora que não poderia ficar com a nossa turma aquele dia. Chegando no parque, ela me olhou preocupada, pensando que algo sério tivesse acontecido, expliquei a situação e, então, voltei para receber as crianças e começar a prova. Foi uma situação bem diferente do que eu estava acostumada, pois, geralmente, não aplicava provas, e, quando estou presente nesses momentos, sei que minhas crianças do quarto ano fazem a leitura da prova, sozinhas, mas, com os alunos do terceiro ano, fui orientada a fazer a leitura da prova junto com eles.

Quando eles finalizaram a prova fui entregá-las para a coordenadora e, aproveitando o momento, ela pediu que eu fosse assumir a sala de aplicação de provas do quinto ano para que a outra auxiliar pudesse voltar para sua turma. Precisei, novamente, avisar as professoras que já haviam pedido que eu organizasse materiais para elas, que eu não voltaria para a sala tão cedo, pois os alunos do quinto ano não tinham um tempo limite para finalizar as provas.

Pude voltar para a minha turma, apenas um tempo passado do intervalo deles e, por isso, acredito que, infelizmente, nesse dia, eles não desceram para brincar depois de comerem o lanche. Quando cheguei na sala, um dos meus alunos disse: “Finalmente a Miss Lê voltou!” e eu não poderia ter ficado mais feliz com esse carinho, perguntei, então, se eles haviam sentido minha falta e a resposta dizendo que “sim” para minha pergunta deixou meu coração aquecido.

No dia seguinte, a professora me avisou que eles fariam uma entrevista comigo, pois eles estavam estudando o gênero textual “biografias” e, como atividade de produção de texto, me

entrevistariam para fazer uma biografia com as informações coletadas. Fiquei ansiosa em responder as perguntas e, com um pouco de vergonha, mas começamos e foi muito legal. Eles adoraram saber um pouco mais sobre a minha vida e se empolgaram, perguntando coisas que eles tinham vontade de saber, como que tipo de filme e música eu gosto, quais eram as minhas brincadeiras e cores preferidas, entre outras que surgiram no momento da entrevista. Nesse contexto, contei a eles que eu também estudava. Para alguns isso foi uma novidade, outros continuaram com as perguntas, se mostrando interessados em saber mais, falei então que estudava na Unicamp, fazia o curso de Pedagogia para ser professora e que, em breve, estaria formada e pronta para assumir uma turma.

Para finalizar a atividade, eles me desenharam e eu amei ver o resultado dos desenhos, perceber como eles me enxergavam foi um momento muito bacana. Cada um se apegou em um detalhe, alguns nas pontas mais claras do meu cabelo, outros nos adesivos que ficam no meu crachá e teve aluno que quis me representar com os óculos de grau que eu uso, às vezes. Pude perceber o quanto eles repararam em nós, professores, alguns detalhes que, pra mim, não chamavam atenção apareceram destacados em seus desenhos. Assim também como informações que, pra mim, não são tão relevantes como, por exemplo, a minha idade, foi motivo de vibração deles pela descoberta.

Tiveram o dia do intervalo musical, em que a hora do lanche acontece com todas as turmas reunidas no pátio para assistir à apresentação musical dos seus colegas, alguns tocam, outros cantam, às vezes, fazem os dois, tem quem prefira se apresentar sozinho e quem goste de ir em grupo, mas, de qualquer forma, é um momento divertido para as crianças e importante ao meu ver, pois leva a arte para dentro da escola e incentiva os talentos dos alunos.

No dia de entregar as notas das provas foi uma mistura de emoções. Todos ansiosos para saberem suas notas. Conforme as provas foram sendo entregues, percebi como um número causava diferentes emoções em cada um: enquanto uns ficavam super

chateados com um 9.0, outros pulavam de felicidade com 7.0, significando que estavam acima da média.

Na semana do dia das crianças, não tiveram aula na escola, porém os alunos que quisessem, poderiam se inscrever para fazer atividades lúdicas nessa semana. Para a surpresa de todos, muitas crianças se inscreveram. No segundo ano, havia mais de 40 inscrições e, por isso, se dividiram em duas salas, cada uma com pelo menos duas auxiliares. Pediram para que eu ficasse com a turma do segundo ano, ajudando uma das auxiliares e, dessa forma, não pude ficar com a minha turma do quarto ano.

Estava muito ansiosa e preocupada com essa semana, achei que seria muito difícil e desafiador ficar com o segundo ano. Comecei a fazer o planejamento da semana no sábado, no domingo, reservei espaços da escola para poder levar as crianças, como o parque, as quadras, a biblioteca e outros espaços para além da sala de aula.

Fomos informadas sobre um teatro que as crianças assistiriam na terça e para o qual deveríamos ensiná-las a fazer passarinhos de dobradura. Passei horas tentando descobrir como fazer um pássaro de dobradura para ensinar aos alunos. Recorri a vídeos e fotos da *internet*, mas não estava gostando do resultado. Então, decidi pedir ajuda para minha mãe e encontramos em pastas que tínhamos guardadas algumas dobraduras, inclusive, de pássaro, desdobramos e refizemos as dobras até entender como formar o passarinho, quando conseguimos, percebemos que era muito mais fácil do que estávamos imaginando.

Quando, realmente, começamos a semana, me surpreendi positivamente. Acredito que consegui lidar com as crianças melhor do que eu esperava. Todos os dias, fazíamos uma roda e líamos um livro antes de começar as atividades. O primeiro livro estava em três idiomas e eles se empolgaram muito, me ajudaram e participaram da leitura. Na quinta-feira, após o dia das crianças, fizemos a roda na biblioteca e, antes de começar a leitura, todos quiseram contar como havia sido seu dia das crianças. Foi muito

gostoso ouvir as experiências de cada um, depois, lemos e eles puderam explorar a biblioteca.

Dentre as várias atividades que fizemos, as crianças brincaram de queimada e futebol nas quadras, brincamos com bexigas d'água, tentando acertá-las em um alvo na parede e uma das atividades com que eles mais se divertiram foi o show de talentos, no qual reunimos todos as turmas e os alunos cantaram, dançaram, tocaram instrumentos. Foi um momento muito bacana e que todos aproveitaram.

Sendo assim, ficar com uma turma que eu não estava acostumada foi uma experiência importante, pude perceber necessidades diferentes e uma maior dependência por serem mais novos, sem dúvidas, senti falta da minha turma, mas adorei estar com o segundo ano e planejar atividades para eles, pensar em coisas que eles pudessem se interessar e gostar de fazer.

Finalizo, dizendo que estar dentro da escola é sempre uma caixinha de surpresas, temos dias calmos e dias super agitados, mesmo com uma rotina estabelecida, situações novas nos são apresentadas e precisamos nos adaptar a elas. Ser professora vai muito além do ensinar conteúdos em sala de aula, ser professora está no cuidado, no planejamento, na observação e no carinho com seus alunos.



## Patrimônio<sup>1</sup>

Livia Naomi Chiba

Estávamos na aula de História, e a professora explicava sobre patrimônios materiais e imateriais. Após a explicação, os alunos tinham que desenhar no caderno sobre algo material e imaterial.

Estava sentada na minha mesa. Y foi até lá e ficou me olhando, olhei para ele de volta, como se estivesse perguntando “você quer alguma coisa?”, logo, ele entendeu o meu olhar e disse com seu sotaque alemão: “Eu só estou te olhando, porque quero te desenhar no patrimônio material”. Fiquei tão surpresa com sua resposta que nem consegui raciocinar algo para responder alguma coisa para ele e, logo, ele foi se sentar em sua mesa.

Alguns minutos depois, ele voltou com o desenho pronto. Era o desenho de uma menina e, embaixo, estava escrito “L”. Eu olhei para aquele desenho e veio uma mistura de sentimentos. Me senti especial, feliz, amada, mas, ao mesmo tempo, desesperada, me perguntando se ele tinha entendido o que era um patrimônio material. Então, olhei para ele e nem consegui agradecer pelo desenho. Eu só disse, dando uma risadinha: “Y, eu não sou um patrimônio, meu amor”, e continuei explicando que patrimônio material representava algo sobre nossa cultura. Era algo grande e importante para o país, uma coisa que todo mundo conhecia.

Ele, então, me respondeu: “Mas você é adulta, então você é grande e todo mundo da escola te conhece”. Sobre a parte de eu ser adulta e, por isso, ser grande, não consegui responder, mas disse que um patrimônio era algo maior e que o mundo inteiro conhecia. Ele olhou para mim e disse “Mas, eu disse para o mundo inteiro sobre você”.

Foi, então, que não saiu mais nada da minha boca. Só conseguia olhar para ele com um sorriso de ponta a ponta.

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

No fim, não sei se ele entendeu o que é um patrimônio material, mas, naquele momento, senti uma troca de carinho tão grande que não valia a pena eu estragar aquele instante e dizer que ele estava errado, afinal, será que ele estava errado? Um patrimônio, para mim, pode ser diferente para ele. Mas, será que podemos interpretar os patrimônios de forma diferente?

## O toque<sup>1</sup>

Livia Naomi Chiba

Estávamos na aula de Português. A matéria eram sílabas tônicas e acentos, e a atividade era descobrir a sílaba mais forte das palavras. Todos os alunos estavam empenhados, fazendo as atividades, “chamando a palavra” para verificar qual sílaba se destacava. Todos, exceto a I<sup>2</sup>.

A I é aquela menina divertida, que fala durante a aula, extrovertida e rotulada com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH. Apesar de ter pouco contato com ela, presencialmente, uma semana sim; e outra, não, acredito que é apenas uma criança normal. Ela é criança e, como toda criança, gosta de falar, rir, brincar e precisa de estímulos para querer fazer determinadas atividades e se interessar por elas. Por isso, insisto muito em sempre ir à mesa dela, quando percebo que ela não está interessada. Vou ao lado dela, pergunto se ela entendeu e, na maioria das vezes, ela diz que não, assim, eu explico e começamos a fazer juntas o que se pede. Normalmente, depois de uns 3 tópicos, ela consegue fazer sozinha, e sempre diz: “Livia, queria levar você para minha casa para fazermos lição juntas”.

Teve uma vez que não foi diferente, a I estava reclamando, dizendo que não queria fazer a lição. Fui até a mesa dela e fiz o que sempre faço, expliquei e comecei a fazer a atividade junto com ela, mas, dessa vez, ela quis demonstrar mais afeto e, ao invés de só dizer que queria me levar para casa, ela quis me abraçar.

Quando ela tocou meu braço para me puxar para um abraço, eu tirei, imediatamente, meu braço das mãos dela e, assustada, disse que não podíamos nos tocar. Falei que ela sabia que,

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

<sup>2</sup> Utilizei a inicial para definir o(a)s estudantes, a fim de resguardar as suas identidades.

infelizmente, por conta da pandemia, não poderíamos nos abraçar, apesar de eu querer muito.

Nunca imaginei que, na minha profissão, um toque poderia gerar aquele “frio na espinha”, que poderia gerar inseguranças e medo. Medo de me contaminar, medo das pessoas verem que estávamos nos tocando e medo de prejudicar a aluna com aquele toque. Nunca imaginei que esse tipo de afeto traria tantos sentimentos ruins, um afeto que, na profissão de professor, é importante, porque faz o aluno se sentir amado, acolhido pela professora, sentir o carinho e transmitir confiança. É muito difícil se segurar para não transmitir esse afeto que não se substitui por nenhuma outra coisa. Muitas vezes, um abraço transmite tantas coisas que nenhuma palavra consegue. O abraço, o toque, faz com que possamos sentir um ao outro. O toque acalma, aquece e acolhe.

Como será que esse afeto vai se construir de novo, depois, que a pandemia passar? Será que os alunos vão se sentir à vontade para ter esse tipo de afeto? Mesmo depois de tanto tempo proibindo algo tão inofensivo, mas que, hoje, vemos como uma bomba?

## **Em busca do “Outro”: sensibilidades, afetos e criações cotidianas<sup>3</sup>**

Luísa Magro Kruger

A escola, nem sempre, é um lugar agradável. Ela pode ser repressora, intimidadora e insensível. Mas, é feita de pessoas e, se assim é, é lotada de contradições. Os alunos são sobreviventes de um sistema educacional que, muitas vezes, os ignora. São astutos e, das suas maneiras, acham uma forma de subverter ou, pelo menos, sobreviver àquela lógica que os oprime. Como os estudos de Michel de Certeau (Certeau, 1998) já diziam, eles sobrevivem nas brechas.

Quando os adultos viram de costas, eles aproveitam a oportunidade, usam táticas para lidar com as limitações que a instituição impõe. Em poucos momentos, podem, de fato, tomar a rédea, definir ou criar regras. Mas, não pensem que estão somente se adaptando, eles criam sem poder, se rebelam, reclamam e, depois, são vistos como errados, indisciplinados. Mal sabem os adultos que não têm tanto controle assim.

Os adultos pregam ideias de troca, igualdade, liberdade. Contudo, são os primeiros a não ouvir, desvalorizar e reprimir. Não aceitam que gritem com eles, mas são ótimos em gritar com as crianças, repetem que elas são sujeitos de direito, mas negam parquinho se não acabaram a lição. No entanto, as crianças são surpreendentes. Se lhes entregam um papel para que realizem um exercício, magicamente, vira um avião nas suas mãos. As crianças não precisam de muito, aprenderam a não ser gananciosas.

E, nesse tom triste, começo minha narrativa. Se no semestre passado, era tomada pelo encanto, hoje, meu corpo grita, indignado. Tomada por um contexto pessoal mais árduo, de maiores dificuldades, ansiedade e depressão, meu corpo se

---

<sup>3</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

enfurece de ver, nas escolas, tantas barreiras e cada detalhe é visto sob a ótica da crítica. O cotidiano não passa despercebido, mas o que me entristece é o meu cansaço. Temo pelo futuro, pelo presente: darei conta de ajudar essas crianças? E as outras que virão? Serei tomada pelo cansaço em minhas práticas me rendendo a esse cruel sistema de ensino? Me pegarei exercendo práticas que condeno? Voltarei atrás?

Espero não perder o encanto que guardo vívido, espero ser atravessada pela magia do cotidiano, pelo Outro, de Certeau (*Ibid.*). Espero estar aberta a esse Outro que é mistério e, também, imprevisibilidade. Espero que minhas práticas conversem com aqueles que a praticam, que as crianças, os Outros, com suas inerentes surpresas, me provoquem reflexões e me motivem a buscar por atividades que lhes faça sentido. Também desejo contornar com outras cores a alfabetização, que não se restrinja a uma técnica de correspondência grafema-fonema, mas que dialogue com as vivências de cada estudante e os motive a persistir no árduo aprendizado de ler e escrever. Diante de tantas angústias, penso em meu papel: como trazer a alfabetização como uma prática de construção de sentidos, conforme os estudos de Geraldi (2010) Como ajudar aquelas crianças, estando ali só uma vez por semana, em posição de estagiária? Como não renunciar à sensibilidade em meu olhar e em minhas atitudes?

Tantas vezes negligenciada, a sensibilidade parece ser muito mais difícil do que aparenta, sendo somente possível, a partir de uma conexão, mesmo que momentânea. Mas, renunciar à sensibilidade é renunciar a uma parte de si, é se distanciar da vida, dos vínculos e das relações de afeto. Uma classe não existe sem afeto, isso, para mim, parece nítido. Assim como me parece que o cansaço é um dos grandes vilões que sucumbe à sensibilidade. Sugados pelos afazeres do cotidiano, obrigações de conteúdo, expectativas da sociedade e pela excitação inquietante das crianças, sobra menos tempo para olhar o Outro.

Nós que, por tantas vezes, nos sentimos mal, sendo a exceção em meio à maioria, esquecemos que as crianças, também, podem

se sentir incomodadas por serem diferenciadas do resto. Como suportar o peso de não ser alfabetizado, se 24 dos seus 27 colegas assim são? Como mudar de estratégia, se cartilhas descontextualizadas não têm funcionado? Às vezes, acho que falta um olhar mais atento para o sentimento daquelas crianças que se sentem incapazes de realizar qualquer tarefa e desmotivadas para insistir nas mesmas. E se, ao invés de práticas repetidas de ligar palavras com imagens, usássemos textos reais que circulam por aí e escrevêssemos para outros leitores, além da professora? E se usássemos o texto livre de Freinet (1979) lhes permitindo dialogar mais com seus interesses e cotidianos?

Repleta de perguntas, eu sinto que a falta de atividades mais significativas deixam lacunas na sala de aula. Respostas são dadas, antes mesmo de se terem feito os questionamentos. Conteúdos passados em prol de seguir as obrigações dos documentos oficiais sem se importar com a aprendizagem. É irônico não serem as apostilas que nos seguem, mas nós que as seguimos. Perdem sua funcionalidade, não são mais guias e, sim, regras, normas invioláveis, que têm tempo próprio diferente do compasso que pulsa em cada sala.

As crianças parecem meio perdidas, nesse cenário; e quem não está? São tantas preocupações, cobranças, culpas, que tornam difícil parar para respirar. Fechados em salas de aula, mal percebemos o trabalho dos nossos vizinhos companheiros e, por tantas vezes, deixamos passar manifestações incríveis das crianças que acontecem diante dos nossos olhos. Essas criaturas frenéticas, curiosas e de potencial desvalorizado socialmente ensinam muito sobre afeto, cuidado, sobre conexão. Em geral, muito mais abertas para a vida e para o novo, se encantam com o despercebido pelos olhos da maioria. Se apegam aos detalhes das histórias, das aparências, se atentam aos pormenores.

Uma vez, lendo-lhes um livro, percebi que, enquanto eu me retinha ao texto e à mensagem prescrita, os alunos iam além, se conectavam de outro modo com aquela narrativa, buscavam em suas trajetórias acontecimentos em comum, passando a ser os

próprios contadores de histórias. E eu, perdida, sem saber qual o sentido daquela atividade, não sabia se me entregava ao que o momento tinha criado, ou continuava a ler o livro como planejava.

Apesar de muitos textos já terem me alertado, foi vivendo cada dia que percebi o quanto a flexibilidade se mostra tão relevante quanto uma preparação e um planejamento. Cada dia é um mistério despertado pela imprevisibilidade das crianças, trazendo uma multidão de sensações e sentimentos para se lidar.

Em uma das atividades de matemática com um estudante, estávamos discutindo fração, e, eu, buscando explicar o conteúdo, pegava seus lápis de cor, até que fui questionada pelo aluno sobre o porquê de não usar os lápis representados na imagem do livro. Aquilo parecia lhe incomodar, algo que poderia ser tão pequeno, mas que podia fazê-lo desistir da prática e me fez redirecionar minha ação. Quando percebemos que aquela imagem não era fiel ao que pedia o exercício, desenhamos novos elementos para ser coerente com o enunciado.

Sinto que tenho um compromisso com essas crianças e criei um vínculo, e é o vínculo que me fez querer ficar. Enquanto muitas outras práticas me entristecem ou revoltam, as crianças são as que mais me dão exemplos de como agir. Elas são ótimos guias, não me deixaram carente de acolhimento em nenhum momento, desde o começo, pegam na minha mão e me conduzem aos seus fantásticos universos. Me presenteiam, me demonstram afeto, das mais variadas formas, fazem questão que eu me sinta querida, e eu, de fato, me sinto. Me sinto aprendendo constantemente com suas atitudes, me divertindo com suas brincadeiras, mas também temendo como todo o desrespeito que sofrem irá afetá-las.

As crianças são, de fato, surpreendentes e abrem oportunidades de nos rever, se estivermos dispostos. Por outro lado, é complicado culpabilizar os profissionais da educação. Cada um, ali, tem suas responsabilidades, mas culpá-los é esquecer que estão inseridos em um sistema que os engole diariamente, cobrando por produtividade, desvalorizando seu trabalho e esforços. A exaustão parece ser norma e não exceção,

sendo sugados por critérios externos, demandas e por uma falta de preparação. A posição de estagiária, também, é muito delicada, como me opor às manifestações da professora? Será que o dia em que tiver minha turma vai ser diferente? Se a dificuldade de me posicionar me acompanha, como ter confiança nas minhas práticas em meio às críticas dos pais, da gestão, dos alunos? Até que ponto a confiança é saudável ou ela nos impede de nos rever?

A escola traz muitas dúvidas, muito mais que respostas. Traz muita energia acompanhada, inevitavelmente, de um cansaço. Traz angústia, ânimo, risadas, choros, tudo em um dia só. A escola é contraditória, se faz no dia a dia, nas suas complexidades, nuances, nos seus pormenores. A escola se faz, no aqui e no agora, assim como se faz na história. E cada situação que acontece, ali, parece ser inundada de singularidade bem como de preciosidade. Cada experiência única e relevante, todas beirando aprendizados e sentimentos que só são possíveis, se tem conexão. Às vezes, dá vontade de sair correndo, gritar com as nuvens, soltar trovões. Tem vezes que me faz querer deitar na grama, girar na chuva, rir do vento, em que minha mente vai ao encontro de uma tranquilidade ou se encontra mais confortável naquele chão. São dias e dias, e eu nunca sei qual me espera.

Talvez, essa seja a graça. Talvez, o grande aprendizado que as crianças conhecem de corpo inteiro é que o mais importante é estar aberto às experiências, à vida, à conexão.

## Referências

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer.

Petrópolis: Vozes, 1998.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. In: GERALDI, J. W.

A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores,

p.81-101. 2010.

FREINET, É. **O itinerário de Célestin Freinet**: a livre expressão na pedagogia de Freinet. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

## Parece que meu coração está dançando<sup>1</sup>

Luiza Munirih Humphreys Gardinali

Primeiro dia! Fui recebida com muito carinho, um sorriso da professora e muitos abraços das crianças: “Eu sabia que você ia voltar, Luiza”.

Quando cheguei, eles estavam a fazer uma atividade de escrita no livro. Tinham de completar: T\_c \_ \_ \_ \_ (teclado); e que dificuldade que é dizer essa palavra, tentativas muito dedicadas, e saiu de tudo: “tlecado” “tleclado” “tecladlo”. Abaixo da palavra, tinha uma imagem de um teclado, eles coloriram as letras dos seus nomes nesse teclado. No geral, foi uma alegria fazer essa atividade.

Vi carinhas conhecidas, mas, agora, estavam de óculos. Me lembrei: preciso ir ao oftalmologista.

Sentei-me com um amigo que fiz semestre passado. Vou contar um pouco sobre ele, utilizando-me de uma narrativa passada:

“Na maioria das vezes, quando uma criança está causando sofrimento nas outras, ela também está sofrendo. Este é o tipo de coisa que a gente esquece quando tem que lidar com um estudante que machuca os outros muitas vezes, que não os respeita. Em uma das semanas quando estava bem desesperançosa com uma das crianças e também com raiva dela, conversei com uma amiga psicóloga sobre a situação e ela disse o seguinte: é muito difícil quando estamos lidando com muitas demandas e aparece mais uma que não sabemos lidar e não é uma coisa pequena, é algo... Meu pai amado, alguém está em um sofrimento muito intenso. Este áudio me levou da minha cabeça ao meu coração. Eu sei o que é o sentimento de sofrimento. Não conheço o sentimento de meu novo amigo mas, se ele sofre, eu também sofro, minha frustração era em compartilhar este sofrimento e no momento eu não

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 911: *Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

percebia. Estava na hora de mostrá-lo algo que eu também conheço: a alegria, o desejo de estar aqui, de continuar aqui, de crescer aqui, de estar no meu corpo, de me conhecer mais, de estar com os outros.

Depois da conversa com minha amiga, tentei manter esta consciência e fui muito alegre, energizada e esperançosa para a escola, olhei para o estudante com amor. Quando cheguei, ele estava jogando terra em um colega, e com uma conversa animada e respeitosa consegui que ele jogasse a terra em outro lugar, quando ele estava muito nervoso, levei-o para caminhar, contei que também fico muito nervosa às vezes e muito ansiosa, que quando isto acontece costumo pegar um graveto e bater no chão, assim ele fez, mostrei para ele um método de respiração. Quando voltamos para a sala, não demorou muito para que ele sentisse muita ansiedade de novo, mas ele mesmo disse:

-Ainda bem que você me ensinou a respirar!

Outros desafios apareceram, mas estava tudo muito bem, porque eu tinha esperança que meu amigo se alegraria, e, só quando se tem alegria, se pode doá-la." (Junho de 2022)

Esse meu amigo não se esqueceu dos nossos momentos de respiração e pediu que saíssemos para respirar. Disse-lhe para sentir o sol. "O que você sente?", perguntei. "Parece que meu coração está dançando." Ele respondeu. Por essa, eu não esperava, estava, na verdade, tentando ajudá-lo a se concentrar nos seus sentidos, como o sol nos aquece. Mas ele sentiu muito mais que isso.

Estive com minha amiga Raquel<sup>2</sup> para ler para ela um gibi da Mônica, uma história do anjinho, perguntando a ela sobre o que as imagens dizem.

O momento da leitura acabou muito rápido e fomos almoçar, macarrão à bolonhesa, depois, foi a hora do parquinho, e estavam lá!... AS CIGARRAS! Todos brincando com suas cascas, colando-as na roupa, chegaram a colocar uma viva em mim e ela começou a subir o meu braço, que momento de parque mais divertido,

---

<sup>2</sup> Todos os nomes das crianças são fictícios, a fim de resguardar suas identidades.

pude dar colo às crianças do infantil que pediam por ele. Um banho de amor e ternura.

O amigo Caio não queria mais devolver a pobre cigarra ao parque, levou-a para a sala de aula e, lá, ela virou atração, demorou um tempo, mas conseguimos convencê-lo a deixá-la livre.

Depois estavam eles com seus livros de novo, estavam escrevendo uma parlenda: dedo mindinho; seu vizinho; pai de todos; fura-bolo; mata piolho.

Cheguei em um dia muito feliz, porque era aniversário do nosso amigo sorridente João, por isso, comi bolo! E cantei parabéns!!!



## Lentes e espelhos<sup>1</sup>

Maria Eduarda Lima de Souza

Até o dia 26/10/22, não sabia o que escrever. Muitos dias. Levo tudo pro lado pedagógico, metodológico: os 28 alunos do 3º ano A da escola em que estágio, estão passando pelo processo de alfabetização e aprendendo a desafiadora letra cursiva. Ali, me perco na parte “técnica da coisa” e, por mais que participe de muitos “momentos-afeto”, fora o afeto do explicar e auxiliar, ando perdendo reflexões, principalmente, pelo desacostume com o ambiente escolar, principalmente, pela recente volta à “normalidade”.

Hoje cheguei na escola e fui recebida por um abraço coletivo. Recebi-os, feliz, mas com um pequeno receio de estar atrapalhando algo. Foi, nesse momento, que fui bombardeada pela pequena H, dizendo: “Olha Prô, fiz igual o seu!” Quando me virei para ver, dei de cara com as pontas dos seus longos cabelos cor-de-rosa, iguais aos meus. Nesse momento, o ar estava mais denso e os movimentos na sala de aula aconteciam mais devagar: A ficha caiu. Fui, sou e serei professora, um adulto referência. Paulo Freire (1988, p. 26) diz: “Educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano.” O abstrato, o objetivo de estar aqui, e trilhar o caminho que me trouxe até esse momento de escrita, tornou-se concreto.

O meu processo de adquirir conhecimento se mostrou, no cotidiano, e me criou um laço afetivo tão grande que ocupou o espaço de admiração de uma pequena grande mente pensante. Entre diversas pessoas que H conhece, 28 só de colegas em sua sala de aula, seu pensamento foi em mim. Tudo isso me levou não só a pensar em minha educação, mas também na educação e no futuro que quero garantir para eles; a turma que mais gosta de

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 911: *Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

abraços em que eu já estive, que estão me ensinando que criar vínculos é muito mais fácil do que eu imagino, e que, quando a gente entra pra somar, o espaço é todo nosso. Campo aberto, coração aberto. Espalhando amor.

### **Referência**

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

## Conversa sincera sobre o medo<sup>1</sup>

Maria Júlia Romeiro Jardim

No primeiro semestre de 2021, iniciei meu primeiro estágio, em uma escola do setor privado. No primeiro dia de trabalho, fui conduzida à única turma de 1º ano da escola, a qual acompanhei durante o ano de 2021. Foi uma experiência duplamente intensa, já que estamos passando por uma terrível pandemia. Nos primeiros dias, estava muito insegura, tinha receio de ainda não ter os conhecimentos teóricos suficientes para atuar, para auxiliar os alunos e realizar o meu trabalho. Além disso, era algo novo, em um ambiente desconhecido e precisava me ajustar e auxiliar os alunos na adaptação da convivência escolar no meio da pandemia.

Para minha surpresa, parecia que as crianças já estavam acostumadas com o uso de máscaras. Fiquei admirada ao saber que usavam a máscara o tempo todo, que possuíam um recipiente em suas mochilas para descartar as máscaras sujas e trocar por máscaras limpas. Mas, é claro, que muitas ainda cometiam alguns descuidos, como abaixar a máscara para falar, colocar a mão na máscara ou esquecer de ficar distante do colega ou do professor. Ao mesmo tempo em que elas se lembravam das regras de higiene e distanciamento, iam logo lembrando os colegas: “Você não pode tocar no meu material, não podemos compartilhar”, ou “Depois de trocar a máscara, temos que passar álcool nas mãos”.

Para o retorno das aulas presenciais, a escola se adaptou ao ensino híbrido, alternativa bem comum para as escolas particulares da região. Nesse esquema, os alunos que escolheram retornar presencialmente frequentavam, diariamente, a escola, e os que julgaram não ser o momento de frequentar o espaço, ainda assistiam às aulas de suas casas. É importante ressaltar que a professora precisava mediar o que acontecia, remotamente

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2021.

e presencialmente, pois essas aulas eram simultâneas. Esse contexto me trouxe algumas inquietações, pois, todo o conteúdo do currículo era transmitido nas aulas, seja para as crianças que ficam em casa ou que vão para a escola. No *on-line*, algumas crianças não conseguiam acompanhar o tempo de aula, entrando na chamada mais tarde ou saindo, por sentir sono, cansaço. Na sala de aula, era preciso reforçar que as crianças fizessem silêncio, para que a professora conseguisse mediar a aula com o *on-line* e o presencial. Dessa forma, sentia que as crianças não conseguiam acompanhar a vivência dos conteúdos da melhor maneira, pois acabavam se perdendo nessa junção. Isso não era algo novo, pois, desde o início da pandemia, sabemos das condições de acesso dos estudantes às aulas remotas, sobretudo, os da escola pública. Mas, com o estágio, pude perceber que as crianças da escola privada, também, possuíam dificuldades para acompanhar e se adaptar ao ensino remoto, apesar de haver uma estrutura maior para que isso acontecesse.

O receio de não saber ensinar ou de não conseguir oferecer à criança aquilo que ela precisava permaneceu, e percebi que nos acompanha durante nossa formação e profissão. Pois cada criança é um ser único, que traz consigo bagagens diferentes, nos proporcionando outros olhares e aprendizagens sobre aquilo que acreditamos saber. No que observei, vi que a professora que acompanhei, também, se sentia insegura quanto ao seu trabalho durante a pandemia, muitas vezes, estressante; parecia sempre preocupada em satisfazer as necessidades das crianças e as dos pais que acompanhavam as aulas *on-line* junto com os filhos. As crianças estavam em fase de alfabetização, período tão importante em suas vidas, que estava sendo mediado, através de aulas remotas, sem o encontro, o contato físico, tão necessário.

Pensando nos registros dos acontecimentos, que comecei a praticar, após compreender a sua importância para nossa formação, gostaria de finalizar com essa experiência que tive com um aluno na última semana. Esse diálogo me tocou, pois demonstra como as crianças podem expor seus sentimentos e

conhecimentos, indo além do conteúdo apostilado e do material didático utilizado diariamente. Foi um momento baseado na escuta, na confiança e na troca de saberes.

Durante a aula de um material apostilado, que tinha o objetivo de trabalhar com as competências socioemocionais dos estudantes, e que ocorria semanalmente – as crianças estavam apresentando suas tarefas nas apostilas e o assunto era sobre o medo. A professora perguntou aos alunos sobre a lista de medos que possuíam e a maioria respondeu que tinha medo de insetos e do escuro. Na vez do Marcos (nome fictício do estudante), ele disse para a professora e para os colegas que tinha medo do escuro e de insetos também. Estava sentada ao seu lado, depois, ele se virou para mim e disse bem baixinho: “Você acha que contei os meus medos mais terríveis para ela? Conte apenas os mais fracos”. Fiquei assustada, pensei que havia acontecido algo com ele, pensando quais seriam esses medos. Então, perguntei do que ele tinha mais medo, e ele disse que me contaria, mas eu não poderia contar para a professora. Marcos me contou que seus maiores medos eram de formiga, de rã e de se afogar. A aula continuou acontecendo e Marcos me surpreendeu com mais uma reflexão. Me disse que o medo podia ser uma coisa boa. Então, pedi para ele explicar. “O medo impede a gente de fazer coisas loucas, tia. Como pular de um prédio ou entrar em um ácido.” Eu concordei, disse que o medo poderia nos impedir de fazer coisas que colocam a nossa vida em risco. Na continuação dessa aula, a professora perguntou para a turma se todas as pessoas possuíam o mesmo medo. A maioria da turma respondeu que não, pois cada um é diferente. Marcos me surpreendeu novamente com sua resposta: “As pessoas não têm o mesmo medo, porque se as pessoas tivessem o mesmo medo, essa coisa se tornaria real!” Nesse dia, Marcos disse que ficou feliz, que eu estava ao seu lado para conversar.



## O esperar e o construir, o esperar e o não desistir: reflexões de uma futura professora<sup>1</sup>

Nayra Ferreira de Almeida

Começo esta narrativa com uma frase do livro “O Homem que Roubava Horas” (Munduruku; Tokitaka, 2007) de Daniel Munduruku. Afinal, uma das coisas que ficou muito marcada, para mim, durante o estágio foram os momentos de arte-literatura com a contação de histórias. No livro, o autor nos fala as seguintes frases: “*E tocamos nossas vidas, olhando os relógios que marcam as horas de nossas vidas, e esquecemos de marcar nossas vidas no tempo!*” e “*Viva o tempo, não viva as horas. Só há um tempo: o agora. Tempo de chegar, tempo de ir embora. Quem vive seu tempo, faz história.*”.

O autor nos diz muito que, quem fica preso nas horas, não tem tempo para olhar o tempo; e, ao fazer o estágio, lembrei muito desse livro. Estar lá não foi apenas para cumprir 30 horas de estágio, não foi apenas ficar olhando no relógio, quando dariam 12h para ir embora. Pelo contrário, quando estava na escola, eu realmente esquecia do tempo do relógio e vivia o tempo do presente, do agora. Os dias que fui à escola, com certeza, fizeram história na minha formação. Pude perceber os mínimos detalhes de cada atividade, de cada ateliê e, acima de tudo, de cada criança. Pude viver, com eles, o tempo deles e parar o meu tempo, ali, ouvindo suas histórias e mergulhando no universo particular que é cada um. Além disso, percebo que foram histórias que marcaram minha vida, quando, até mesmo depois de ir embora da escola, ficava pensando e refletindo sobre os acontecimentos do dia, pensando em como foi uma manhã que já fez meu dia valer a pena.

No começo do semestre, antes de iniciar o estágio e, até mesmo no primeiro dia que fui à escola, tinha em mente que

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina EP 376: *Práticas Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

estava indo lá para aprender a como dar uma aula, que o que eu aprenderia seria como ensinar determinado conteúdo de uma disciplina, ajudar os alunos em suas atividades e, até mesmo, observar como era o cotidiano na sala de aula. No entanto, mal sabia o que me esperava nesse estágio e o quanto eu tinha que aprender, não com a aula em si, mas, sim, com aquelas crianças.

Logo no primeiro dia, já percebi o quão importantes seriam aquelas idas à escola para minha formação, o quanto seria diferente de tudo o que eu imaginei. Quando cheguei à escola, a professora me convidou a ir às quartas-feiras, pois era o dia em que ela aplicava os ateliês Imbernóm (2012) com as crianças. Fiquei muito feliz ao saber disso, afinal, sempre tive muita curiosidade para poder ver de perto, na prática, essa metodologia educacional. E sobre essa parte, referente a Freinet (1979), saí do estágio muito mais encantada do que já era, quando aprendi sobre a sua pedagogia, na faculdade. Achei incrível o quanto, realmente, dá certo ser aplicado em uma escola, até mesmo em uma escola de rede pública que não tem os recursos necessários.

Porém, foi aí que, também, pude ver que, muitas vezes, não precisamos esperar ter os recursos, mas sim fazer acontecer da maneira que podemos. E foi o que a professora dessa turma fez na sala. Ela me contou que só havia trabalhado a metodologia com uma turma até então e só havia testado a questão dos ateliês. Nesse ano, resolveu ir mais fundo, mesmo com os demais professores não querendo entrar com ela nesse caminho; ela foi sozinha e começou com as crianças, além dos ateliês, o livro da vida e o texto livre, o que vem dando muito certo nessa turminha.

Fiquei muito encantada vendo todo o trabalho Freinet na prática, vendo como ele realmente dá certo e o quanto as crianças gostam disso. Elas gostam de participar dos ateliês e elas mesmas se organizam para dar certo, escolhendo seus ateliês e tendo a noção de que precisam mudar e passar por todos. As aulas, a partir desse trabalho, mesmo sendo com conteúdos obrigatórios, acabam sendo divertidas e leves. As crianças aprendem de uma forma mais lúdica e conseguem dar sentido ao que estão fazendo ali.

Ao presenciar de perto a metodologia Freinet (*Ibid.*) nessa turminha de 1º ano e ver o quanto ela dá certo e o quanto é significativa, isso me fez ter mais esperança no futuro da Educação. Esperança em ver que, mesmo trabalhando em escolas tradicionais, com seus currículos e prazos a serem cumpridos, é possível, sim, sair do monótono e corriqueiro jeito de ensinar. É possível transformar a Educação que, por muito tempo, vem sendo enraizada no método tradicional. É possível, mesmo em uma escola que não utiliza outra metodologia ou que não tenha recursos, aplicar um método diferente. E o que mais me fez ter essa esperança foi ver que, enquanto estamos na faculdade, falamos muito em transformar o mundo e nossos alunos pela Educação. No entanto, quando cheguei na prática e me deparei com a realidade da sala de aula, eu pude perceber que não é tão simples, como pensamos. Muitas vezes, parece até uma utopia todo esse desejo transformador que temos na faculdade, porque, na realidade, as coisas são muito mais difíceis.

Mas, ao realizar esse estágio e ver a maneira como a professora trabalha com os alunos, o modo como ela aplica a metodologia Freinet, me trouxe esperança, esperança de que o desejo de transformar não é utópico, que é difícil, sim, mas não impossível, e depende única e exclusivamente de nós mesmos, nós, enquanto professores, buscarmos as brechas em meio a tanta burocracia para poder mudar, mesmo que isso signifique ir sozinho nesse caminho, como no caso dessa professora. Mesmo que seja um trabalho de formiguinha, eu percebi, nesse estágio, que é possível buscarmos uma Educação diferente para as nossas crianças, é possível, sim, ser o professor da mudança e acreditar em uma Educação melhor, uma educação para a transformação. De certa forma, o que este estágio mais me trouxe, o que a turminha e a professora me trouxeram, foi o verbo “esperançar” (Freire,1997).

Além disso, como também já comentei na narrativa passada, o modo como a professora leva suas aulas e o jeito que ela trata seus alunos, o modo como trabalha e os escuta, me fez refletir na

professora que eu quero ser. O modo como ela tem uma escuta ativa, tem paciência e sabe lidar com cada aluno, me fez criar uma admiração muito grande por ela. Todo o estágio foi como um espelho, para mim, um espelho que refletiu a professora que eu também quero ser e a Educação que eu quero transmitir.

Mas, é claro, que nem tudo são mil flores. Falando assim, até parece que só há coisas positivas. No entanto, também, nesse tempo de estágio, nas conversas com a professora e nas observações que fiz, pude notar como, realmente, é grande o descaso do sistema público com a Educação. O que mais me tocou foi a professora me contar que, na sala, há dois alunos autistas e um cadeirante, e, desde o começo do ano, eles pediram para a prefeitura uma pessoa para ajudar na sala, mas, até hoje, não colocaram ninguém. A professora de Educação Especial quase não fica na escola, pois precisa cobrir outras escolas, e quando vai uma vez na semana, precisa trabalhar com alunos de todas as salas. O aluno cadeirante está matriculado desde o começo do ano letivo, mas só começou a frequentar a escola em maio, pois, até então, não havia uma cuidadora que pudesse ficar com ele, pois, além de ser cadeirante, ele não fala e tem outras necessidades que precisam de um cuidado especial. Ao notar essas situações, fiquei vendo como, realmente, o sistema é falho, e o quanto não estão preocupados em fornecer uma Educação de qualidade para seus alunos, o que é direito deles por lei.

Para além disso, outra coisa que me tocou muito nesse estágio foi a questão de conhecer um pouco da realidade e da vida de cada aluno, os momentos de contação de histórias fizeram com que eu me aproximasse muito deles, e, com isso, eles compartilharam um pouco da vida deles comigo. Muitas vezes, foram difíceis as histórias que escutei, histórias que me fizeram realmente me colocar no lugar daquela criança, me fizeram sentir e ver que cada um é um universo particular, e que, dentro do seu mundinho, existe tanta coisa com as quais elas não sabem lidar, e muito menos nós, ao ouvir a história.

No entanto, tudo isso me fez ver que nem sempre eu estarei no controle de tudo, nem sempre terei uma resposta para aquele aluno, nem sempre saberei o que é o certo a se fazer. Mas, em todas essas vezes, eu preciso do meu lado humano, além de professora. Aprendi nesse estágio que está tudo bem ser assim, está tudo bem não ter uma resposta certa. Muitas vezes, só precisamos ser humanos, precisamos dar o acolhimento e o afeto que aquela criança precisa naquele momento. Depois desse estágio, entendo que ser o professor transformador que Paulo Freire (Freire, 1997) tanto nos fala é mais do que só transformar ensinando conteúdos, é ser também transformador de afeto e empatia.

Por fim, eu poderia ficar falando, nesta narrativa, o quanto também aprendi do lado mais pedagógico, com as atividades propostas pela professora, com os momentos em que me sentei com as crianças e os ajudei nas lições e tudo mais. Porém, escolhi falar, nesta narrativa, sobre o que mais me marcou, sobre o que mais me fez refletir: que é a professora que eu quero ser, que é o jeito de se trabalhar com os alunos. Por fim, acredito que as palavras que mais resumem a minha experiência, nesse estágio, são afeto e esperança, porque foi isso que, de certa forma, esse estágio me proporcionou. Falo tanto em transformação pela educação, mas quem saiu transformada dessa escola fui eu, transformada em uma forma de ver a rotina da sala de aula de um jeito mais leve, transformada tendo mais esperança no futuro da educação e sabendo que essa transformação começa, aqui e agora, que começa com o trabalho de formiguinha, mas que, para cada criança, isso pode ser uma coisa gigantesca. A transformação começa aqui no verbo “esperançar” (Freire, 1997).

## Referências

- FREINET, É. **O itinerário de Célestin Freinet**: a livre expressão na pedagogia de Freinet. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: São Paulo, 1997.
- IMBERNÓM, F. **Pedagogia Freinet**: A atualidade das invariantes pedagógicas. Trad.: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2012.
- MUNDURUKU, D. & TOKITAKA, J. **O homem que roubava horas**. Editora Brinque-Book, 2007.

## Adulto também chora ou sobre experiências de estágio na EJA<sup>1</sup>

Sabrina Pedroso Brochine

Há algumas semanas, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram para uma "excursão", dentro de Campinas, na Avenida Barão de Itapura. O objetivo era expor um trabalho feito, coletivamente, pela turma com a ajuda da professora. Essa atividade consistia em um mapa do Brasil, relativamente grande, recortado pela professora, que pediu para os alunos fazerem bonequinhos representando eles mesmos. Ela colou os bonequinhos em suas respectivas regiões e estados, de onde os alunos vieram, e conectou com um fio, ligando todos a Campinas, mostrando a migração realizada pela maioria dos alunos da turma, a fim de demonstrar a pluralidade da sala, visto que vários alunos vieram de diferentes regiões do Brasil, principalmente do Nordeste.

Um dia antes, eu estava em sala de aula e lembrei-lhes da excursão. Alguns ficaram super animados e falaram que não perderiam por nada. Seu J disse: "Professora, se você me chamar pra ir na padaria, eu vou". Já outros alunos não ficaram tão entusiasmados. Dona T, uma aluna que sempre vê o "copo meio vazio", ao ponto de nunca acreditar que ele vai encher, começou a falar que ela não iria ao passeio, pois tem muitos problemas pessoais e não queria perder tempo com aquilo, enxergando aquela atividade como algo não escolar, não formativo. Dona T é uma aluna complexa, qualquer "errinho" que ela comete, ela fala: "Sabrina, quero ir embora, estou com dor de cabeça, não estou conseguindo fazer", então a gente senta e fala - "Calma, eu estou aqui para te ajudar, cê não tá sozinha"- e a gente tenta de novo.

Voltando ao evento, no outro dia, eles foram lá e adoraram; mas têm alguns pontos e ocasiões que eu destacaria. Como

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

estavam com outras turmas, ficaram muito interessados com os projetos artesanais realizados. A professora C explicou que aquilo é criado por outro projeto dentro da escola, para pessoas com mobilidade reduzida, logo a alfabetização não era o foco no processo de aprendizagem. Foi uma exposição bem rápida e durou pouco tempo, mas, nesse meio período, o aluno Seu J, que disse que ia ao banheiro, sumiu, o evento já tinha acabado e todo mundo começou a procurar por ele. Depois de um tempo, ele entrou no evento e a professora já assustada perguntou o que tinha acontecido e Seu José, calmamente, respondeu: "Fui no banco aqui do lado, tirar extrato". Apesar de toda a situação, foi inevitável não rir.

Em contrapartida, temos outro momento que aconteceu em sala de aula. Certo dia, ocorreu uma pequena discussão entre duas alunas, por motivos banais, que eu nem me lembro agora. Entretanto, após isso, eu e a professora C fomos corrigir a lição da A, uma das alunas que estava brigando e ela começou a chorar, falando que nunca faz as coisas certas e que ninguém tem paciência com ela. A professora saiu para conversar com ela e eu continuei a ajudar os outros alunos, todos os outros comentaram comigo que eles não têm muita paciência com a A, que ela é uma pessoa muito difícil de lidar e que eles se sentem incomodados ao se relacionar com ela. Ao fim da aula, a professora veio conversar comigo falando que a aluna estava sensível, pois estava passando por uma crise financeira e, ao ir na igreja, o pastor falou que mesmo passando essa crise, ela não podia deixar de pagar os dígitos e ofertas, a aluna se sentiu muito envergonhada e estava muito sobrecarregada no dia. No outro dia, essa aluna veio conversar comigo, pediu desculpas, e ficamos alguns bons minutos falando sobre a vida. Essa situação me fez refletir o quão intrincadas são as relações da EJA, onde os alunos sempre trazem com muita potencialidade a complexidade da vida adulta para dentro da sala de aula.

Com isso, gostaria de destacar que estar na EJA é ter esses momentos que só existem nesse espaço, é lidar com essa

autonomia que os alunos têm por serem adultos, mas também sem esquecer que eles estão passando por um processo que lhes foi negado. É compreender que o adulto também chora, que o adulto também briga com o colega, que ele ri, que ele também quer brincar, mas com a sensibilidade de compreensão de que aqueles alunos precisam de nosso auxílio, não apenas para aprender a ler e escrever, mas para fugir um pouco das diversas e enormes responsabilidades e dificuldades que a vida adulta apresenta para eles.



## As surpresas do reencontro<sup>1</sup>

Stéfanie Anastácia de Sousa

*E hoje quero confessar  
Que a infância me fascina...  
E que eu daria tudo...  
Pra ficar de novo pequenina!.*  
(Piovesan, 2024)

É curioso pensar no eterno retorno do encontro, como seres humanos, vivemos em um constante processo de estabelecimento de relações. Quantas pessoas, podemos conhecer ao longo de nossa trajetória na Terra? Diariamente, presos em nossas rotinas caóticas, vamos nos esbarrando com o outro nos corredores da vida, sem tempo para parar, continuamos correndo sem notar a presença daqueles que nos cercam e, assim, vamos sendo, reciprocamente, afetados pela existência do outro.

Reflico sobre a metodologia do afeto, presente, aqui, como verbo, não puramente como substantivo. “Afetar” no sentido mais específico da palavra, não somente como uma experiência inata de sentimento, emoção e humor. Afetar no sentido daquilo que atravessa a mim e ao outro.

Nesse semestre, tudo me levou de volta à escola, na qual realizei meu primeiro estágio nos anos iniciais. Confesso que o sentimento que me dominava era de insatisfação, não por ter alguma aversão aos momentos que passei no chão na escola, mas, sim, pela forte necessidade que crescia, em mim, de viver e experimentar algo novo.

Chegando na escola, junto com outras colegas, iniciamos um *tour* com a diretora. Aos poucos, fui sendo invadida por um sentimento de nostalgia, os funcionários foram me reconhecendo, assim como algumas crianças, que, mesmo não sendo da minha

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

turma, haviam de certa forma, notado minha presença e diziam: *“Você não é do primeiro ano?”*

A turma com a qual atuei, anteriormente, ficava na última sala do corredor, ao chegarmos lá, encontramos a porta aberta, a professora utilizava a impressora, uma nova aquisição da instituição e a euforia de todos era perceptível.

Ao notarem nossa presença, as crianças do 1º ano, rapidamente, saíram porta afora, em menos de um minuto, me encontrei cercada por um abraço coletivo, uma imensidão de afeto, por um breve momento, cheguei a me desequilibrar, me segurando no batente da porta. Assim que passaram as declarações de saudades, adentrei novamente à sala. Logo, as perguntas começaram a surgir, muito entusiasmados com minha presença, questionavam se eu estaria novamente junto a eles. Senti a falta de um garoto da turma, perguntei se havia faltado e me disseram que não, porém não sabiam onde se encontrava; minutos depois uma das crianças saiu da sala, e, ao sair no corredor, vejo que encontrou o estudante “desaparecido” e consigo escutar sua fala sussurrada: *“Você não vai acreditar quem tá na nossa sala...”*

Naquele instante, compreendi que todas as experiências são, por essência, algo novo. O que muda são as perspectivas, o modo com o qual você decide atuar e encarar o mundo. Como sujeito, você nunca é ou poderá ser o mesmo, pois está em um contínuo processo de evolução.

Por muito tempo, um dos meus maiores medos, foi o esquecimento. Chega a ser irracional, uma vez que é inevitável, já que estamos todos condenados ao fim. Todavia, não ser capaz de deixar uma marca no mundo é algo que ainda me aflige em certos momentos, mas penso que a única forma de escapar dessa condição humana é permanecendo nas memórias daqueles que, por nós, foram afetados. Desejo, como futura profissional do campo da Educação, que possamos continuar afetando, de maneira positiva, a vida de tantas crianças que, em sua miudeza, ocupam um espaço tão grande.

## Referência

PIOVESAN, C. **Ficar de novo pequenina.** (poema). Disponível em: < [https://www.pensador.com/autor/celia\\_piovesan/](https://www.pensador.com/autor/celia_piovesan/)>. Acesso em: 18 jul. 2024.



## Primeira Narrativa<sup>1</sup>

Weid Rafaela de Lima

Gostaria de comentar, brevemente, sobre a turma que estou acompanhando desde o início de setembro antes de escrever sobre a situação escolhida. Os alunos possuem entre 9/10 anos, estão aos cuidados da professora Joana<sup>2</sup> e foram super receptivos comigo. Logo, nos primeiros dias, já criamos uma amizade e, pelo fato de sentar sempre ao lado direito da sala, acabei me aproximando dos alunos que sentam ao redor, e criamos algumas “estratégias” de interação. Uma delas é o papel adesivo, conhecido como *post-it*. Meu estojo e meu diário de campo estão cheios de papéis rosas, laranjas e amarelos. E o mais interessante é que eles não me escreviam durante as atividades, mas sim, no tempo livre que sobrava entre elas. Alguns vinham até a minha mesa e conversávamos “pessoalmente”, ou líamos um livro, ou pintávamos algo. Já outros, como comentei, começaram a escrever bilhetinhos, até mesmo o que sentava ao meu lado. A ideia do bilhete parecer ser algo secreto os entusiasmava, como se estivéssemos escrevendo coisas que não poderiam ser ditas em voz alta. O que não era verdade, já que me escreviam sobre o recreio, a aula ou o que fizeram no final de semana. Isso já explica a imagem que colocarei ao final da narrativa.

Confesso que escolher apenas uma situação para relatar, detalhadamente, é uma tarefa difícil, pois, o estágio está me surpreendendo de tantas formas que parece injusto pegar só um pedacinho da experiência. Entre os diversos momentos marcantes, um deles se destacou na minha mente, porque me afetou de uma forma diferente, um misto de emoção e sentimento. A situação escolhida é a respeito do Caio.

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

<sup>2</sup> Nomes presentes na narrativa são fictícios.

Conheço o Caio, desde quando ele era mais novo, fomos vizinhos, não muito próximos, por alguns anos. Como ele ainda era pequeno, percebi que não me reconheceu, rapidamente, tanto que ficou espantado, quando eu disse o nome dele antes que se apresentasse para mim. Demorou um pouco mais para que ele se soltasse e conversasse comigo, acredito que só na terceira semana, e foi por meio de um livro. Sempre que os alunos acabam a atividade proposta, possuem a liberdade de realizar outra coisa, como, pintar, conversar, ler os livros da estante da sala, ou realizar algumas atividades que a professora colocou em uma caixa no fundo da sala. Nesse dia, em que conversamos pela primeira vez, assim que terminei de ajudar alguns alunos com a atividade de matemática, também fui até a estante para escolher um livro e, como já tinha lido alguns, demorei um pouco mais para escolher qual leria. Então, ele parou do meu lado, olhou, percebeu que eu estava indecisa, e conversamos.

C: — “Você pode ler o Pocotó, a turma gosta muito desse”.

Eu: — “Sério? E você, já leu ele sozinho?”

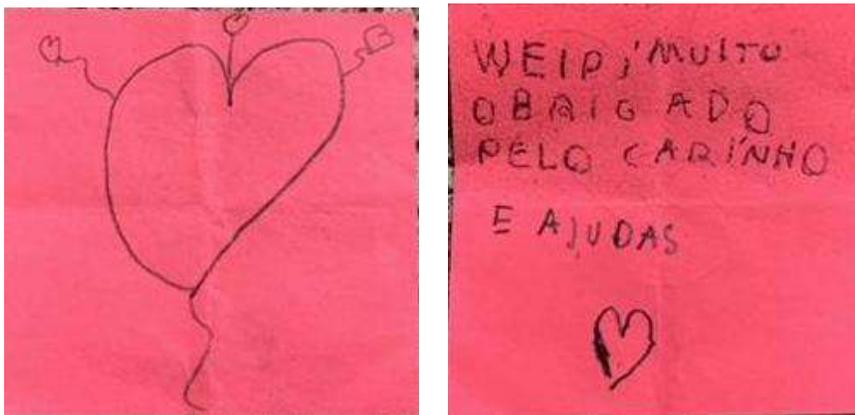
C: — “Sim, muitas vezes, já até decorei a história.”

Eu: — “Mas, eu gostaria que lesse comigo mesmo assim, pode ser?”

C: — “Tá bom!”

Lemos, intercaladamente. Eu lia uma página, ele, a próxima, depois, eu lia novamente, e ele, a seguinte, até que, quando percebi, já estávamos no terceiro livro. Foi tão natural que parecia que já tínhamos lido juntos anteriormente. Confesso que me admirei com a leitura dele, era fluida, leve e com entonação. Sei que ele também gostou do momento, pois, logo que terminamos o terceiro livro e a professora começou a explicar a próxima atividade, ele a realizou, rapidamente, corrigiu e já pegou outro livro para lermos. A partir desse dia, em quase todos os momentos livres, líamos juntos e isso despertou interesse em outros alunos que começaram a ler conosco.

No último dia de estágio, o Caio me abraçou e chorou, dizendo que ficaria com saudades. Também me entregou um último *post-it*:



Fonte: Arquivo da autora.

E eu encerrei o dia com o coração mole e a mente cheia de boas memórias. Ler é mágico. Estagiar é mais ainda.



## Segunda Narrativa<sup>1</sup>

Weid Rafaela de Lima

“Tome café com os gestores. É durante o café que você criará vínculos e descobrirá sobre a escola”. A saudosa Prof.<sup>a</sup> Adriana Momma disse isso, logo nos primeiros encontros do meu estágio de gestão, que realizei com ela. E faz todo o sentido. Mas, eu não fui só tomar café com os gestores, também, almocei com as crianças, durante os meus dois estágios nos anos iniciais. E, agora, talvez, eu completaria a frase: “Tome café com os professores/gestores, mas não deixe de almoçar com os alunos.”

Assim, conheci melhor os alunos em 12 almoços, 240 minutos de recreio e 4 horas do meu estágio, e ainda tomei café na saída com os professores. Então, conhecer a escola me levou dois semestres, quatro narrativas, dois projetos e dois relatórios. Hoje, com o coração apertado, vejo que terminar o estágio dessa disciplina foi encerrar as idas a uma escola que me proporcionou muitos momentos de aprendizagem.

Focando no estágio, confesso que fiquei temerosa, no primeiro dia, mas tudo passou quando, ao sentar no fundo da sala, uma aluna se aproximou e perguntou: “Você é aluna nova?” Pensei em falar que não, que era só uma estagiária, até que percebi ser uma aluna, só mudavam as habilidades que gostaria de desenvolver. E, a partir daquele momento, tudo fluiu e comecei a me colocar no mesmo nível das crianças, afinal, éramos colegas de classe, não?

Antes de narrar mais sobre os alunos, acredito que devo contar a respeito da professora que acompanhei. O nome dela é Joana<sup>2</sup>, e ela já leciona há muitos anos, no entanto, isso não significa que ela não tem medo de errar, igual a quem está começando. Durante o

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito da disciplina *EP 911: Estágio Supervisionado II - Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, durante o ano de 2022.

<sup>2</sup> Os nomes presentes na narrativa são fictícios para resguardar as identidades.

café, ela me contou que, geralmente, fica responsável pelas turmas do 2º ou 3º, mas que, nesse ano, ficou com uma turma do 4º. Comentou, também, que, logo no início do ano, ela sentou em roda e conversou com os alunos sobre suas preocupações, explicando que não possuía muita experiência com o conteúdo, com a dinâmica da faixa etária e tinha medo de não saber orientá-los, e por isso, pediu auxílio a eles. E, assim, eles criaram uma amizade genuína, de cooperação, compreensão e respeito.

Por ser um ambiente acolhedor e amoroso, estagiar no 4.º ano B foi encantador. Tanto pelas contribuições da professora à minha formação, quanto pelas trocas de experiências com os alunos. Como comentei, na primeira narrativa, criamos estratégias para nos aproximarmos: os *post-its*, os almoços, as leituras realizadas em grupo, o auxílio durante as atividades e as conversas com a professora. Eu, realmente, virei parte da turma, era incluída nas atividades em grupo ou em dupla, quando tinha folhinha impressa ou desenho, eles pegavam uma a mais para que eu fizesse também, queriam que eu participasse da Educação Física e até tentaram me incluir nos brinquedos infláveis do dia das crianças.

No último dia de estágio, tive que me despedir de uma turma que me acolheu, que me incluiu nas dinâmicas, que me proporcionou muitos momentos de alegria e de aprendizagem. Mas, mesmo com o término do estágio, tenho os nossos dias no meu caderno de campo, nas fotos no celular e nas memórias. Espero que as memórias não se percam, pois elas são especiais.

A estante de livros da sala



Fonte: Arquivo da autora.

Como escrevi, eu também realizava as atividades. Essa é a minha árvore da aula de artes. (Sim, eu não sei desenhar uma árvore direito).



Fonte: Arquivo da autora.

Segundo o João, essa sou eu:



Fonte: Arquivo da autora.

Ganhei muitas pulseiras durante o estágio. Essa foi da Malu, ela me deu um dia após ter me perguntado se eu queria ser a melhor amiga dela.



Fonte: Arquivo da autora.

Aqui, estavam ensaiando para a festa do dia das crianças no pátio da escola.



Fonte: Arquivo da autora.

Atividade folclórica. A professora falou para realizarem em duplas. Essa é a minha produção e do Caique.



Fonte: Arquivo da autora

Minha tentativa de desenhar a bandeira do Brasil. O Caique disse que eu deveria estudar mais geografia, porque pintei errado.



Fonte: Arquivo da autora.

Finalizo a narrativa com essa foto. Nela, o Caio e o Paulo se incomodaram com as sujeiras de lápis que estavam no chão e resolveram varrer a sala toda. Depois, ainda passaram álcool em todas as carteiras. No final da limpeza, a turma e a professora os parabenizaram.



Fonte: Arquivo da autora.

## Sobre as/os/ês autoras/es/ies

### **Arieta Marafon Fabrício**

Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, estudante do Mestrado Acadêmico em Educação da Unicamp, do grupo de pesquisa MEMÓRIA, sob orientação da Profa. Heloisa Helena Pimenta Rocha. Professora do ensino fundamental I da Prefeitura Municipal de Vinhedo.

### **Barbara Renata Pereira Cruz**

Geógrafa, pela Universidade de São Paulo (USP), e pedagoga, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mãe do Danilo, que buscou, na Pedagogia, uma base mais sólida para ser uma melhor professora de Geografia, mas que, no meio do caminho, foi arrebatada pela Educação infantil.

### **Camilla dos Santos Pierani**

Formada em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, atua na Maple Bear - Unidade Granja Viana.

### **Eduarda de Oliveira Veríssimo da Silva**

Artista e estudante de Pedagogia. Começou a publicar pequenos contos na *internet*, durante a pandemia da Covid-19. Em 2022, escreveu e ilustrou seu próprio livro: *Estela e a estrelinha que não brilhava* (Pangeia Editora, 2023). A partir do lançamento do seu livro, foi convidada a participar do conselho de cultura municipal de Nova Odessa, onde, atualmente, ocupa a cadeira de Artes literárias.

### **Estéfani Alexandrina Venâncio de Moraes**

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### **Estefani Aparecida Ferreira de Araújo**

Estefani Araújo, mais conhecida como Esté, campineira, nasceu no Hospital das Clínicas da UNICAMP, universidade, na qual,

dezessete anos mais tarde, seria aluna e se formaria pedagoga. Atualmente, é professora de Educação Infantil na turma do Toddler (1 ano e 6 meses até 3 anos), turma que adora e é feliz em estar.

### **Gabriela Araujo Silva Carneiro**

Estudante do último ano do curso de Pedagogia - noturno, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### **Giulia Martins Amarante**

Graduanda, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desde o ano de 2020. Por meio das diversas disciplinas de estágio oferecidas, pode ter um contato direto com a Educação e adentrar o meio educacional. Participa do subprojeto do Programa Residência Pedagógica, da CAPES, em que atua com turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, na disciplina de Sociologia. Também trabalha como Agente de Educação Infantil em uma escola municipal de Campinas, com as turmas de Agrupamento 1 e 2.

### **Guilherme Gonçalves Costa**

Possui Mestrado (2020) em Química (Química Analítica), pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e graduação (2017) em Química (Bacharelado em Química), pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Atualmente, cursa o Doutorado em Química, também pela Unicamp. Participa da linha de pesquisa de Ensino de Química, com ênfase em desenvolvimento profissional e conhecimentos e identidades profissionais docentes para atuação no nível superior.

### **Joví da Costa Viana**

Graduande, em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e atua como Agente de Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Campinas.

### **Júlia da Silva Oliveira**

Sou estudante de Pedagogia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e apaixonada por livros e pelas artes em geral. Venho, também, desenvolvendo minhas habilidades com ilustração e edição de imagens. Portfólio: [www.behance.net/julia-silva](http://www.behance.net/julia-silva)

### **Juliana Parizoto de Lucio**

Estudante de Pedagogia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### **Laura Argento**

Formada em Artes Cênicas e Mestre em Educação, ambos pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É atriz e professora de teatro há dez anos.

### **Letícia de Lima Santos**

Estudante de Pedagogia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Trabalhou como auxiliar de classe no colégio Progresso Bilíngue - Cambuí.

### **Livia Naomi Chiba**

Entrei no curso de Pedagogia no ano de 2019. Desde então, comecei minhas experiências e vivências dentro da Educação. Já no final de 2019, iniciei um estágio extracurricular em uma escola particular bilíngue, na Educação Infantil. Após a pandemia, comecei outro estágio extracurricular em outra escola particular, permanecendo lá por dois anos (2021 e 2022). Atualmente, desde o início de 2023, trabalho na Prefeitura de Campinas, como Agente de Educação Infantil. Ainda pela graduação, tive oportunidade de realizar uma Iniciação Científica com o tema "O que é deficiência e capacitismo?", a qual estou dando continuidade, por meio do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Também, estou tendo a oportunidade de atuar como residente, por meio do Programa Residência Pedagógica (CAPES), em uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

### **Luísa Magro Krüger**

Estudante de Pedagogia, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Realizei estágio na CEI Presidente Arthur Bernardes e na EMEI Ângela Zakia Cury. Tenho experiência de contação de histórias para as crianças, durante a pandemia, e fui orientadora sócio-psicopedagógica no Cursinho Popular TRIU.

### **Luiza Munirih Humphreys Gardinali**

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### **Maria Beatriz Pugiali Leme**

Sou aluna de Pedagogia e trabalho como auxiliar de classe (estagiária), desde o 2º semestre de 2018, meu ano de ingresso. Fiz parte do Programa Residência Pedagógica, da CAPES, e estou em processo de publicação das narrativas produzidas com as professoras Inês Ferreira de Souza Bragança (Unicamp) e Juliana Batista Faria (UFMG).

### **Maria Eduarda Lima de Souza**

Estudante de Pedagogia, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### **Maria Júlia Romeiro Jardim**

Estudante da Pedagogia - noturno, desde o ano de 2019. Realizei as disciplinas de estágio, durante a pandemia com a professora Adriana Varani. Atualmente, sou Agente de Educação Infantil na Rede Municipal de Campinas.

### **Marina Meyer da Silva**

Formada em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (2020) e mestranda em Educação (FE/Unicamp), sob a orientação da Profa. Eliana Ayoub. Pós-graduada em ensino bilíngue e professora de Inglês.

### **Mayara de Oliveira Peres**

Atua como Professora de Educação Física, na Rede Municipal de Campinas, na qual já trabalhou, também, como Agente de Educação Infantil. É especialista em Educação para Inserção Social, pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP) de Campinas, e pedagoga, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### **Nayra Ferreira de Almeida**

Estudante de Pedagogia, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com ingresso em 2018.

### **Priscila Cristiane Valerio Freitas**

Meu nome é Priscila e minha segunda graduação é em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sempre estudei em escola pública, mas minha trajetória escolar não foi nada libertadora. Tive oportunidade de voltar para a Universidade, agora pública, e aprender a compartilhar, a romper e a resistir. Quantas possibilidades e caminhos essas aprendizagens me trouxeram! Sigo agora aprendendo com os meus mestres, meus companheiros e as crianças.

### **Sabrina Pedroso Brochine**

Aluna de Pedagogia e formada em Ciências Sociais. Atualmente, estagia na Fundação Municipal de Campinas (FUMEC) e realiza pesquisa acerca da Educação de Jovens e Adultos – EJA Prisional, na Fundação Casa.

### **Stéfanie Anastácia de Sousa**

Sou pedagoga em formação, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tenho Técnico em Meio Ambiente pela Etec Getúlio Vargas. Já participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e, hoje, faço parte do Programa Residência Pedagógica, da CAPES.

**Weid Rafaela de Lima**

Graduanda em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

## **Sobre as/os organizadoras/es**

### **Adriana Varani**

Professora Livre-Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no Departamento de Ensino e Práticas Culturais (DEPRAC). Mestre e Doutora em Educação pela Unicamp. Faz parte do Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (Loed) e coordena o Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação (Grecotidiano).

### **Bruna Brito da Silva**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas. Professora de Educação Infantil pela Rede Municipal de Campinas.

### **Carollina Martins de Paiva Ribeiro**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), com bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Possui Mestrado em Educação (2021) e Bacharelado em Ciências Biológicas (2016), ambos obtidos na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Integra o Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (Loed) e o Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação (Grecotidiano), ambos da FE/Unicamp.

### **Guilherme do Val Toledo Prado**

Professor Titular em Educação Escolar da Faculdade de Educação da UNICAMP. Coordenador do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada e participante do Nozsoutres - Círculo de Estudos Narrativos em Educação. Com experiências na área de Educação, com ênfase nas Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como consultoria e assessoria à projetos educativos centrados na

escola, atuando na graduação e pós-graduação no seguintes temas: formação de professores - inicial e continuada, epistemologia da prática docente, professor-pesquisador, escrita docente, investigação educacional e pesquisa narrativa.

### **Inês Ferreira de Souza Bragança**

Professora Livre-Docente na Área de Educação Escolar da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Coordena o Centro de Memória da Educação da FE/UNICAMP, o Grupo Interinstitucional de Pesquisa Formação Polifonia (GEPEC/UNICAMP e Núcleo Vozes FFP/UERJ) e a pesquisa em rede Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica: diálogos latino-americanos.

### **Juliana Rink**

Professora do Departamento de Ensino e Práticas Culturais/FE/Unicamp. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas FORMAR-Ciências (FE-Unicamp). Licenciada em Ciências Biológicas, mestre e doutora em Educação. Possui interesse e experiência nos temas Formação Docente, Educação Ambiental e Ensino de Ciências.

### **Mateus Henrique do Amaral**

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Educação e licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Integra o Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (Loed) e o Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação (Grecotidiano), ambos da Unicamp. É associado à Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3732-926X>

As teorias pedagógicas disponíveis não explicam o ocorrido. E, muito menos, teriam condições de prever o que ocorreria na Pandemia. Seus textos revelam a nulidade das respostas prontas e fáceis que são, muitas vezes, oferecidas pelos manuais didáticos baseados no (neo)tecnicismo, ou currículos produzidos em série e transformados em material didático de massa! Narrar essas histórias significa vivê-las de novo, refletindo sobre o vivido e produzindo conhecimentos novos e complexos do campo da educação.

*Corinta Maria Grisolia Geraldi*